

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JULIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO

HENRIQUE GUILHERME DOMINGOS DE SOUZA

**TELEVISÃO ANALÓGICA E TELEVISÃO DIGITAL
- O FUTURO DO TELEJORNALISMO**

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social - Jornalismo, Departamento de Comunicação Social, como requisito parcial para a obtenção do título de BACHAREL EM COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO, pela Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”.

Orientador: Prof. Dr. ANTONIO CARLOS DE JESUS.

**Bauru / SP
2009**

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JULIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO

TERMO DE APRESENTAÇÃO

A monografia **TELEVISÃO ANALÓGICA E TELEVISÃO DIGITAL - O FUTURO DO TELEJORNALISMO**, apresentada por **HENRIQUE GUILHERME DOMINGOS DE SOUZA**, graduando do Curso de Comunicação Social - Jornalismo, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, apresentada em 07 de dezembro de 2009, teve como membros da banca examinadora:

Prof. Doutor ANTONIO CARLOS DE JESUS
Orientador e Presidente da Banca

Profª Assistente Maria Helena Gamas
Membro

Jornalista Carlos Alberto Bonatelli
Membro da Banca

Bauru, 04 de dezembro de 2009.

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho aos meus pais, Guilherme e Nilsa, que colaboraram para que eu pudesse me dedicar aos estudos durante os quatro anos do curso de Jornalismo; graças a eles pude concluir mais uma etapa da minha vida

Dedico também a todos os meus familiares que, de forma direta ou indireta, me apoiaram e auxiliaram no decorrer dessa caminhada.

AGRADECIMENTO

Primeiramente agradeço a minha família, que sempre me apoiou em todos os momentos da minha vida; sem ela eu não conseguiria ter concluído este trabalho da forma como gostaria.

Aos meus pais, Guilherme e Nilsa, por toda a dedicação, amor, carinho que me destinaram e a educação e os princípios que me ensinaram; estejam certos de que sempre pretendo segui-los.

A minha irmã Danubia, pela ajuda, pelas conversas e pelo apoio nos momentos em que passei por algum tipo de dificuldade, tanto para a execução deste trabalho, quanto em outros casos.

Aos meus amigos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a conclusão deste trabalho.

À professora Dra. Maria Cristina Gobbi, que, em alguns momentos, me ajudou no desenvolvimento da pesquisa, contribuindo para que o trabalho fosse produzido da melhor maneira possível.

Ao Jornalista Mozarth Dias, que também me ajudou no decorrer da monografia, emprestando livros e sugerindo bibliografias.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 TV DIGITAL	13
1.1 Primeiros passos	14
1.2 TV digital móvel	14
1.3 O padrão nipo-brasileiro de TV digital – HDTV	14
1.4 TV digital interativa – TVDI	15
1.5 Entre o analógico e o digital	18
1.6 Tipos de interatividade na TVDI	19
1.7 Serviços disponíveis na TVDI	23
1.8 Seleção de conteúdo	24
2 O TELEJORNALISMO DAS REDES BANDEIRANTES E RECORD	27
2.1 Situação atual	27
2.2 Jornalismo e a informação	29
2.3 Band e Record: objetos de análises	31
3 CONHECENDO A ATUAL REALIDADE DOS TELEJORNAIS DAS REDES EM ESTUDO	34
3.1 Análise do Jornal da Band	34
3.1.1 A impressão de conjunto	34
3.1.2 Roteiro de programas	34
3.1.3 Comerciais inseridos nos programas	39
3.1.4 Ritmo do Jornal da Band	46
3.1.5 Notícias de grande repercussão dos telejornais da Band	46
3.1.6 Notícias de pouca repercussão dos telejornais da Band	46
3.1.7 Bibliografia técnica do meio	47
3.1.8 Quantidade e percentagem de notícias – Jornal da Band	48
3.1.9 Planilha da análise do Jornal da Band	49
3.2 Análise do Jornal da Record	51
3.2.1 A impressão de conjunto	51
3.2.2 Roteiro de programas	52
3.2.3 Comerciais inseridos nos programas	57
3.2.4 Ritmo do Jornal da Record	61
3.2.5 Notícias de grande repercussão dos telejornais da Record	61
3.2.6 Notícias de pouca repercussão dos telejornais da Record	62
3.2.7 Bibliografia técnica do meio	62
3.2.8 Quantidade e percentagem de notícias – Jornal da Record	63
3.2.9 Planilha da análise do Jornal da Record	64
4 ANÁLISE COMPARATIVA DOS TELEJORNAIS	68
4.1 Questões gerais	68
4.2 Estrutura	69

4.3 O nível de interesse	78
4.4 Carga ideológica	79
4.4.1 Tratamento formal	82
4.4.2 Tratamento sonoro	82
4.4.3 Ordem	83
4.4.4 Duração	83
4.4.5 Confrontação	84
4.4.6 Declarações	85
4.4.7 Silêncios	86
4.4.8 Grau de simplificação e complexidade	87
4.5 O tratamento formal	90
4.5.1 Recursos visuais	90
4.5.2 Recursos sonoros	94
4.6 Interações	97
5 O TELEJORNALISMO NA TVDI	99
5.1 Novos desafios	99
5.2 A cultura de massa no cenário da TVDI	102
5.3 O telespectador como produtor da informação	103
5.4 O jornalista da era digital	108
5.5 Pesquisa de campo	112
5.5.1 Inovações do Jornal da Band	113
5.5.2 Serviços disponíveis dentro dos telejornais	113
5.5.3 O novo jornalista	114
5.5.4 O telejornalismo da era digital	114
5.5.5 Interação telespectador e emissora dentro do telejornalismo	115
5.5.6 A comunidade manda notícias	115
5.5.7 Credibilidade do programa	115
5.5.8 Multiprogramação	116
5.5.9 Interatividade	116
5.6 Coleta de dados	117
5.7 A junção da pesquisa e a prática	117
5.7.1 Experiência de um projeto piloto	117
5.7.2 Novas possibilidades	117
5.7.3 Opinião – telejornalismo na TVDI	118
CONSIDERAÇÕES FINAIS	119
REFÊRENCIAS	122
APÊNDICES	126
ANEXOS	152

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo apresentar o processo de implementação da TV Digital no Brasil, os recursos disponíveis no padrão japonês adotado no país e de que forma os programas jornalísticos vão adaptar-se à nova tecnologia. Após apresentação das ferramentas tecnológicas, é feita uma abordagem sobre a situação atual da televisão brasileira, tendo como enfoque dois programas de âmbito nacional: o Jornal da Band da Rede Bandeirantes e o Jornal da Record da Rede Record. Como estudo de caso, capturaram-se três edições de cada um dos telejornais que são avaliados através da análise individual e comparativa. Ao fim das análises, são apresentadas perspectivas futuras do telejornalismo dentro da TV Digital, como as possibilidades de interação entre telespectador e emissora e os tipos de interatividade que podem existir nos programas, permitindo, assim, participação ativa do telespectador. As novas funções desenvolvidas pelos jornalistas da era digital também são delineadas nesta pesquisa. Para se compreenderem as fases desse processo de convergência tecnológica e como os programas se adaptarão às ferramentas, são realizadas entrevistas com profissionais que trabalham na produção dos telejornais em estudo.

Palavras-chave: Televisão digital. Convergência tecnológica. Telejornalismo analógico. Telejornalismo Digital. Conteúdo de telejornalismo.

ABSTRACT

This study proposes to present the process of implementation of Digital TV, the available resources found in the Japanese standard employed in the country and the form in which news programs will adapt to the new technology. Following the presentation of the technological tools, the current state of Brazilian television is discussed, focusing on two nationally broadcast programs, Jornal da Band on Bandeirantes channel and Jornal da Record on Record channel. As a case study, three editions of each show are evaluated with an individual and comparative analysis. Following the analyses, perspectives on the future of television journalism in the digital TV age are given. Additionally, the possibilities for interaction between the TV viewer and the channel and the forms of interaction that may exist within particular programs are discussed, thus allowing for active participation from the part of the viewer. The newly developed functions of journalists in the digital age are also broken down in the research. In order to gain a full understanding of the phases of this process of technological convergence and how programs will adapt to these tools, interviews with professionals who work in the production of televised news programs are conducted in the study.

Key-words: Digital television. Technological convergence. Analogical televised journalism. Digital televised journalism. Televised journalism content.

INTRODUÇÃO

Desde o seu surgimento, a TV Digital brasileira tem sido discutida e estudada por profissionais que trabalham na área de engenharia, de tecnologia e de comunicação. A televisão é o meio de comunicação com maior abrangência no país, atingindo quase todo o território nacional. Disso decorrem a importância e a necessidade de se estudarem as peculiaridades e as modificações que emanam do processo de substituição do sinal Pal-M analógico pelo ISDB-T da televisão digital. O modelo de TV digital adotado no Brasil disponibiliza diversas ferramentas tecnológicas que possibilitam a interatividade, a portabilidade, o canal de retorno, o som e as imagens com qualidade e alta definição. As possibilidades de inclusão e execução dessas tecnologias modificam o conceito do que é televisão.

O modo de produção dos programas de entretenimento, das telenovelas, dos *reality shows*, dentre outros e, inclusive, dos telejornais deve passar por modificações ao longo desse processo de convergência tecnológica. A televisão permitirá ao telespectador que ele seja receptor e produtor de conteúdo ao mesmo tempo. As possibilidades de interação entre o aparelho televisor e a emissora permitem que o telespectador saia da passividade e passe a ser agente dentro da televisão. Esse processo de reformulação das funções tanto nas formas de recepção, quanto na atividade de produção impulsiona o surgimento de novos formatos de programas dentro da TV digital.

As possibilidades, as dúvidas e as incertezas que permeiam esse processo de implementação tecnológica deixam nos pesquisadores, no governo e nos profissionais das empresas de telecomunicações a insegurança e a incerteza sobre a execução do melhor formato possível. Além das formas de recepção em aparelhos móveis, da televisão com alta qualidade e da interação e participação ativa, as mudanças também devem acontecer dentro das emissoras de televisão, em que as funções e atividades desenvolvidas pelos profissionais passam por alterações.

A forma de os profissionais aprenderem a lidar com essas mudanças e as possibilidades de aceitação por parte dos telespectadores à nova tecnologia merecem uma análise cuidadosa e cautela para a elaboração e execução das ferramentas interativas. As reformulações e mudanças dentro dos programas possibilitam novas formas de desenvolvimento das atividades. Nos telejornais, por exemplo, há inúmeras possibilidades de

modificações que prometem revolucionar a história do jornalismo, deixando-o cada vez mais dinâmico e palpável ao público. Os programas jornalísticos, porém, sempre prezaram pela ética, pela veracidade, pela isenção e pela credibilidade das informações ali apresentadas. A TV digital possibilita interação do aparelho com os telespectadores, constatação que pode modificar esses conceitos jornalísticos e os modos de produção da informação. Os telejornais são os programas de maior destaque dentro da televisão, e essas mudanças de formatos impulsionam reflexões e estudos não só na academia, mas também dentro das próprias emissoras.

Diante de todas essas possibilidades de inovações e desse aparato tecnológico, surge a necessidade de se estudar como se dará o processo de implementação da televisão digital no Brasil.

Esta pesquisa tem como intuito apresentar as características do modelo nipo-brasileiro de televisão digital, bem como as funções disponíveis pelo sistema e de que forma elas podem ser executadas nos programas jornalísticos.

A escolha pelos telejornais é feita tendo em vista a proeminência que eles possuem dentro da grade de programação da televisão. Dois programas de grande abrangência no país foram avaliados, analisando as peculiaridades como a estrutura, o nível de interesse, a carga ideológica, o tratamento formal e as interações existentes hoje dentro desses telejornais. Foram capturadas três edições de cada um dos programas escolhidos, o Jornal da Band, da Rede Bandeirantes de Televisão, e o Jornal da Record, da Rede Record de Televisão, e foram feitas as análises individuais e comparativas. Ao término das avaliações dos programas, é realizada uma apresentação das novas funções que podem ser executadas dentro dos telejornais, tendo como base a tecnologia disponibilizada pelo sistema brasileiro de TV digital.

Esta exposição tem como intuito revelar a forma como toda a tecnologia pode ser colocada em prática dentro dos telejornais sem assustar o telespectador: o modo pelo qual as emissoras de televisão e os produtores pensam incluir essas ferramentas dentro dos telejornais e se esse processo demanda por cautela e por uma reformulação total dos programas.

A partir disso, são feitas entrevistas com profissionais das emissoras e pesquisadores para se obterem tais respostas. Os dados são coletados nas empresas com o intuito de tornar o trabalho mais palpável ao público leitor, apresentando e delineando a situação atual dos telejornais e as perspectivas futuras para inovações dentro dos dois programas em análise.

O processo de convergência tecnológica tende a ser lento e difícil tanto nas emissoras como dentro dos telejornais. Diversas questões ainda estão sendo estudadas e apresentadas para o campo da comunicação dentro da TV digital, disso decorre o interesse de este trabalho apresentar a situação atual, as possibilidades de inovação tecnológica e as formas como as emissoras, os jornalistas e os pesquisadores estão avaliando e estudando não só a televisão, mas o telejornalismo da era digital.

Na primeira seção, apresentam-se os primeiros passos da TV digital, os estudos na área, as decisões do governo em relação ao modelo japonês de TV digital adotado no Brasil e as características desse modelo. Também são apresentadas, nesse item, as possibilidades de acesso à televisão através dos dispositivos móveis, a televisão digital interativa, os tipos de interatividade, os serviços que poderão estar disponíveis na TVDI e as opções de selecionar o conteúdo dentro da televisão.

A seção dois esboça a situação atual do telejornalismo brasileiro, tendo como enfoque as redes Bandeirantes e Record de televisão, que são transmissoras dos telejornais analisados nos capítulos seguintes. As possibilidades de interação em outros meios de comunicação que estão relacionadas aos telejornais, como endereço de site e do *Feeds RSS*, também são proporcionadas nos programas e discutidas nesse capítulo.

Para melhor compreender a realidade atual dos telejornais das redes em estudo na seção três, é feita uma análise individual de cada programa. Essa análise é baseada nas três edições capturadas do Jornal da Band e do Jornal da Record. Os programas foram gravados nos dias 08, 11 e 12 de junho de 2009. A análise tem como enfoque alguns quesitos, como as impressões de conjunto, o ritmo do telejornal e as notícias de muita ou pouca repercussão. Também é elaborada uma ficha técnica com a classificação das reportagens, a tipologia e o tempo de cada uma delas. O modelo de planilha utilizado para a avaliação dos programas analisa a locução, a redação, o cenário do estúdio, as estruturas da emissão, o conteúdo noticioso, as reportagens e entrevistas e os aspectos formais de cada um dos telejornais.

Após a conclusão das análises individuais é feita, na seção quatro, a análise comparativa dos dois programas. Nessa análise são comparadas a estrutura, o nível de interesse, a carga ideológica, o tratamento formal e as interações em cada um dos programas.

A seção cinco apresenta os desafios do telejornalismo para a TV digital, apontando as possibilidades de interação que podem ser disponibilizadas nesses programas e a participação do telespectador como produtor da informação, podendo enviar vídeos, postar mais informações dentro do programa através do *hiperlink*, criticar e opinar sobre os assuntos

apresentados nas reportagens. Novas formas de produção interativa também são esboçadas neste capítulo, tendo como referência, inclusive, uma experiência com um projeto piloto desenvolvida em Santa Catarina.

Todo esse processo de modificação estrutural dos telejornais impulsiona mudanças de postura e dos papéis desenvolvidos pelo jornalista da era digital. Após traçar os novos rumos que podem ser adotados para os programas jornalísticos, são feitas entrevistas com os profissionais responsáveis pela produção dos telejornais em estudo. Nas entrevistas, os editores são indagados sobre o processo de migração tecnológica dentro da empresa e de que forma as ferramentas interativas podem ser incluídas nos telejornais. As funções desenvolvidas pelos jornalistas e o lento processo de migração tecnológica no Brasil também foram discutidas com os integrantes da equipe. Além disso, é realizada uma entrevista com o pesquisador Fernando Crocromo, responsável pela produção do projeto piloto desenvolvido por uma comunidade em Santa Catarina.

O método utilizado neste trabalho é o hipotético-dedutivo. Por meio desse método são utilizados outros métodos, como o histórico, ou seja, o levantamento feito nos primeiros itens sobre a evolução da televisão, a presente situação nas emissoras e como surgiram as pesquisas e discussões sobre a implementação da TV digital brasileira. É também usado o método observacional nas análises dos telejornais, onde as três edições de cada um deles são vistas e observadas a partir de diversos quesitos esboçados na análise.

O método comparativo também é utilizado na análise dos telejornais, quando os programas das duas emissoras são confrontados através da observação da abertura, das passagens de blocos, do encerramento, das reportagens e das notícias transmitidas pelos apresentadores, dentre outros tópicos expostos no capítulo quatro.

A coleta de dados é feita por meio da leitura de livros, artigos, *papers*, teses e dissertações acadêmicas com temas relacionados à televisão digital e ao telejornalismo dentro desse processo de convergência tecnológica. A pesquisa documental é a partir da leitura de decretos presidenciais relacionados à televisão digital brasileira.

Outras informações também são coletadas nas entrevistas realizadas nas emissoras, com o intuito de apresentar as avaliações e previsões da equipe de produção dos telejornais em estudo, as funções disponíveis pela televisão digital dentre o leque de possibilidades e quais eles acreditam ser as mais adequadas para possível execução. As notícias apresentadas nos telejornais são coletadas através da decupagem de todas as edições analisadas.

1 TV DIGITAL

1.1 Primeiros passos

As primeiras discussões em torno da política de implementação da TV dno Brasil se consolidaram pelo Governo Lula a partir do Decreto 4.901/2003¹. Nos termos, escreveu-se que a TVD pode contribuir para as políticas de inclusão social, permitir apropriação do público pelo privado e cumprir um importante papel na afirmação da cidadania. As associações, ONGs e emissoras geridas coletivamente poderiam ter canal de TV digital, possibilitando uma grande chance de democratização das comunicações. Ainda que esses ideais não tivessem sido consolidados em 2006, deu-se continuidade às possibilidades viáveis e aos estudos procurando o modelo de televisão que fosse mais apropriado para ser implantado no Brasil.

O Decreto Federal de 29 de junho de 2006², n. 5.820, definiu o padrão japonês de televisão digital adotado para o Brasil. Depois de inúmeros estudos entre o governo e pesquisadores, o modelo japonês Integrated Services Digital Broadcasting–Terrestrial (ISDB - T) – Serviço Integrado de Transmissão Digital Terrestre, conhecido pela sigla DVB-T (Digital Video Broadcasting–Terrestrial), foi definido. A escolha foi feita tendo como base as vantagens que o telespectador pode ter como o sinal digital, a alta definição de imagens e sons, a multiprogramação, o poder de mobilidade e portabilidade e a interatividade.

No dia 2 de dezembro de 2007, a nova era de radiodifusão marcou a estréia da primeira transmissão do sinal de televisão digital brasileiro na grande São Paulo. Na ocasião, estavam presentes as principais emissoras de televisão da cidade (Bandeirantes, Globo, Record e Sbt) que lançaram suas transmissões digitais com conteúdo de alta definição padrão. As transmissões *One-Seg*, para dispositivos portáteis em baixa definição, também foram apresentadas na ocasião.

¹ Decreto 4.901, de 26 de novembro de 2003. Disponível em: <http://www.indecs.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=39&Itemid=46>. Acesso em: 25 set. 2009.

² Decreto 5.820, de 29 de junho de 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Decreto/D5820.htm>. Acesso em: 25 set. 2009.

1.2 TV digital móvel

A “TV móvel” é uma das perspectivas apresentadas pela tecnologia digital. Ela possibilita o acesso à televisão através de dispositivos móveis, como por exemplo, os celulares e *laptops*, o que pode ser feito em qualquer lugar e a qualquer momento, com boa qualidade e sem interrupções. E isso pode ser considerado como uma grande evolução na história da televisão brasileira.

Também é grande a expectativa gerada em torno da chamada „TV móvel“, ou seja, a possibilidade de receber o conteúdo de TV diretamente das emissoras em um aparelho portátil ou móvel (ex. celular) – a expectativa é poder receber o sinal de TV em qualquer lugar (onde o sinal esteja suficientemente forte), com qualidade (boa imagem, sem interrupções) e podendo estar em movimento. (FERRAZ, 2008, p. 18)

Outra característica da TV móvel é a personalização, ou seja, a possibilidade de o usuário de aparelhos móveis portáteis selecionar os conteúdos que pretende receber de acordo com suas preferências pessoais e se orientar a partir de informações por uma localidade específica onde o aparelho está situado. Outra vantagem da TV móvel é que já existe, desde o início, pelo menos um canal de interatividade que pode ser disponibilizado, por exemplo, pela empresa responsável da telefonia celular.

1.3 O padrão nipo-brasileiro de televisão digital - HDTV

O padrão japonês transmite imagens em alta definição, *High Definition TV* (HDTV) e cinco canais de áudio (*surround*). As aplicações técnicas de compressão aos sinais permitem que no espaço da banda passante terrestre (UHF/VHF), por onde hoje trafega o sinal analógico, seja possível a transmissão de quatro programas em alta qualidade, espaço que pode ser usado também para transmitir dados adicionais. No espectro atual, um canal de TV analógico, quando digitalizado, oferece uma largura de banda de aproximadamente 20 *Megabits* por segundo (Mbps).

Os métodos de compactação atuais permitem que um canal com largura de banda 20 Mbps seja capaz de acomodar as transmissões da TV em alta definição (HDTV) e múltiplos programas simultâneos, a denominada multiprogramação.

A TV de alta definição disponível no momento possui 1080 linhas, cada linha é formada por 1920 *pixels* e varredura progressiva da imagem. Assim, o telespectador vê 60

imagens em quadro por segundo, que são preenchidos linha a linha, o que possibilita uma aproximação maior de movimento. É um padrão de qualidade que difere bastante do *Standard Definition TV* (SDTV), que atualmente se aproxima da resolução mais comum dos aparelhos de televisão e possui uma resolução com cerca de 10,1 milhões de *pixels* por segundo.

A digitalização do sinal permitirá que a imagem carregue 24 *bits* por *pixel*, o que garante aproximadamente 16 milhões de cores, permitindo a visualização de imagens em alta qualidade e com movimentos mais precisos. O SDTV possui uma qualidade de transmissão similar à do sinal analógico, mas o que o difere do padrão analógico é a possibilidade de transmitir quatro programas simultaneamente no mesmo canal com qualidade superior, sem que haja interferências na imagem como, por exemplo, chuviscos, distorções ou cruzamento de cores.

Além disso, a mudança mais radical proposta pela TV digital é a possibilidade de interação entre receptor e emissora. Serviços interativos também estarão disponíveis na televisão digital interativa (TVDI).

1.4 A televisão digital interativa – TVDI

Classificada como TVDI, ela possibilita ao telespectador participar de forma mais ativa dentro desse meio de comunicação, podendo selecionar temas, assuntos ou programas que lhe interessam e fazer a utilização de ferramentas interativas, como, por exemplo, votar em uma enquete ou escolher o gol preferido. Em uma partida de futebol, selecionar o ângulo predileto da câmera que pretende acompanhar o jogo. A TVDI possibilitará dois tipos de interatividade, parcial e total, entre receptor/emissora. Adiante, neste trabalho, será explicado esse processo com mais detalhes.

Para que esse método de interação exista, é necessária a presença de três elementos fundamentais: o carrossel, o multiplexador e o *set-top-box* (STB). O carrossel faz a transformação de um conjunto de arquivos e dados em um fluxo elementar, ou seja, o carrossel é responsável por fazer a conversão dos arquivos enviados pelas emissoras para que eles cheguem até os aparelhos de televisão e vice-versa. Todas as aplicações feitas pelo usuário também retornam via carrossel, pelo canal de retorno, para a emissora. Ao final do processo de transmissão dos arquivos e fluxos da emissora para os aparelhos, eles chegam ao multiplexador.

O multiplexador é capaz de fundir os dados, como os fluxos de áudio e vídeo que compõem os eventos e programas. Essas fontes passam pelo processo de multiplexação dos sinais e de geração das inserções de aplicativos sobre o vídeo. Afinal, os aplicativos são outra fonte de dados, diferentes dos fluxos de áudio e vídeo. Resumindo, o multiplexador gera os serviços aplicativos e os fluxos de áudio e vídeo dentro do aparelho de televisão, o que possibilita o consumo da audiência sobre os produtos e programas. Esse processo, porém, ainda não possibilitou nenhum tipo de interação. Afinal, o telespectador apenas recebeu as informações da rede pelo carrossel que foram decodificadas e exibidas via multiplexador.

Para que haja interatividade é preciso que o STB entre em ação. O STB interativo possui grande capacidade de processamento computacional, pois interpreta os fluxos de dados que foram multiplexados e possibilita a interface de aplicação usuário/conversor. O processo da recepção pelo STB é feito a partir da demodulação, demultiplexação e da decodificação dos sinais de áudio e vídeo. Os dados e as aplicações de *software*, depois de serem multiplexados, são processados por um *middleware*, camada de *software* intermediária que gera a interpretação e o processamento dos dados e aplicações, independentemente do sistema operacional, que pode ser o Windows, o Linux ou qualquer outro, e do *hardware* do aparelho.

Com isso, as aplicações interativas podem ser desenvolvidas a partir do *middleware*, sem que haja preocupação com as diferenças do sistema operacional de cada receptor. Todo aparelho que tenha instalado o *middleware* modulado no padrão estabelecido poderá executar as aplicações recebidas. Podem-se citar, como exemplos de padrão instituído, o Ginga e OpenGinga, entre outros. Após inúmeras experimentações entre as universidades e pesquisadores, definiu-se o padrão *middleware* (Ginga) a ser utilizado no Brasil. Esse padrão também foi recomendado e aprovado pela União Internacional de Telecomunicações (UIT³).

Além de permitir a interatividade e a mobilidade, o Ginga também possibilita a interoperabilidade entre os padrões; este é um dos fatores determinantes para o *middleware* ser visto como uma grande evolução e inovação na história das telecomunicações. Essa interoperabilidade entre os padrões pode ser definida através de diversas formas. Segundo o site do Governo Eletrônico (GE, 2009)⁴, interoperabilidade não se limita à integração de sistemas e redes, mas é a soma de todos esses fatores, levando em consideração a existência de sistemas e plataformas de *hardware* e *software* instalados. Para conseguirem essa

³UIT - Um padrão de *middleware* (Ginga) que foi aprovado na UIT, mas ainda se encontra em estudos para implantação na TVD. Disponível em: <<http://www.itu.int/net/home/index.aspx>>. Acesso em: 25 set. 2009.

⁴Site do Governo Eletrônico. Disponível em: <<http://www.governoeletronico.gov.br/acoes-e-projetos/e-ping-padroes-de-interoperabilidade/o-que-e-interoperabilidade>>. Acesso em: 25 set. 2009.

interoperabilidade, é necessário que as pessoas estejam empenhadas em garantir que sistemas, processos e culturas de uma organização sejam gerenciados para possibilitar a troca e reuso de informações interna ou externamente ao governo federal. Ferraz (2009, p. 27) define que um *middleware* pode ser entendido como uma plataforma de *software* usada para a execução de aplicações independentemente do sistema operacional que melhor convém ao fabricante do aparelho receptor.

Para Castro, Feitosa e Valente (2009), o *middleware* (Ginga) possui dois conjuntos de tabelas, a linguagem procedural e a linguagem declarativa, que possibilitam a leitura de vários idiomas digitais. A linguagem procedural permite o uso de interfaces gráficas, por exemplo, do conjunto de idiomas Java. Já a linguagem declarativa possibilita o uso de aplicações usuais. Essa é uma das características que diferencia o *middleware* (Ginga) dos demais sistemas.

Exatamente por se basear numa linguagem declarativa e procedural é que o *middleware* Ginga se diferencia dos demais padrões, que utilizam um ou outro conjunto. No Sistema Brasileiro de TV Digital terrestre, o *middleware* Ginga usa a linguagem nacional *Nested Context Language* (NCL) – declarativo - e o Java DTV – procedural. Ele trata da convergência, do sincronismo de mídia, da adaptabilidade e dá suporte à utilização de múltiplos dispositivos de interação e exibição. (CASTRO; FEITOSA; VALENTE, 2009, p. 4)

A partir do STB interativo, o telespectador pode optar por assistir ao programa que deseja, comprar um produto, ter acesso a informações adicionais como previsão do tempo e, em alguns locais, até as condições de trânsito no momento, além de participar de alguns programas. Como já citado anteriormente, assim que o usuário faz o uso das aplicações de interface, através das suas escolhas, esses dados retornam à base da emissora também via carrossel.

A televisão interativa pode ser definida como algo que leve a um diálogo entre o telespectador ou o público e as pessoas de um canal que fazem programas ou serviços de televisão. Mais especificamente, pode ser definida como um diálogo que leva os telespectadores a passarem da experiência passiva de assistir levando-os a fazer escolhas e a realizar ações – mesmo que esta ação seja tão simples como preencher um cartão postal e enviá-lo ou desenhar uma figura na tela da televisão. (CROCOMO, 2007 p. 71)

1.5 Entre o analógico e o digital

Atualmente, os serviços prestados pelos televisores analógicos atingem 90% dos domicílios em todo o país. A televisão é o principal meio de aquisição de informação para a maioria dos brasileiros.

A televisão tradicional tem uma dimensão mais humana, porque a relação com o mundo, na televisão, está estreitamente vinculada à imagem antropocêntrica; porque a imagem respira, tem o ritmo cardíaco humano de quem carrega a telecâmera frente à realidade. Por isso, a televisão tende a aprisionar o espectador em seu próprio mundo; a fazer com que ele não se interesse pelo que acontece com os outros. (VILCHES, 2003, p. 176)

A convergência tecnológica proposta para a TV digital possibilita uma efetiva interoperabilidade entre a TV, o telefone, o computador e a internet. Com o novo sistema de transmissão dos sinais, os brasileiros precisarão comprar novos aparelhos ou, provisoriamente, utilizar as caixas conversoras que fazem o convertimento do sinal digital para o Pal-M, utilizado no sistema analógico, para que as aplicações possam ser visualizadas no aparelho. Os televisores novos, disponíveis no mercado, são vendidos com o conversor embutido em seu interior. Mas a maior parte da população possui os aparelhos antigos que, sem a caixa conversora, não serão capazes de transmitir o sinal digital. Considerando os mercados atingidos pelos sinais digitais nas principais capitais do país, observa-se que, até o presente momento, o número de teledigitalizados é insignificante tendo em vista a quantidade de aparelhos televisores existentes no Brasil.

No dia 13 de junho de 2009, a televisão americana abandonou as transmissões analógicas e entrou para a era digital. O governo fez uma campanha informando a população sobre as mudanças de sinais, porém muitas pessoas ficaram sem televisão por não terem adquirido o aparelho conversor. A estimativa é que três milhões de pessoas que vivem nos Estados Unidos estejam sem televisão.

No Brasil, a transição entendida como o “desligamento” total do sinal analógico, para as transmissões e recepção somente em espectro digital é prevista para ser feita em no máximo quinze anos. O Decreto Federal de 29 de junho de 2006, n. 5.820, instituiu que o processo de transição analógico-digital deve ser concluído em dez anos no país, tendo em vista o início oficial das transmissões digitais na grande São Paulo, que aconteceu em 2 de dezembro de 2007. Portanto, em princípio, o desligamento do sinal analógico acontecerá em 2017.

No presente momento, o sinal digital está sendo transmitido em dezessete capitais do país, atingindo apenas vinte e uma cidades. Isso demonstra que seria inviável passar por um processo momentâneo de troca dos aparelhos de televisão, que transmitem o sinal analógico, para os novos com a tecnologia digital. Para isso, a opção de se utilizar a caixa conversora é a mais viável, tendo em vista que, atualmente, são 65 milhões de aparelhos de TV no país, um número considerável que denota a impossibilidade de se fazer de imediato essa substituição.

A simples caixa é o STB, terminal de acesso, ou a unidade receptora decodificadora (URD), que possui grande capacidade computacional, o que permite a interatividade.

Uma das principais novidades com a implantação da TV digital é a capacidade de interação entre o telespectador e a emissora (Decreto Federal de 29 de junho de 2006), por meio do conversor, ou set-top-box. Hoje, essa comunicação só é possível com a utilização de e-mails (Internet) ou perguntas por telefone e votação em um programa de reality show, por exemplo. (MOURA, 2006, p.70)

1.6 Tipos de interatividade na TVDI

Basicamente, a interação pode ser tida a partir de duas modalidades, a parcial e a total. A interação parcial possibilita ao telespectador quando estiver assistindo ao programa, por meio de um “menu”, ter acesso através dos *links*, com o uso de hipertexto, a informações adicionais e complementares.

Esse tipo de interação parcial já existe em alguns canais disponíveis na televisão por assinatura. Na Sky, que possui um sistema de transmissão via satélite com a tecnologia européia, é possível, através da programação do canal Globo News, ter acesso a notícias complementares. Isso é admissível através do ícone de interatividade: quando o telespectador clica no botão (iTV) do controle remoto, há a compactação da imagem da programação normal, que se direciona para o canto direito da tela e aparece um novo “menu”, preenchendo o restante do quadro, com uma página de resumos das últimas notícias do dia, dados e informações adicionais. Temas como em cima da hora, programação, plantão, esporte e mundo são disponibilizados nos *links* de navegação dentro do “menu”; isso é feito através das setas do controle remoto (figura 1).

Em 2000, a Sky também lançou seu primeiro programa de interação, denominado *Sky News Active*. Nele, a tela inicial do canal 24 horas era formada por quatro vídeos de diferentes gêneros, que tinham o áudio ativado quando o “cursor” do controle remoto passava sobre a

imagem. O *Sky News Chat* também foi uma inovação na história da televisão paga, pois possibilita aos usuários a interação através das conversas via *chat*, cada um estando em suas localidades.

Exemplos semelhantes aos da Globo News existem em outros canais da TV paga, como por exemplo GNT e Multishow. Essas ferramentas representam uma grande evolução tecnológica para a televisão, mas a interatividade ainda é delimitada a um determinado tipo de público. Em 90% dos lares brasileiros existe um televisor, porém 80% desse número recebem as transmissões abertas e apenas 10% tem a possibilidade de pagar pelos serviços da televisão por assinatura. Isso demonstra que a maioria da população não teve acesso às funções interativas da Sky.



Figura 1 Opções interativas disponibilizadas no canal Globo News/ Sky.
Fonte: Google, 2009.

Na televisão aberta, há alguns programas que procuram manter algum tipo de interação com o público. Pode-se citar, como exemplo, o “Globo Rural”, da Rede Globo de Televisão, onde o telespectador pode enviar cartas para os produtores do programa. O “Fantástico” sempre apresenta enquetes em que os telespectadores podem votar através de ligações pelo telefone, por mensagens de texto no celular e também pela internet, sem se falar nos programas classificados como “*reality shows*”, em que os participantes ficam confinados em uma casa durante meses. Por exemplo, no “Big Brother Brasil” da Rede Globo e a “Fazenda” da Rede Record, é possível que os telespectadores votem no participante predileto para sair ou ficar no programa através do portal de voz, de mensagens de texto pelo celular,

ligações e pelo *site* na internet. Mas a interação acontece por mediação de outros meios (telefone, celulares e internet) e não de fato dentro do sistema de transmissão da televisão.

Na interação total, as caixas conversoras (*set-top-boxes*) possuem um canal de retorno, através da linha telefônica. Essa interação permite ao usuário votar em uma enquete de um programa de entretenimento, escolher as cenas de uma novela, selecionar as notícias que mais lhe interessam em um telejornal, escolher o gol mais bonito da partida de futebol e até fazer aquisição de produtos pela televisão. É um navegador que possibilita ao usuário ter acesso aos aplicativos para o uso da programação e pelas ferramentas:

Os recursos mais destacados para que os exemplos ajudem na definição são as informações disponibilizadas para consulta na tela do aparelho de TV – de acordo com a vontade do usuário – ao clicar o controle remoto, ao invés do mouse. Essas informações podem ser sobre a sinopse de um filme – antes mesmo de começar – da escalação do time, etc. Ou, podem ser da opção de compra de uma pizza ou da camisa do time do coração. (CROCOMO, 2007, p. 70-71)

Os conceitos de interatividade estão sendo estudados a fundo com a chegada da televisão digital, porém a interação já existe na televisão analógica. Apesar de ser extremamente limitada, a possibilidade de *zapping*⁵ entre um canal e outro pode ser classificada como um nível de relação entre o telespectador e a máquina. Nas empresas de radiodifusão, por exemplo, a interação acontece pelas ligações telefônicas, envio de cartas e e-mails às emissoras. Dentro desses tipos de interatividade há diversos níveis de interação. Já Lemos⁶ (1997) apresentava quatro níveis de interatividade:

- Nível 0: instituído num primeiro momento aparece na TV preto e branco, com a presença de dois canais. A interatividade, porém, é totalmente limitada ao ato de ligar e desligar o televisor, reajustar volume, e cores;
- Nível 1: a presença do controle remoto permite “*zappear*” entre os canais, isso institui uma autonomia da telespectação;
- Nível 2: surge quando alguns elementos como o vídeo, as câmeras portáteis e os consoles de jogos fazem com que o telespectador se aproprie da televisão, instituindo uma temporalidade própria independente dos fluxos;

⁵ *Zapping* – É a possibilidade de mudar frequentemente de canal por meio do controle remoto

⁶ LEMOS, André L.M. Anjos interativos e retribalização do mundo. Sobre interatividade e interfaces digitais, 1997, Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/lemos/interativo.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2009.

- Nível 3: aparecem os primeiros sinais de interatividade, mas ainda de cunho digital em cuja transmissão dos conteúdos o usuário pode interferir através de participações pelo telefone, fax ou e-mail;
- Nível 4: pode ser denominada a “televisão interativa”, em que surge a participação do telespectador via telemática, por meio do controle remoto, optando pelos conteúdos das emissões.

A televisão digital interativa (TDI) pode ser definida como um meio que permite ao consumidor participar ativamente de ações possibilitadas dentro do sistema através do controle remoto ou de um teclado, tendo acesso aos serviços avançados. Os conjuntos de serviços são variados, selecionamos os gerais que são mencionados:

- seleção de filmes que podem ser vistos em domicílio;
- acesso a e-mail e *chat* via *online*;
- seleção de arquivos, de notícias e informações adicionais.
- Uma forma de apresentação dos resultados e estatísticas de esportes, na base de dados seletiva;
- A compra de produtos variados de forma *online*, sem precisar se locomover até um estabelecimento comercial.

Deve-se estar se perguntando: porque tanta interação? A resposta é simples. A nova tecnologia da TV digital surge com o intuito de transformar esse meio de comunicação em um veículo mais atrativo para os telespectadores. A possibilidade de interagir com o receptor e com as emisoras permite aos telespectadores a participação ativa dentro do veículo. Isso faz com que o receptor saia da passividade de simplesmente assistir ao que lhe é oferecido pela programação e passe a participar de forma mais funcional, podendo escolher o que lhe interessa dentre tantas opções na grade de programação. Um dos grandes estudiosos da escola de Frankfurt, McLuhan (1995) fez uma classificação geral dos meios de interação entre o homem e a máquina. Para o autor, os meios quentes são aqueles que permitem pouco ou nada de interação, participação e intervenção. Já os meios frios permitem uma interação dos usuários, possibilitando-os de participar e estimulando o processo de comunicação. A partir dessas classificações, observa-se que a televisão digital interativa é um meio quente, pelo qual o usuário pode interagir e navegar dentro das opções de serviços disponíveis. Esse ciclo de uso das funções acaba por estimular a curiosidade do telespectador que se sente cada vez mais vontade de intervir com o aparelho televisor.

1.7 Serviços disponíveis na TVDI

Os serviços oferecidos na TV digital podem ser classificados como *Electronic Program Guide* (EPG), o comércio eletrônico (*e-commerce*), banco eletrônico (*e-banking*) e portais de televisão interativa, publicidades interativas, jogos e aplicações.

O EPG é o “menu” com a programação dos canais, os horários dos programas e informações complementares sobre esses programas. O EPG passa a ser a melhor forma de organizar a programação a que se deseja assistir. Através dele, o usuário consulta toda a programação e seleciona as opções que lhe interessaram.

O *e-commerce* possibilita ao receptor que faça aquisição de produtos pela televisão em tempo real, por exemplo, comprar o brinco da protagonista da novela ou a camisa do ator galã. O *e-banking* permite ter acesso aos dados bancárias de uma conta, consultar saldos e até efetuar pagamentos via TV digital. Os serviços de utilidade pública também estarão disponíveis na TVD, como o *e-saúde* que possibilita ao usuário marcar uma consulta médica pela televisão, o *e-governo* que proporciona acesso às informações governamentais e até a possibilidade de fazer cursos através dos métodos de educação a distância.

A tendência é que os portais de televisão fiquem cada vez mais interativos, e a forma de produção das publicidades dentro da televisão deve ser modificada. Afinal, com a tecnologia da multiprogramação e do *video-on-demand* (Vod), o usuário pode fazer a opção por assistir a determinados programas sem intervalos e interrupções comerciais no horário que lhe for conveniente.

Uma das anunciadas possibilidades da TV Digital é a exibição de programas desvinculados de anúncios publicitários, o que poderá colocar em risco o contrato entre emissor e audiência, significando perda para os anunciantes e para as emissoras, pelo menos nos programas com narrativas ficcionais. (MACHADO, 2006, p. 71- 72)

A programação da Sky também transmite algumas propagandas com interatividade técnica; exemplos são a compra de um filme pelo sistema *pay per view* ou a aquisição de um produto disponibilizado no canal Shoptime (figura 2).



Figura 2 Propagandas interativas no canal Shoptime.
Fonte: Google, 2009.

Atualmente, os estudos de publicidade têm seu principal foco na linguagem e não no modo de produção desses conteúdos. A chegada da TV digital obriga os publicitários a pensarem em desafios e novas maneiras de se modificar a produção dos anúncios a fim de continuar a atrair os clientes da TVDI. É preciso pensar no processo de modificação das publicidades como um método de mudanças evolutivas, tecnológicas e de linguagem. Um exemplo de propaganda interativa seria sobre o lançamento de um carro, em que o telespectador pudesse fazer o *test drive* pela televisão, ou na propaganda de uma agência de turismo, em que é possível fazer uma viagem pela televisão, visualizando os pontos turísticos de uma cidade ou país. Outras possibilidades são a de integrar as propagandas antes, depois ou dentro dos vídeos e das reportagens nos programas, como já acontece atualmente no programa “CQC” da Rede Bandeirantes e em alguns sites na internet. A multiprogramação é um dos fatores que impulsionam essa revolução por parte das agências publicitárias.

1.8 Seleção de conteúdo

A possibilidade de ter acesso a diversos programas em um único canal simultaneamente é a principal característica da multiprogramação. Essa existe pela capacidade de compactação dos dados realizada pelos atuais algoritmos, como o padrão MPEG-4 AVC/H. 264. A tecnologia da multiprogramação instiga jornalistas, produtores, publicitários, cineastas e teledramaturgos a pensarem em formas diversificadas de produção de conteúdos. O leque de opções disponibilizados na multiprogramação possibilita ao usuário fazer a escolha pelo programa que mais lhe agrada, ou pelo mais interessante. Além de optar por

determinado programa, é possível fazer a seleção do ângulo e da câmera a que se pretende assistir. A programação multicâmera possibilita a determinação do ângulo mais favorável, por exemplo, na transmissão de um jogo de futebol, o torcedor pode escolher a câmera que focalize melhor seu time predileto.

A possibilidade de transmissão simultânea de múltiplos conteúdos em um mesmo canal de uma emissora é flexível, isto é, a emissora pode decidir transmitir diversos programas ao mesmo tempo, bem como transmitir o conteúdo de diversas câmeras (ex., ângulos distintos), permitindo que o usuário assista o programa multicâmera ao seu gosto. (FERRAZ, 2009, p. 22-23).

Mas os custos das emissoras de televisão tendem a ser altíssimos com a chegada da multiprogramação. A possibilidade de disponibilizar em quatro bandas de canais demanda a produção de conteúdos para preenchimento de todos. Se, hoje, as despesas para manter uma empresa com apenas uma banda de canal já são grandes, administrar mais três bandas, todas com a grade de programação completa também triplicará os custos para as emissoras. Além da multiplicidade de canais, a possibilidade de optar por assistir aos programas em qualquer horário também é um dos quesitos bastante contemplados pela tecnologia digital.

As funções do *video-on-demand* também ampliam os serviços disponíveis na televisão digital interativa. O Vod, traduzido como vídeo sob demanda, possibilita o acesso a um banco de dados de vídeos que podem ser vistos em qualquer horário. Essa seleção acontece porque os vídeos são enviados para o canal de interatividade e não para o canal de difusão que apresenta os programas conforme denominação da grade da emissora. A opção *video-on-demand* possibilita, por exemplo, a uma pessoa que perdeu o capítulo da novela ou que pretende assistir ao telejornal transmitido durante a noite anterior, ver esses programas através do banco de dados de forma gratuita.

Esses aspectos indicam que a forma de se pensar a TVD brasileira provoca mudanças e impactos não só na qualidade de som e imagem, mas na forma de produção dos conteúdos. Esse processo impulsiona uma evolução do domínio linear para o não linear, onde as pessoas podem ter acesso aos conteúdos a qualquer hora, sem que haja um domínio por parte dos produtores. É a transição para uma interface segmentada onde o usuário navega na TV digital.

Todas essas ferramentas levam a pensar em algumas questões, como por exemplo, nos estudos sobre o número de audiência registrado para os programas. Como será feito, se não há um horário específico que determine a exibição, se os programas ficarão disponíveis no banco de dados para acesso livre?

A audiência não será medida pelo número de pessoas que optaram por assistir aos programas nos horários pré-estabelecidos pelas emissoras, mas, sim, pela quantidade de usuários que preferiram “baixar” determinado telejornal, novela, filme ou programa. Assim, será possível o levantamento, pelas emissoras de TV, do número de *downloads* feitos em cada programa.

Num futuro próximo, a audiência será medida pela quantidade de pessoas que decidiram ver seus programas independentemente do horário, ou seja, 20 milhões de pessoas fizeram o *download* de um telejornal ou filme, por exemplo. Assim, as operadoras de TV a cabo serão capazes de fazer a medição exata e repassar os números para as agências de publicidade. O usuário, no entanto, poderá optar por assistir ao programa com ou sem publicidade. A mídia de amanhã terá tanto ou mais a ver com o ato de “puxar”, ou seja, os espectadores poderão navegar na TV Digital, assim como fazem hoje na internet pelos computadores e irão trazer para seus receptores de televisão a programação ou publicidades cada vez mais personalizadas. (MACHADO, 2006, p. 90)

Com esse aparato tecnológico em mãos, observa-se que o Brasil precisa começar a repensar novas formas de se fazer televisão. Se, de fato, todas as ferramentas interativas apresentadas pelo padrão japonês forem disponibilizadas aos telespectadores, entrar-se-á na era da despolitização, artifício que possibilitará aos usuários até participarem do processo de produção dos programas, inclusive enviando vídeos de forma colaborativa. Não só a publicidade passará por reformulações, mas os métodos de se fazer jornalismo, mais especificamente, a produção telejornalística deve ser repensada. Afinal, as formas de recepção não serão mais as mesmas e, conseqüentemente, as estruturas de produção devem passar por grandes mudanças.

Detalhando os aspectos do telejornalismo brasileiro, a seção três apresenta alguns problemas, as transformações que esses programas devem sofrer e questões que precisam ser estudadas no decorrer do processo analógico-digital em todo o país.

2 O TELEJORNALISMO DAS REDES BANDEIRANTES E RECORD

2.1 Situação atual

Como já mencionado anteriormente, o sinal digital está presente em apenas 17 capitais do país, disponibilizado para 21 cidades. Isso demonstra que a maioria dos municípios ainda recebe o sinal analógico, mesmo porque o percentual de televisores novos adaptados à tecnologia HDTV ou com os conversores (*set-top-box*) é notoriamente mínimo, em vista da quantidade de televisores existentes nos lares brasileiros.

A fim de analisar dois programas televisivos de caráter jornalístico, optou-se pela escolha do Jornal da Band, transmitido pela Rede Bandeirantes e o Jornal da Record, da Rede Record de Televisão. A escolha desses programas é feita a partir de alguns critérios, como o horário de exibição das edições, a credibilidade do noticiário, o espaço significativo que esses telejornais possuem na grade de programação e a visibilidade que as empresas transmissoras detêm no Brasil.

É fato: a TV tem grande capacidade mobilizadora e manipuladora. Com isso, ganham importância os programas jornalísticos na programação das emissoras, não só pelos índices de audiência mas pela sua capacidade de informar.(...) Na TV, as imagens em movimento, quando exibidas com som (áudio), formam a informação audiovisual. (BRASIL, 2005, p. 50-54)

Segundo Alves e Castro (2008), os telejornais ainda ocupam um espaço significativo na preferência dos telespectadores. As autoras também apontam que, segundo dados do *share* na Grande São Paulo, o Jornal da Record teve 17,6 % de aparelhos sintonizados no canal, e o Jornal da Band ficou com 9,2%. A opção por esses programas é feita pelo grande número de audiência e tendo em vista as barreiras que os profissionais da comunicação enfrentam para transmitir informações ao público. Os meios de comunicação constantemente necessitam de fontes especializadas, mantêm contato com órgãos e instituições que, na maioria das vezes, procuram omitir dados ou pregar uma ideologia sobre as informações que vão ser divulgadas colocando em xeque a credibilidade do jornalista, deixando as reportagens tendenciosas.

Desde as suas origens, o jornalismo tem sido ameaçado e assediado por quatro adversários: a escassez das fontes, a força do poder, o risco de censura, o estado de espírito da opinião pública. A sua história desenrola-se

num terreno acidentado marcado por estes factores, entre mudanças repentinas, corredores perigosos e períodos de normalidade, onde se entende por normalidade o livre acesso às fontes, a abstenção de qualquer interferência por parte do poder, a ausência de qualquer forma de censura e o apoio de uma opinião pública que não impede a publicação de notícias incômodas ou desagradáveis. (COLOMBO, 1998, p. 11)

De acordo com a lógica de digitalização do sistema de televisão, observa-se que em termos tecnológicos não há mudanças significativas sendo feitas na estrutura dos telejornais.

A estrutura dos programas se atém aos modelos pré-estabelecidos e utilizados em todos os telejornais brasileiros, ou seja, apresentadores no estúdio, reportagens com entrevistas, nota coberta produzidas com imagens externas por repórteres e correspondentes e as entradas ao vivo.

O telejornal foi arquitetando uma outra estrutura de apresentação, baseada em depoimentos dos sujeitos *implicados* no acontecimento, seja diretamente (como é o caso dos protagonistas, aqueles que fazem ou testemunham o evento), seja indiretamente (os enviados da televisão para “reportar” o evento). Por essa razão, tornou-se essencial a presença da televisão no local e tempo dos acontecimentos, não apenas para autorizá-la como fonte confiável, mas principalmente porque essa é a condição *sine qua non* de seu processo significativo. (MACHADO, 2001, p. 105)

A divisão dos programas, que têm em média uma hora de duração, é feita através dos blocos. As notícias são apresentadas de acordo com a carga ideológica e a função social que cada uma detém para a população. As inserções dos intervalos comerciais são feitas nas passagens de blocos. No padrão estabelecido há uma personalização dentro do programa, isso acontece nas legendas que especificam dados do entrevistado ou repórter, como a função da pessoa, o local onde ela está e em alguns casos até a idade.

A tecnologia analógica, que transmite o sinal em Pal-M, não possui um sistema que possibilite o canal de retorno entre emissora e telespectador.

Consequentemente, o sistema também não possibilita a execução de recursos como a interatividade, os serviços de consulta a contas bancárias, compra pela televisão e as funções de escolha de notícias ou seleção de ângulos de câmeras nos programas.

O sistema, em uso atualmente, também não permite a execução de recursos interativos, como um “menu” que possibilite ao telespectador ter acesso à grade de programação da emissora.

O sistema de transmissão analógico disponibiliza a transmissão do sinal em apenas uma banda, o que impossibilita a utilização da tecnologia multiprogramação e das ferramentas de *video-on-demand*.

Isso demonstra que os métodos de convergência tecnológica tendem a ser lentos entre as empresas, e a troca de sistema deve movimentar milhões de reais para que sejam feitas as substituições de equipamentos, a fim de que a TV digital brasileira entre no ar.

Nesse contexto, a implantação da TV Digital esbarra em dificuldades corriqueiras como, por exemplo, o fato de que as emissoras de TV não investem em serviços de interatividade, são disponibilizados mais canais, mas sem a tão esperada interatividade. O motivo é a falta de regras para o pagamento de royalties pelo uso de ferramentas tecnológicas, como o Java. (SANTOS, 2009, p.360)

Nas capitais e metrópoles onde o sistema de transmissão digital já está no ar, algumas aplicações interativas são colocadas em teste, mas até o momento nenhuma dessas funções se concretizaram. Com isso, a estrutura desses telejornais ainda é comandada pelos produtores e editores dos programas. São eles que fazem a seleção das notícias através de critérios determinados pela linha editorial dos telejornais. Os produtores ficam encarregados de levantar os dados para a feitura das reportagens que são transmitidas. São os produtores, os repórteres e editores que decidem, nas reuniões de pauta, os temas e assuntos de maior repercussão, que merecem um espaço dentro do programa.

2.2 Jornalismo e a informação

A função social do jornalista é oferecer informações claras e precisas, trabalhar em busca da verdade, Fazer o papel de mediador entre os acontecimentos e a grande massa. A responsabilidade social exercida por profissionais dessa área é de extrema importância, visto que os jornalistas lidam com o público e, na televisão, esse processo não é diferente. Esses profissionais também devem manter algumas regras de conduta ética e seguir técnicas de produção textuais.

Os textos veiculados em um telejornal devem transmitir as informações de forma concisa, em uma linguagem simples, evitando a utilização de termos específicos e jargões. O televisor é o meio de comunicação mais utilizado pela população, ele concentra um público receptor heterogêneo e composto por pessoas de todas as faixas etárias, de diversos níveis de

escolaridade e localizados em regiões diferentes do país. Portanto, evitar o uso de linguagem específica é a técnica primordial para facilitar a compreensão das informações.

O texto jornalístico, seja em veículo impresso ou eletrônico, deve ser claro, conciso, direto, preciso, simples e objetivo. São normas universais, de absoluto consenso em TV, rádio, Internet, jornal ou revista. Algumas regras, no entanto, devem ser seguidas em cada veículo para que a missão de conquistar o telespectador, ouvinte ou leitor seja alcançada. A televisão e o rádio têm a característica da instantaneidade, o que obriga o jornalista a fazer com que a notícia seja entendida pelo receptor no exato momento em que é transmitida. (BARBEIRO; LIMA, 2002, p. 95)

Com o fluxo de informação os profissionais que trabalham na produção dos telejornais são responsáveis por fazer o “filtro” de dados que são de maior interesse e transformá-los em reportagens. Arbex Jr (2001, p. 98) acredita que a televisão é um polo ativo do processo de seleção e divulgação das notícias e também dos comentários e interpretações que delas são feitas. Ela não é mera “observadora” ou “repórter”: tem o poder de interferir nos acontecimentos.

Diante disso, é nitidamente visível a hierarquização entre produtores e receptores. Cabe aos profissionais da área de comunicação social a responsabilidade de levantar, produzir e checar informações que, pelos critérios da empresa, sejam de interesse público. Esse fato demonstra que a presença do telespectador ainda está sendo vista de forma passiva dentro dos programas jornalísticos, ou seja, a ele cabe apenas uma possibilidade, a de assistir ao telejornal que foi previamente estabelecido, exibido em um horário programado pela empresa e sem a probabilidade de ter acesso aos conteúdos em outros momentos do dia, que são funções previamente propostas no modelo nipo-brasileiro.

Winck (2007) defende que o processo de expansão da televisão deve ser entendido de diferentes maneiras, mas coincidentes somente em um ponto: que a televisão é produzida por poucos para ser consumida por muitos. Para ele, essa centralização da produção acabou por gerar um modo de comunicação sedutoramente autoritário.

A partir dessas análises, observa-se que mesmo o Brasil, tendo um modelo de televisão digital que possibilitará ao telespectador navegar enquanto está assistindo a um telejornal, as perspectivas ainda são inovadoras. Esse processo acontece pelo fato de as empresas de comunicação não estarem investindo em inovações para tornar o veículo mais atrativo, onde haja um retorno por parte dos telespectadores. A falta de interesse em investimentos tecnológicos para implementação do novo sistema pode ser justificada pela

insegurança e pelas incertezas que ainda permeiam sobre a aceitação da sociedade pela TV digital.

Embora o Decreto que estabelece as diretrizes para a digitalização da TV no Brasil tenha sido assinado em 2006, a TV digital no Brasil ainda passa por um momento de espera e incertezas. Governo e fabricantes se acusam mutuamente acerca da pequena aceitação pela sociedade, decorrente da relativa penetração e alcance do serviço. O consumidor ainda aguarda por soluções mais econômicas de conversores para ter acesso ao sinal digital, bem como por maior variedade de serviços e de interatividade. Tal espera evidencia que a sociedade ainda possui pouca informação acerca da transmissão, provavelmente resultado do lobby dos grupos de pressão e da campanha de (des)informação que marcaram o processo de implantação. (SANTOS, 2009, p. 345)

A falta de informação da sociedade sobre as novas tecnologias e a insegurança que existe entre as empresas de televisão justificam o lento processo de digitalização e disponibilização de ferramentas inovadoras nos programas jornalísticos. Temem investir na substituição dos equipamentos para a digitalização, inserir novas ferramentas na programação e não receber retorno por parte dos telespectadores, que, ou desconhecem o processo evolutivo que está prestes a passar, não têm condições aquisitivas de comprar os conversores, ou não têm disponibilidade do sinal em sua região, cujos detentores das emissoras de televisão procuram inovar as estruturas dos programas, mas de forma bem lenta.

2.3 Band e Record: objetos de análises

Os estudos são concentrados nos telejornais, e nota-se que, até o presente momento, há poucos investimentos relacionados à interação entre emissora e os receptores.

O Jornal da Band disponibiliza aos telespectadores, a possibilidade de acessar o endereço eletrônico do *site* da emissora, onde os vídeos das reportagens transmitidas naquela edição estão disponíveis para a visualização. Na internet, através do Portal Band (2009)⁷ os vídeos são disponibilizados em baixa definição, e na maioria das vezes, com distorções que atrapalham a compreensão dos sons. Mas a opção de ter acesso às reportagens pela internet já pode ser consagrada como um grande passo evolutivo para as empresas de televisão, possibilitando ao telespectador assistir às reportagens na hora em que lhe for possível e quantas vezes forem necessárias.

⁷ Site eletrônico da Emissora Bandeirantes de Televisão:
<<http://www.band.com.br/jornaldaband/videos.asp>>. Acesso em: 20 out. 2009.

Nesse caso, porém, a interação acontece em outro meio de comunicação, ou seja, é pela *web* que o receptor tem a possibilidade de fazer escolhas pelas notícias que mais lhe interessam a partir da seleção dos vídeos. Além da possibilidade de visualizar os vídeos mais assistidos, mais recentes e mais votados, alguns vídeos de outros programas da emissora também estão disponíveis no *link* Band Vídeos⁸.

Há também um *link* “Fale Conosco” pelo qual o receptor tem a possibilidade de enviar mensagens para a equipe de produção do programa. A partir do endereço eletrônico, pelo número de acesso é possível que a emissora faça levantamentos sobre os vídeos mais votados e mais visualizados. Essas ferramentas deixam claro que existem tipos de interação entre o receptor, no caso internauta, e o site da empresa. Portanto, a interatividade existe através de outros meios, não da televisão em si.

O Jornal da Record disponibiliza o site eletrônico⁹ da empresa nos créditos ao fim dos telejornais. Pelo portal é possível acessar o *link* do Jornal da Record; nele não são disponibilizados vídeos, mas informações sobre as séries de reportagens especiais exibidas nas edições do programa, que são disponibilizadas na internet. É permitido enviar as notícias por e-mail a um amigo, receber mensagens na tela do computador ou pelo celular através dos *RSS feeds*¹⁰.

Através do Portal Interatividade¹¹, também é possível receber notícias instantâneas do Jornalismo Record, por mensagens (SMS) do celular, entrar em contato com a equipe de produção sugerindo pautas, tirando dúvidas e fazendo reclamações, e receber novas informações via e-mail através do *Newsletter*. Há também a possibilidade de opinar em uma enquete em que é feita uma pergunta com opções de respostas, e o internauta pode clicar na alternativa que for de sua preferência.

Mas, assim como no Jornal da Band, o Jornal da Record ainda conta com ferramentas interativas na *web*. A partir do *site* é possível ter acesso e interagir com as ferramentas disponíveis, selecionando o que é do interesse particular e participando ativamente através da opção “entre em contato”. Novamente aqui, a interatividade existe através de outro meio de comunicação e não pelo sistema de televisão.

⁸ Portal de vídeos da Bandeirantes: < <http://maisband.band.com.br/>>. Acesso em: 20 out. 2009.

⁹ Site eletrônico da Emissora Record de Televisão: < <http://rederecord.r7.com/>>. Acesso em: 20 out. 2009.

¹⁰ RSS (Really Simple Syndication) – Um serviço onde é possível receber mensagens e informações pelo computador ou através do celular quando o *site* de preferência do usuário publicar novos dados.

¹¹ Portal de Interatividade da Record: < <http://rederecord.r7.com/mobile.html>>. Acesso: 20 out. 2009.

A figura do internauta é de um ser ativo. Na televisão analógica, o telespectador ainda é visto como passivo, podendo participar através do *site*, ou do telefone. Desse modo a internet pode ser classificada como um meio de comunicação e a televisão como um meio de informação.

Hoje, a TV aberta analógica utiliza meios de comunicação como telefone, internet e fax para fazer com que o telespectador participe indiretamente de sua programação. A partir da TV digital, a convergência dessas mídias (telefone e internet) concretizará o diálogo entre o telespectador e os responsáveis pela programação de cada emissora, através de dados recebidos e armazenados nas caixas conversoras digitais, chamadas de *set top Box*. E, acima de tudo, por um canal de retorno que possibilite a interatividade real. (BARBOSA FILHO; CASTRO, 2008, p. 156 - 157)

Mas, também, não se pode deixar de lado a importância que a televisão analógica tem dentro da sociedade brasileira, principalmente por deter algo que tanto carece em outros veículos de comunicação: a imagem.

A TV está profundamente mergulhada nas transformações sociais do início do século XXI e ao mesmo tempo em que sofre suas influências, contribui para que elas se processem. A televisão é a janela para o eterno e presente, registra cenas da história da humanidade imaginadas apenas nos filmes de ficção. (BARBEIRO e LIMA, 2002, p.13)

Pela sua grande importância dentro da sociedade, estudiosos desenvolveram um novo sistema de TV digital, disponibilizando ferramentas e opções tecnológicas de última geração. Mas de que forma todo esse aparato tecnológico será utilizado nos telejornais? Para isso, propõe-se uma análise individual e comparativa de dois programas, Jornal da Band e Jornal da Record. A partir dessa análise, apresentam-se perspectivas mudanças que podem acontecer nos telejornais brasileiros ao longo do processo de convergência dos sinais e ao longo da disseminação do sistema digital em todo o país.

3 CONHECENDO A ATUAL REALIDADE DOS TELEJORNALIS DAS REDES EM ESTUDO

3.1 Análise Jornal da Band

3.1.1 Impressões de conjunto

O telejornal apresenta diariamente notícias diversas de cultura, economia, esporte, entretenimento, tecnologia, turismo, saúde, social, responsabilidade pública, policial e fatos diversos, predominando as de abrangência nacional, porém, sem ignorar os fatos relevantes que acontecem no exterior. Nota-se, nos programas, a presença da Suíte, ou seja, a cobertura e repercussão da tragédia do “Vôo-447”, o Air Bus da empresa Air France. O programa é dividido em seis blocos, o tempo de cada bloco sofre variações de um para outro. A escalada e passagem de bloco são feitas com *Teaser*. O quadro meteorológico é diário, e informações sobre a previsão do tempo para os próximos dias também fazem parte da estrutura.

Durante a transmissão, nas chamadas de reportagens, observa-se que não são utilizados selos para ilustrar e complementar as informações. Gráficos e infográficos são recursos pouco utilizados no telejornal.

Nas apresentações, é notável a transmissão de reportagens com conteúdo sazonal, ou seja, notícias de feriados religiosos ou dias comemorativos. Como, por exemplo, Dia dos Namorados e dia de Santo Antônio, eventos que ganham destaque todos os anos dentro dos noticiários. Nesse caso, o que muda é apenas a abordagem do fato, os dados, o local da filmagem e os entrevistados. Por ser transmitido no período noturno, em horário do jantar, o programa possui um público receptor heterogêneo composto por pessoas de ambos os sexos e de várias idades.

3.1.2 Roteiro do programa

Nos quadros de 1 a 3ª, é feito um espelho dos noticiários exibidos no telejornal. O esquema indica o tipo de conteúdo, as informações abordadas nas notícias, a classificação da tipologia de cada conteúdo, a origem e o tempo de duração das informações.

Programa: Jornal da Band
Canal: Rede Bandeirantes de Televisão
 Dia: 08.06.2009

Item	Conteúdo	Tipologia	Raio de ação	Duração
Reportagem	Buscas Vôo 447	Geral	Nacional	2'9''
<i>Link ao Vivo</i>	Localização dos corpos –Vôo 447 (Recife)	Geral	Nacional	1'18''
Reportagem	Contagem dos corpos – Vôo 447	Suíte	Nacional	2'27''
Reportagem	Falta de informação para parentes das vítimas – Vôo 447	Suíte	Nacional	1'25''
Reportagem	Aumento do número de pessoas com gripe suína	Saúde pública	Nacional	1'34''
Nota Coberta	Falha nos sensores do Airbus	Suíte	Nacional	1'39''
Nota Coberta	Tornado nos Estados Unidos	Social	Internacional	18''
Reportagem	Queda na colheita de grãos	Econômica	Nacional	1'10''
<i>Link ao Vivo</i>	Familiares homenageiam os mortos –Vôo 447 (Rio de Janeiro)	Geral	Nacional	46''
Nota Coberta	Jornalistas americanas condenadas	Política	Internacional	24''
Nota Coberta	Fogo em creche mata crianças no México	Social	Internacional	19''
Nota Coberta	Confronto entre índios e exército na Amazônia	Social	Internacional	24''
Reportagem	Prêmio da Mega Sena	Econômica	Nacional	59''
Nota Coberta	Venda da Chrysler nos Estados Unidos	Econômica	Internacional	20''
Nota Coberta	Assalto a agência bancária em São Paulo	Policial	Nacional	46''

Quadro 1 Espelho - Programa: Jornal da Band - Dia: 08.06.2009.
 Fonte: SOUZA, Henrique G. D. 2009.

Programa: Jornal da Band
Canal: Rede Bandeirantes de Televisão
 Dia: 08.06.2009

Item	Conteúdo	Tipologia	Raio de ação	Duração
Reportagem	Identificação das vítimas – Voo 447	Suíte	Nacional	2'2''
Reportagem	OAB lança campanha nacional contra a chamada PEC dos precatórios	Econômica	Nacional	1'58''
Nota Coberta	Helio Castro Neves consegue centésima vitória na formula Indy	Esportiva	Nacional	51''
Reportagem	Ex-deputado que matou dois jovens deixa o hospital	Policial	Nacional	1'21''
Nota Coberta	Vulcão entra em erupção na Colômbia	Social	Internacional	15''
Reportagem	Transferência de Cacá para o Milan	Esportiva	Internacional	46''
Nota Coberta	Redução do valor do diesel	Econômica	Nacional	19''
Nota Coberta	Pão de Açúcar compra a rede Ponto Frio	Econômica	Nacional	1'

Quadro 1a Espelho - Programa: Jornal da Band - Dia: 08.06.2009.
 Fonte: SOUZA, Henrique G. D. 2009.

Programa: Jornal da Band
Canal: Rede Bandeirantes de Televisão
 Dia: 11.06.2009

Item	Conteúdo	Tipologia	Raio de ação	Duração
Reportagem	Pais de brasileira tem visto negado na Inglaterra	Política	Internacional	2'10''
Reportagem	Grupos de paramilitares são investigados por assassinato de ex-vereador	Policial	Nacional	1'33''
Reportagem	Cidades que adotam a moeda própria, diferente do Real	Econômica	Nacional	1'52''
Link ao Vivo	Resgate de mais corpos – Voo 447 (Fernando de Noronha)	Geral	Nacional	1'2''
Reportagem	Navio chega a Fernando	Geral	Nacional	1'2''

	de Noronha com os corpos das vítimas e destroços do Air Bus			
Reportagem	Começa trabalho de identificação das vítimas – Vôo 447	Suíte	Nacional	1'18''
Nota Coberta	Aumento do número de incidentes com Airbus	Responsabilidade Social	Internacional	1'6''
Reportagem	Dia de Corpus Christi	Religioso	Nacional	1'23''
Reportagem	Gripe Suína já é pandemia	Saúde pública	Nacional	1'44''
Reportagem	Feriado atrai turistas ao Sul	Cultura	Nacional	1'10''
Reportagem	Filhos adultos que ainda preferem morar com os pais	Comportamento	Nacional	1'41''
Reportagem	Lei para coibir o comércio de peças roubadas	Direito do consumidor	Nacional	1'49''
Reportagem	Polícia prende quadrilha no Paraná	Policial	Nacional	1'40''
Reportagem	Aumenta o número de viagens para o exterior	Turismo	Internacional	1'40''
Reportagem	Aumento da produção clandestina de fogos de artifício	Social	Nacional	2'
Nota Coberta	Oscar Niemeyer foi hospitalizado	Celebridade – Fatos diversos	Nacional	43''
Nota Coberta	Confronto entre policiais e traficantes	Policial	Nacional	23''
Reportagem	África do Sul recebe a Copa do Mundo	Esportiva	Internacional	1'41''
Reportagem	Brasil disputa a Copa das Confederações na África do Sul	Esportiva	Internacional	54''
Nota Coberta	O jogador mais caro da história do futebol	Esportiva	Internacional	55''

Quadro 2 Espelho - Programa: Jornal da Band - Dia: 11.06.2009.

Fonte: SOUZA, Henrique G. D. 2009.

Programa: Jornal da Band
Canal: Rede Bandeirantes de Televisão
 Dia: 12.06.2009

Item	Conteúdo	Tipologia	Raio de ação	Duração
Reportagem	Polícia ocupa duas favelas no Rio de Janeiro	Policial	Nacional	1'45''
Reportagem	Avaliação dos tacógrafos no Brasil	Geral	Nacional	2'52''
Reportagem	Casais de namorados eternos	Social	Nacional	2'21''
<i>Link ao Vivo</i>	Novos corpos foram resgatados – Vôo 447 (Fernando de Noronha)	Geral	Nacional	1'7''
Nota Coberta	Destroços do avião – Vôo 447	Suíte	Nacional	1'42''
Reportagem	Parentes viajam para a identificação dos corpos – Vôo 447	Policial	Nacional	1'29''
<i>Link ao Vivo</i>	Brasil participa da Copa das Confederações na África do Sul	Esportiva	Internacional	42''
Reportagem	Seleção é acompanhada por festas na África do Sul	Cultura	Internacional	1'8''
Nota Coberta	Pescadores são resgatados no Espírito Santo	Geral	Nacional	54''
Reportagem	Deslizamento de terra no Recife	Geral	Nacional	50''
Reportagem	Aumento do número de turistas no Sul	Econômica	Nacional	1'9''
Reportagem	Solteiros rezam para Santo Antônio	Geral	Nacional	2'18''
Nota Coberta	Dono de salão é atingido a tiros	Policial	Nacional	20''
Nota Coberta	Record de comparecimento nas eleições do Irã	Política	Internacional	1'5''
Reportagem	Vacina contra a gripe suína	Saúde pública	Nacional	1'10''
Reportagem	Perícia incorreta sobre acidente que matou dois jovens	Policial	Nacional	1'4''
Nota Coberta	Madonna pode adotar outro filho	Celebridade - Fatos diversos	Internacional	23''

Nota Coberta	Congresso dos EUA aprova medida história contra indústria do tabaco	Política	Internacional	18''
--------------	---	----------	---------------	------

Quadro 3 Espelho - Programa: Jornal da Band - Dia: 12.06.2009.

Fonte: SOUZA, Henrique G. D. 2009.

Programa: Jornal da Band

Canal: Rede Bandeirantes de Televisão

Dia: 12.06.2009

Item	Conteúdo	Tipologia	Raio de ação	Duração
Nota Coberta	ONU aprova novas sanções contra a Coreia do Norte	Política	Internacional	23''
Reportagem	Aumento do movimento nas lojas por causa do dia dos namorados	Econômica	Nacional	1'27''
Reportagem	Copa das Confederações é um orgulho para os africanos	Esportiva	Internacional	1'52''
Reportagem	A era da televisão digital nos EUA	Tecnologia	Internacional	1'1''

Quadro 3a Espelho - Programa: Jornal da Band - Dia: 12.06.2009.

Fonte: SOUZA, Henrique G. D. 2009.

3.1.3 Comerciais inseridos no programa

Para detalhar e enumerar os comerciais que foram inseridos nos intervalos do programa, nos quadros 4 a 6a, são feitas as classificações dos comerciais, os produtos anunciados e o tempo dedicado a inserção de cada intervalo entre as passagens de blocos.

Jornal da Band – 08.06.2009

Intervalo comercial

Quantidade de intervalos comerciais	Comerciais - Produtos anunciados	Tempo total de cada intervalo
1 – Inserção comercial	Kia – Automóvel Mohave Vale – Cada vez mais verde e amarela Telefônica – Promoção Fale e Navegue Veja – Desinfetante, perfumes da natureza Petrobrás – Postos BR Casas Bahia - Geral Vale – cada vez mais verde	Duração: 2'6''

	Kia – Automóvel Mohave Shopping Ibirapuera	
2 – Inserção comercial	Programa - CQC Casas Bahia – Refrigerador Consul, lavadora Brastemp Claro – Promoção Fale de Graça Governo Federal - INFRAERO UOL – O assinante UOL banda larga Omo – Omo multiação tanquinho SENAC – Inscrições para o vestibular Sadia – Presunto Sadia Harpic – Bloco higiênico com perfume e sem cestinha Guaraviton – Guaraviton mais saúde, mais energia	Duração: 5'3''
3 – Inserção comercial	Nestlé – Nova linha de biscoitos Shopping – Ibirapuera Car System – Rastreador de veículos Kinor – Caldo Vitalie Postos Ipiranga – Gasolina original e aditivada Vanish – Alvejante líquido Nossa Caixa – Crédito Fácil Kaiser – Cerveja sempre gostosa Formula Indy – Oferecimento: Ipiranga – Combustível original Duracell – Pilhas que duram 8 vezes mais que pilhas comuns Caixa - Melhores taxas para empresa Vanish – Alvejante Líquido Kaiser – Cerveja	Duração: 4'12''

Quadro 4 Intervalos comerciais - Programa: Jornal da Band - 08.06.2009.

Fonte: SOUZA, Henrique G. D. 2009.

Jornal da Band – 08.06.2009

Intervalo comercial

Quantidade de intervalos comerciais	Comerciais - Produtos anunciados	Tempo total de cada intervalo
4 – Inserção comercial	TIM – Plano Infinity Pós Seda – Shampoo S.O.S de chocolate Casas Bahia – Conjunto de mesas: grátis conjunto de panelas inox ou liquidificador; Guarda Roupa: grátis cama de casal ou lavadora semi-automática;	Duração: 4'32''

	Cozinha completa: grátis TV de 29 polegadas tela plana ou fogão 4 bocas Embratel 21 – Promoção DDI e DDD GM Chevrolet – Reinventando os caminhos Rexona – Energisy Sadia – Presunto Sadia Prefeitura de São Paulo - Prefeitura de São Paulo e CET Nokia – N85 Lacta – Novo bombom Sonho de Valsa	
5 – Inserção comercial	Futebol – Eliminatórias 2009 Casas Bahia – 24 horas na internet Caixa – Melhores taxas Petrobras – Postos BR Casas Bahia – TV Philips, TV LG Nossa Caixa – Melhores taxas Postos Petrobrás – Combustível com qualidade Vale – Cada vez mais verde e amarela Kia – Automóvel - Mohave Shopping - Ibirapuera	Duração: 2'18''

Quadro 4a Intervalos comerciais - Programa: Jornal da Band - 08.06.2009.

Fonte: SOUZA, Henrique G. D. 2009.

Jornal da Band – 11.06.2009

Intervalo Comercial

Quantidade intervalos comerciais	Comerciais - Produtos anunciados	Tempo total de cada Intervalo
1 – Inserção comercial	Top Cine – Robo Cop Vale – Cada vez mais verde e amarela Casas Bahia – Micro Positivo, grátis impressora, notebook Positivo. Kia – Picanto Shopping – Ibirapuera Comfort – Novo concentrado GM Chevrolet – IPI reduzido, Classic, Corsa 1.4 Casas Bahia – Guarda-roupa: grátis cama de casal ou lavadora semi-automática; Conjunto estofado: grátis lavadora semi-automática ou um raque. Cozinha Jordana: grátis forno microondas Brastemp ou fogão 4 bocas	Duração: 4'15''

	Oferecimentos: Petrobras – Posto BR; Casas Bahia – 24 na internet; Vale – Cada vez mais verde e amarela e Kia –Mohave	
2 - Inserção comercial	<p>Programa – Adriane Galisteu</p> <p>Casas Bahia – Guarda-roupa, grátis cama de casal ou microondas Brastemp; Cozinha Aline: grátis microondas Brastemp ou lavadora semi-automática; Dormitório de Casal: grátis fogão 4 bocas ou colchão de casal</p> <p>Petrobrás – Postos BR</p> <p>Clear – Shampoo Clear Tech Soft</p> <p>Nossa Caixa – Instantâneas</p> <p>Ford – IPI reduzido – Fiesta Hatch, Fiesta Sedan, Ecosport</p> <p>Sadia – Presunto Sadia</p> <p>Nestlé - Chocolovers</p> <p>SODESP – Financiamento de multas e IPVA do veículo</p> <p>Casas Bahia – TV LCD Philips 42'', TV LCD Philips 32''</p>	Duração: 4'16''
3 – Inserção comercial	<p>Jogo – Copa das Confederações – FIFA</p> <p>GM Chevrolet – Inovações</p> <p>Casas Bahia – Lavadora Brastemp, fogão, refrigerador Brastemp</p> <p>UOL – O assinante Uol banda larga</p> <p>WW Marcas famosas Toriba– IPI reduzido – Linha Fox e semi-novos</p> <p>Guaraviton – Guaraviton mais saúde, mais energia</p> <p>Listerine – Novo Listerine Cuidado Total</p> <p>Knorr – Novo Sopão</p> <p>Auto Shopping Global – Celta, Gol</p> <p>Casas Bahia – Cozinha Luana: grátis conjunto de panelas ou mesa para computador;</p> <p>Dormitório de casal: grátis lavadora semi-automática ou colchão de casal;</p> <p>Conjunto estofado: grátis Tv 29'' tela plana ou fogão 4 bocas</p>	Duração: 4'31''

Quadro 5 Intervalos comerciais - Programa: Jornal da Band - 11.06.2009.

Fonte: SOUZA, Henrique G. D. 2009.

Jornal da Band – 11.06.2009

Intervalo comercial

Quantidade de intervalos comerciais	Comerciais - Produtos anunciados	Tempo total de cada intervalo
4 – Inserção comercial	Propaganda – Escolinha muito louca Casas Bahia – Guarda-roupa Montreal: grátis cama de casal ou lavadora semi-automática; Conjunto estofado: grátis uma lavadora semi-automática ou um raque; Cozinha Jordana: grátis forno microondas Brastemp ou fogão 4 bocas; Honda – Titan Mix KS Rexona – Energisy Nossa Caixa – Crédito Fácil Diaskar – Palio Flex 2008, Celta Flex 2007 Brilhante – Brilho lavagem WW - marcas famosas -Toriba– IPI reduzido – Linha Fox e semi-novos AutoShop – Ford Mil Radial	Duração: 4'16''
5 – Inserção comercial	Eliminatórias 2009 – Oferecimento Casas Bahia, Caixa, Postos Petrobrás Nossa Caixa – Crédito Fácil Petrobras – Postos BR Casas Bahia – Micro Positivo: grátis impressora câmera digital Kodak Jornal da Band: oferecimento Petrobrás, Casas Bahia, Vale, Mohave	Duração: 2'17''

Quadro 5a Intervalos comerciais - Programa: Jornal da Band - 11.06.2009.

Fonte: SOUZA, Henrique G. D. 2009.

Jornal da Band – 12.06.2009

Intervalo Comercial

Quantidade de intervalos comerciais	Comerciais - Produtos anunciados	Tempo total de cada Intervalo
1 – Inserção comercial	Casas Bahia – Cozinha Luana: grátis conjunto de panela inox ou tábua de passar roupa; Conjunto estofado Montecarlo: grátis poltrona ou lavadora semi-	Duração: 4'29''

	<p>automática; Dormitório de casal: grátis mesa para computador ou colchão de casal;</p> <p>Kia – Mohave</p> <p>Petrobrás – Postos BR</p> <p>Vale – Cada vez mais verde e amarela</p> <p>Honda Moto Remaza - CG TITAN KS, LEAD, CB300R</p> <p>Sadia – Presunto Sadia</p> <p>Casas Bahia – TV LCD Philips 42'', TV LCD Philips 32''</p> <p>Auto Shop – Ford Mix São Caetano</p> <p>Jornal da Band: oferecimento Petrobrás, Casas Bahia, Vale, Mohave</p>	
2 – Inserção Comercial	<p>Programa – Adriane Galisteu</p> <p>Dove – Novo Dove desodorante</p> <p>Casas Bahia – Micro Positivo, Notebook Positivo</p> <p>Nossa Caixa – Crédito Fácil</p> <p>OMO – Multiação tanquinho</p> <p>AGRA – Super Família: imóvel com segurança</p> <p>GM Chevrolet – IPI reduzido – Classic, Corsa 1.4</p> <p>Luinnerlife – Cirurgia plástica</p> <p>Casas Bahia – Guarda-roupa Montineli: grátis cama de casal Montineli ou microondas Brastemp; Cozinha Jordana: grátis microondas Brastemp ou conjunto de mesa com 4 cadeiras; Cozinha Juliana: grátis TV 29'' tela plana ou conjunto de mesa</p>	Duração: 4'17''
3 – Inserção Comercial	<p>Cine Clube – Priscila, a rainha do deserto</p> <p>Casas Bahia - Micro Positivo, grátis impressora, notebook Positivo</p> <p>Tim – Plano Infinity Pós</p> <p>Governo Federal – INFRAERO</p> <p>HONDA Moto Remaza – CG TITAN KS MIX, LEAD CB300R</p> <p>Brilhante – Desinfetante</p> <p>Casas Bahia – Dormitório casal: grátis colchão de casal ou fogão 4 bocas; Conjunto estofado Royal: grátis microondas Brastemp ou fogão 4 bocas; Conjunto estofado Dubai: grátis lavadora semi-automática ou raque</p> <p>Auto Shopping Global (Santo André) – Celta Life, Gol City</p> <p>Formula Truck – Grande Prêmio de Goiânia</p> <p>Casas Bahia – Guarda-roupa Montineli: grátis cama de casal Montineli ou microondas Brastemp; Cozinha</p>	Duração: 4'18''

	Jordana: grátis microondas Brastemp ou conjunto de mesa com 4 cadeiras; Cozinha Juliana: grátis TV 29'' tela plana ou conjunto de mesa	
--	--	--

Quadro 6 Intervalos comerciais - Programa: Jornal da Band - 12.06.2009.

Fonte: SOUZA, Henrique G. D. 2009.

Jornal da Band – 12.06.2009

Intervalo Comercial

Quantidade de intervalos comerciais	Comerciais - Produtos anunciados	Tempo total de cada Intervalo
4 – Inserção comercial	Propaganda – Escolinha muito louca Casas Bahia – Lavadora Brastemp, fogão, refrigerador Brastemp Ford – IPI reduzido, Fiesta Hatch, Fiesta Sedan, EcoSport Nossa Caixa – Crédito Fácil Rexona – Energisy Itaú – Investimentos WW - Marcas famosas – Toriba – IPI reduzido – Linha Fox e semi-novos Guaraviton – Guaraviton mais saúde, mais energia Auto Shop – Ford Mix São Caetano Casas Bahia – Dormitório casal: grátis colchão de casal ou fogão 4 bocas; Conjunto estofado Royal: grátis microondas Brastemp ou fogão 4 bocas; Conjunto estofado Dubai: grátis lavadora semi-automática ou raque	Duração: 4'30''
5 – Inserção comercial	Secretária Municipal de Esportes – SP - Jogos da cidade Mc Donalds – Mc Oferta + Mc Flurry Casas Bahia – Guarda-roupa Montineli: grátis cama de casal Montineli ou microondas Brastemp; Cozinha Jordana: grátis microondas Brastemp ou conjunto de mesa com 4 cadeiras; Cozinha Juliana: grátis TV 29'' tela plana ou conjunto de mesa Knorr – Novo Sopão Jornal da Band: oferecimento Petrobrás, Casas Bahia, Vale, Mohave	Duração: 2'2''

Quadro 6a Intervalos comerciais - Programa: Jornal da Band - 12.06.2009.

Fonte: SOUZA, Henrique G. D. 2009.

3.1.4 Ritmo do Jornal da Band

O programa possui um ritmo simples, direto e objetivo de apresentação. A organização das notícias é feita através de uma hierarquia, ou seja, as reportagens de maior repercussão e interesse do público são apresentadas no início do programa. Já as notícias que se enquadram na classificação de comportamento, entretenimento e esporte são abordadas no decorrer e no final do telejornal.

As entradas ao vivo são feitas no primeiro e segundo blocos; isso acontece, pois, em um *link*, há possibilidade do repórter ultrapassar o tempo previsto para a sua entrada. Nesse caso, sendo no início do programa, é possível que os editores façam a edição de notas e até derrube as reportagens de menor cunho social, evitando estourar o tempo total de exibição do telejornal.

Os apresentadores, repórteres e comentarista possuem um ritmo normal de entonação e locução, as notícias são apresentadas de forma séria. Somente nas reportagens de esporte e entretenimento é possível visualizar na face dos apresentadores e no tom da voz a sensação de leveza e descontração.

3.1.5 Notícias de grande repercussão dos telejornais da Band

Nos programas analisados, as notícias de maior repercussão são as que tratam da queda do avião Air Bus da Air France, relacionadas ao “Vôo – 447”. A repercussão do acidente é feita nos três programas analisados. Tanto na chamada, quanto nas manchetes e passagem de bloco, é notável a presença de reportagens que tenham ligação direta com tragédia. O que muda é apenas a abordagem de cada informação. Mas, no geral, é nitidamente visível a presença das reportagens sobre as buscas dos corpos, a falha nos sensores do avião, a falta de informação dos parentes com relação às buscas e à identificação dos corpos.

Além de estar presente nas manchetes e nas reportagens, a cobertura sobre as investigações do “Vôo – 447” também é feita através das entradas ao vivo. Pelo *link*, os repórteres entram de Recife a Fernando de Noronha passando as informações sobre as buscas, números de corpos encontrados e como será feita a identificação dessas pessoas.

3.1.6 Notícias de pouca repercussão dos telejornais da Band

As notícias de pouca repercussão são apresentadas no telejornal como nota coberta, ou seja, aparecem apenas às imagens e a locução é feita pelos próprios apresentadores. No geral

são textos curtos, com no máximo 12 linhas. Na maioria das vezes as imagens não foram capturadas pela equipe de produção e, sim, compradas de terceiros.

Essas informações são relacionadas a fatos que aconteceram no exterior de abrangência internacional. No geral são temáticas, como por exemplo, um tornado que aconteceu em uma cidade dos Estados Unidos, um vulcão que entra em erupção na Colômbia, um incêndio em uma creche no México, o confronto entre índios e o exército na Amazônia, a condenação de duas jornalistas americanas, o comparecimento nas eleições do Irã, a aprovação do congresso dos EUA, a medida histórica contra a indústria do tabaco, a aprovação da ONU sobre as novas sanções contra a Coreia do Norte e também a venda da montadora Chrysler nos Estados Unidos.

A apresentação de nota coberta também é feita com acontecimentos relacionados a pessoas famosas que estão constantemente na mídia. É o caso da possibilidade de Madonna adotar mais filhos e a hospitalização de Oscar Niemeyer. São fatos nas vidas dessas celebridades que, por serem conhecidas mundialmente, merecem uma pequena abordagem dentro do noticiário.

3.1.7 Bibliografia técnica do meio

JORNAL DA BAND

Ficha técnica do meio
1. Título do programa: Jornal da Band
2. Horário da emissão: 19h15 – 20h15
3. Duração da transmissão do programa: 60 minutos
4. Frequência: diário: 2ª a sábado
5. Nome e sigla que designam o canal: Rede Bandeirantes de Televisão - BAND
6. Cidade sede dos estúdios: São Paulo
7. Cobertura do canal: Cobertura Nacional
8. Potência efetiva – 70 emissoras compõem a Rede Bandeirantes de Televisão
9. Localização da antena transmissora – Situada na Rua Minas Gerais, região da Avenida Paulista, Bairro: Consolação, São Paulo
10. Dados aproximados – Em busca feita pela internet, não foram encontrados dados atuais de audiência desse programa.

11. **Estrutura financeira da emissora:** Privada
12. **Linha ou tendência ideológica** – Não há grande carga ideológica que tenha maior predominância nos telejornais.

Quadro 7 Ficha técnica do meio.

Fonte: SOUZA, Henrique G. D. 2009.

3.1.8 Quantidade e porcentagem de notícias – Jornal da Band

Item	Assinaturas das Notícias	Quant.	%
1	Econômicas	9	9,78%
2	Políticas	5	5,43%
3	Laborais	0	0,00
4	Sociais	6	6,52%
5	Policiais	9	9,78%
6	Artísticas e culturais	2	2,17%
7	Educacionais	0	0,00
8	Esportivas (todas as áreas)	7	7,61%
9	Outras (abaixo)	27	29,35%
	Geral	10	10,87%
	Suíte	6	6,52%
	Saúde	3	3,26%
	Responsabilidade Social	1	1,09%
	Turismo	1	2,17%
	Celebridades – Fatos diversos	2	1,09%
	Tecnologia	1	1,09%
	Comportamento	1	1,09%
	Direito do consumidor	1	1,09%
	Religioso	1	1,09%
	Total	92	--

Quadro 8 Classificação das notícias.

Fonte: SOUZA, Henrique G. D. 2009.

Itens	Por Procedência	Quant.	%
1	Nacionais	44	67,69%
4	Internacional	21	32,31%

Quadro 8 Procedências de notícias.

Fonte: SOUZA, Henrique G. D. 2009.

3.1.9 Planilha da análise do Jornal da Band

MODELO DE PLANILHA DE ANÁLISE

- **LOCUÇÃO**

Vocalização: (*) Clara () Escura

Pronúncia: (*) Correta () Incorreta

Ritmo de Leitura: () Acelerado (*) Normal () Lento

Contato com o público telespectador:

- () Apego excessivo ao apontador mecânico ou *teleprompter*
- () Apego visível ao texto nas laudas / roteiro
- () Formalidade ou frieza excessiva na expressão e presença física
- (*) Facilidade de improvisação e soltura nas fórmulas de transmissão, apresentação ou despedida

- **REDAÇÃO**

Gramática e Sintaxe: (*) correta () incorreta

Uso de tecnicismos ou estrangeirismos: () Indiscriminado (*) Adequado

Adequação ao meio televisivo:

- () reiterativa da mensagem visual
- () simples complemento escrito das imagens
- (*) harmonia entre a mensagem visual e a auditiva

- **CENÁRIO DO “SET”**

Decoração do fundo: (*) descritiva () barroca (*) discreta

Localização dos locutores:

- () Escritório “mostrador” ou atril individual
- (*) Distância entre eles mesmos e () em relação ao set
- () Ângulo de tomada dos locutores:
 - (*) Normal () Dispersas () Centralizada nos locutores

- () Iluminação geral:
 () excessiva () dispersa () centralizada nos locutores
 (*) adequada

- **ESTRUTURA FORMAL DA EMISSÃO**

- Apresentação e encerramento:
 - Apresentação gravada: () Longa () Adequada (*) Dinâmica
 - Títulos sobrepostos no set ao vivo: (*) adequação ao formato geral da emissão
- Ritmo da emissão: proporção dos segmentos: reportagens, entrevistas, notícias lidas, publicações
- Amenidades e interesses: combinações harmônicas vídeo e áudio
- Direção e movimentos das câmeras:
 - (*) cortes diretos e cada locutor em um mesmo plano
 - () uso de movimento de câmeras:
 - () excessivo (*) apropriado () só na apresentação () despedida

- **CONTEÚDO NOTICIOSO DO TELEJORNAL**

Quantidade total das notícias emitidas:

Procedências e percentuais das notícias:

- (*) Nacional (*) Estadual (*) Regional (*) Local

Classificação das notícias por assinaturas:

- (*) políticas (*) econômicas (*) sociais (*) esportivas (*) artísticas (*) triviais

Espaços dedicados ao jornalismo analítico: () Nacional (*) Internacional

- **REPORTAGEM E ENTREVISTAS**

Aspectos jornalísticos:

Apresentação ou introdução do repórter in loco:

- () Longa (*) Adequada () Não necessária

Participação do repórter:

- () Simples presença, (*) Entrevista “ativa” () Discreta () Distrativa

Harmonia entre texto escrito e “declarações”:

- () Simples repetição () Reiterativa (*) Integrada.

Valor jornalístico da reportagem ou entrevista:

- Justifica-se sua inclusão no noticiário?
- Que valor concede o noticiário a essa notícia?
- Que categoria adquire a reportagem no conjunto do noticiário?
- Trata-se de uma série? Que valor tem esta “entrega” dentro do conjunto da reportagem?
- Centra-se na reportagem ou na entrevista em um só tema?

Aspectos formais:

Angulação da câmera

- Normal Picado Contrapicado

Variedade de planos e movimentos de câmeras

- Discreta Adequada Não necessária

Intervenção do repórter

- Fora de esquadro Demasiado patente Discreto

Edição ou montagem

Alargaram-se não necessariamente as declarações, sobrepassando o ponto de afetividade?

- Prescinde-se da montagem, pretendendo colocar o espectador frente a realidade?
- Divergem as declarações à base de uma montagem dinâmica?

Identificação do entrevistado ou declarante

- Verbal (do início e ao fim por parte da repórter)
- Com subtítulos sobrepostos (pelo menos duas vezes)

3.2 Análise Jornal da Record

3.2.1 Impressões de conjunto

O telejornal veicula diariamente notícias variadas, a maioria é de âmbito nacional com temas relacionados a comportamento, cultura, esporte, economia, social,

policial e outros. Porém, há apresentação de notas e reportagens sobre fatos relevantes que aconteceram no exterior e merecem um espaço dentro do veículo. É notável a presença da Suíte, que é a técnica de uma matéria que dá sequência ou continuidade a uma notícia. A Suíte é utilizada na repercussão do “Vôo-447”. Nas edições de análise há várias reportagens que têm ligação direta com o caso e a presença de *link* ao vivo para informar parentes e amigos das vítimas sobre as buscas, localizações e identificações dos corpos. Nas retomadas ao estúdio, durante a chamada das matérias, é feita exibição de selos para ilustrar as informações. A técnica do *Teaser* também é utilizada na escalada e passagem de bloco do programa.

Devido às datas em que o programa é analisado, nota-se a exibição de reportagens com conteúdo sazonal, produzidas em datas comemorativas e feriados religiosos. Nessas datas, a presença de grandes reportagens relacionadas a esses temas é notável em grande parte dos noticiários. Ano após ano, são pequenas mudanças no enfoque das reportagens, o local onde são capturadas as imagens, a gravação da passagem e as fontes.

O programa também apresenta um quadro com uma série de reportagens especiais, denominada “A vida por um fio”. As reportagens abordam temas como depressão, drogas, violência e salvamento. Nesse quadro, o repórter aborda casos específicos de pessoas que passaram por esses problemas e se recuperaram. Essas pessoas dão depoimentos de como tudo aconteceu; também são entrevistados indivíduos e profissionais que tiveram relação direta e foram de grande importância para a solução desses problemas. Devido ao horário, supõe-se que o público receptor desse programa seja heterogêneo, composto por pessoas de diversas faixas etárias e de ambos os sexos.

3.2.2 Roteiro de programas

Os quadros 10 a 13 mostram o espelho das notícias apresentadas nos programas de análise. Os quadros apontam o tipo de conteúdo, as informações retratadas nas notícias, a tipologia, o raio de ação e o tempo de cada informação.

Programa: Jornal da Record

Canal: Rede Record de Televisão

Dia: 08.06.2009

Item	Conteúdo	Tipologia	Raio de ação	Duração
Reportagem	Buscas pelos corpos – Vôo 447	Geral	Nacional	2'36''
Reportagem	Governo envia submarino	Suíte	Nacional	1'43''

	nuclear a região de buscas – Vôo 447			
Reportagem	Ministro da Defesa diz não ter se precipitado nas declarações equivocadas – Vôo 447	Social	Nacional	1'38''
Reportagem	Dificuldade dos familiares de lidar com a notícia da tragédia – Vôo 447	Suíte	Nacional	1'14''
Reportagem	Motorista de ônibus agride e mata passageiro	Policial	Nacional	1'16''
Reportagem	Seguranças e câmeras tentam coibir o uso de maconha no <i>campus</i> da PUC	Comportamento/ Vigilância	Nacional	1'24''
Reportagem	Aumenta número de mortos por policiais fora de serviço	Policial	Nacional	1'13''
Reportagem	Integrantes de quadrilha que roubava caixa eletrônico são presos	Policial	Nacional	1'50''
Reportagem Especial	Série especial A vida por um fio	Reportagem temática e especializada	Nacional	7'2''
Reportagem	Defesa de lei para tráfico de animais silvestres	Política/ Meio ambiente	Nacional	2'58''
Nota Coberta	Empresa Pão de Açúcar compra a rede Ponto Frio	Econômica	Nacional	24''

Quadro 10 Espelho - Programa: Jornal da Record - Dia: 08.06.2009.
Fonte: SOUZA, Henrique G. D. 2009.

Programa: Jornal da Record
Canal: Rede Record de Televisão
Dia: 08.06.2009

Item	Conteúdo	Tipologia	Raio de Ação	Duração
Link ao Vivo	Diminuição do preço do diesel (Brasília)	Econômica	Nacional	32''
Reportagem	Representantes da Coreia do Norte vão aos EUA negociar libertação de repórteres americanos	Política	Internacional	51''
Nota	Partidos do Centro Direito	Política	Internacional	23''

Coberta	obtêm maior votação na eleição do parlamento europeu			
Nota Coberta	Cuba não se reintegra à Organização dos Estados Americanos	Política	Internacional	23''
Nota Coberta	Contratação de Cacá ao Real Madrid	Esporte	Internacional	36''
Reportagem	Fabiana Murer é estrela do troféu Brasil de atletismo no Rio	Esporte	Nacional	1'23''
Reportagem	Lojas estimulam consumidor a comprar no crediário	Econômica	Nacional	1'46''
Reportagem	Identificação das vítimas do Airbus	Suíte	Nacional	2'2''
Reportagem	Continua o movimento de turista em Fernando de Noronha	Turismo	Nacional	2'16''
Reportagem	Erro na contagem de corpos – Vôo 447	Policial	Nacional	1'37''
Link ao Vivo	Aumento do número de corpos encontrados – Vôo 447 (Recife)	Suíte	Nacional	40''

Quadro 10a Espelho - Programa: Jornal da Record - Dia: 08.06.2009.

Fonte: SOUZA, Henrique G. D. 2009.

Programa: Jornal da Record
Canal: Rede Record de Televisão
Dia: 11.06.2009

Item	Conteúdo	Tipologia	Raio de ação	Duração
Reportagem	Contadora de uma das quadrilhas mais perigosas do país foi presa	Policial	Nacional	2'10''
Reportagem	Gripe suína é pandemia	Saúde pública	Nacional	1'18''
Reportagem	Brasil não muda a forma de tratar a gripe suína	Saúde pública	Nacional	1'17''
Nota Coberta	Protesto na Itália	Policial	Internacional	17''
Nota Coberta	Avião Airbus faz pouso de emergência	Suíte	Nacional	28''
Reportagem	Iranianos votam nas	Política	Internacional	1'41''

	eleições presidenciais			
Reportagem Especial	Série especial A vida por um fio	Reportagem temática	Nacional	7'25''
Reportagem	Mais corpos foram localizados no oceano – Vôo 447	Suíte	Nacional	1'50''
Reportagem	Exames de identificação das vítimas – Vôo 447	Policial	Nacional	1'18''
Nota Coberta	Imagens das equipes francesas que trabalham no resgate do Airbus	Suíte	Internacional	1'2''
Link ao vivo	Mais corpos são encontrados – Vôo 447 (Recife)	Suíte	Nacional	32''
Reportagem	Real Madrid compra Cristiano Ronaldo	Esporte	Internacional	1'19''
Reportagem	Seleções de futebol vivem situações diferentes nas eliminatórias para copa da África do Sul	Esporte	Internacional	1'7''
Nota Coberta	Policial usa arma de eletrochoque em idosa nos EUA	Direitos humanos	Internacional	33''
Reportagem	Escolha do presente para o dia dos namorados	Social	Nacional	2'21''
Reportagem	Frigoríficos são acusados de destruir florestas	Meio Ambiente	Nacional	3'39''
Reportagem	Enterro do ex-vereador Nardinho	Policial	Nacional	1'23''
Nota Coberta	Exército não comenta sobre crime ocorrido na Granja do Torto	Policial	Nacional	12''
Reportagem	Morte de Pitoco	Celebridade	Nacional	1'26''

Quadro 11 Espelho - Programa: Jornal da Record - Dia: 11.06.2009.

Fonte: SOUZA, Henrique G. D. 2009.

Programa: Jornal da Record
Canal: Rede Record de Televisão
Dia: 12.06.2009

Item	Conteúdo	Tipologia	Raio de ação	Duração
Reportagem	Tiroteio no Complexo da Maré já matou quinze	Policial	Nacional	1'56''

	vítimas			
Nota Coberta	Fuga de dois presos em Santa Catarina	Policial	Nacional	48''
Nota Coberta	Dono de salão de beleza leva dez tiros durante negociação entre bandidos e policiais	Policial	Nacional	23''
Reportagem	Aumento de cirurgias para redução de estômago nos hospitais públicos	Saúde Pública	Nacional	1'30''
Nota Coberta	São Paulo, dois caminhões se envolveram em acidente grave	Policial	Nacional	21''
Reportagem	Disputa pelas eleições no Irã	Política	Internacional	1'45''
Nota Coberta	Madonna pode adotar criança em Malawi	Celebridade – Fatos Diversos	Internacional	14''
Reportagem	Conselho de Segurança da ONU amplia sanções contra a Coreia do Norte	Política	Internacional	57''
Reportagem	Sobe o número de infectados com gripe suína no Brasil	Saúde Pública	Nacional	1'6''
Reportagem	Polícia investiga morte de paciente em hospital psiquiátrico de São Paulo	Policial	Nacional	1'25''
Reportagem Especial	Série especial A vida por um fio	Reportagem temática e especializada	Nacional	7'46''
Reportagem	Corpos passam por perícia no IML do Recife – Vôo 447	Policial	Nacional	1'15''
Reportagem	Novas partes do Airbus foram localizadas – Vôo 447	Suíte	Nacional	1'24''
Link ao Vivo	Total de corpos já resgatados – Vôo 447 (Recife)	Suíte	Nacional	33''
Reportagem	Barco de pescadores é resgatado no Espírito Santo	Policial	Nacional	38''

Quadro 12 Espelho - Programa: Jornal da Record - Dia: 12.06.2009.
Fonte: SOUZA, Henrique G. D. 2009.

Programa: Jornal da Record
 Canal: Rede Record de Televisão
 Dia: 12.06.2009

Item	Conteúdo	Tipologia	Raio de ação	Duração
Reportagem	Aumento de frigoríficos que destroem a floresta amazônica	Meio ambiente	Nacional	1'47''
Reportagem	Aquecimento da economia e diminuição da crise no país	Econômica	Nacional	1'22''
Reportagem	Feriadão com grande número de turistas em Campos do Jordão	Turismo	Nacional	1'46''
Reportagem	Chuva provoca soterramento e mortes no Recife	Geral	Nacional	1'27''
Nota Coberta	Ex-premier britânica é internada depois de cair em casa	Celebridade – Fatos diversos	Internacional	13''
Reportagem	Há quinze anos seleção brasileira feminina de basquete conquistava título mundial	Esporte	Nacional	1'41''
Reportagem	Dia dos Namorados	Social	Nacional	1'38''
Reportagem	Namoro de animais no zoológico de Salvador	Meio ambiente	Nacional	2'23''

Quadro 13 Espelho - Programa: Jornal da Record - Dia: 12.06.2009.
 Fonte: SOUZA, Henrique G. D. 2009.

3.2.3 Comerciais inseridos no programa

Nos quadros 14 a 16, são enumerados os comerciais inseridos durante os intervalos da apresentação dos programas. A tabela é dividida em três partes: quantidade de inserções comerciais, os comerciais e produtos ofertados e o tempo de duração de cada intervalo.

Jornal da Band – 08.06.2009

Intervalo comercial

Quantidade de intervalos comerciais	Comerciais - Produtos anunciados	Tempo total de cada intervalo
1 – Inserção Comercial	<p>Nossa Caixa – As melhores taxas pra sua empresa</p> <p>Vale – Cada vez mais verde e amarela</p> <p>Telefônica – Promoção Fale e Navegue</p> <p>Lojas Lívia – Coloração Luminous, máscara pós-química, chapa Taiff, colônia Tabu</p> <p>Tanger – Camisas e blusas, calças Jeans, calçados, bolsas</p> <p>Recanto do Lago Residence – Loteamento</p> <p>Supermercados Ulian – Achocolatado Nescau, Azeitona Rivoli, Coca-Cola</p> <p>Pdt 12 – O verdadeiro partido do trabalhador brasileiro</p> <p>Record – Sua opinião é importante</p>	Duração: 3'3''
2 – Inserção comercial	<p>Gelol – Gelol vai fundo na dor</p> <p>Rexona – Novo shampoo</p> <p>Casas Bahia – Lavadora Brastemp, refrigerador Brastemp</p> <p>Natura – Concurso Maquiadores do Brasil</p> <p>Activia – Danone</p> <p>Seda – Novo shampoo S.O.S Chocolate</p> <p>Rexona – Energisy</p> <p>Jornal da Record: oferecimento Caixa, Vale, Governo de São Paulo – Obras do Rodoanel</p> <p>Pedrete – Arroz e feijão Pedrete</p> <p>Recanto do Lago Residence – Loteamento</p> <p>Shopping – Plaza Avenida – São José do Rio Preto</p> <p>Supermercados Laranjão – Coxão mole bovino, margarina Qualy, linguiça suína Sadia, pernil suíno, sabão em pó Ariel, desinfetante Scarlin, sabonete Lux</p>	Duração: 5'3''

Quadro 14 Intervalos comerciais - Programa: Jornal da Record - 08.06.2009.

Fonte: SOUZA, Henrique G. D. 2009.

Jornal da Record – 11.06.2009

Intervalo comercial

Quantidade de intervalos comerciais	Comerciais - Produtos anunciados	Tempo total de cada intervalo
1 – Inserção comercial	<p>Nossa Caixa – As melhores taxas pra sua empresa Natura – Concurso Maquiadores do Brasil PSDB – Aécio Neves / Governo de Minas Gerais Activia – Danone PSDB – Conquistas do PSDB – José Serra Rexona – Energisy Jornal da Record: oferecimento Caixa, Vale, Associação Comercial de Votuporanga – Promoção economia Dia dos Namorados Maggi – Promoção Maggi Tend Tudo – Porta lisa de madeira p/ verniz, janela veneziana em aço, janela de correr em aço Supermercados Laranjão – Cebola argentina, beterraba, alface maço, ameixa importada, macarrão Basilar, molho de tomate Tarantella, alcatra bovina, papel higiênico Personal Ford – Feirão Ford Báltico Poder paralelo – Propaganda</p>	Duração: 5'18''
2 – Inserção comercial	<p>Nossa Caixa – As melhores taxas pra sua empresa Natura – Concurso Maquiadores do Brasil PSDB – Aécio Neves / Governo de Minas Gerais Engov – Engov Casas Bahia – Micro Positivo e impressora grátis, câmera digital Kodak PSDB – José Serra Jornal da Record oferecimento, Caixa, Vale Tend Tudo – Porta lisa de madeira p/ verniz, janela veneziana em aço, janela de correr em aço Parque José Curi - Moradia Catanduva Governo de São Paulo – Obras do Rodoanel Panificadora Formosa – 7 Festival do Morango</p>	Duração: 5'3''

Quadro 15 Intervalos comerciais - Programa: Jornal da Record - 11.06.2009.

Fonte: SOUZA, Henrique G. D. 2009.

Jornal da Record – 12.06.2009

Intervalo comercial

Quantidade de intervalos comerciais	Comerciais - Produtos anunciados	Tempo total de cada intervalo
1 – Inserção comercial	<p>Nossa Caixa – As melhores taxas pra sua empresa Natura – Concurso Maquiadores do Brasil Casas Bahia – Cozinha com balcão: grátis conjunto de panelas de inox ou tábua de passar Tramontina: Conjunto estofado: grátis poltrona ou lavadora semi automática; Dormitório de casal completo Verona: grátis mesa para computador ou colchão de casal Rexona – Energisy Jornal da Record: oferecimento Caixa, Vale. PPS – SONINHA FRANCINE – Davi Zaia Brilhante – Preserva as cores Proença Supermercados – Azeite Andorinha, contrafilé bovino, arroz Dona Malú Tend Tudo – Porta lisa de madeira p/ verniz, janela veneziana em aço, janela de correr em aço Honda Sperta Consórcio – Promoção chave premiada Knorr – Sopão Knorr Partido de República Supermercados Ulian – Margarina Soya, farinha de trigo Tia Ofélia</p>	Duração: 5'5''
2 – Inserção comercial	<p>Natura – Concurso Maquiadores do Brasil Casas Bahia – Lavadora Brastemp, fogão, refrigerador Brastemp Honda – Titan Mix KS Dove – Novo Dove Benegrip – Para gripe Benegrip Jornal da Record: oferecimento Caixa, Vale PPS – SONINHA FRANCINE – Davi Zaia Pernambucanas – TV LCD, câmera Panasonic, notebook Toshiba, refrigerador Eletrolux, lavadora Eletrolux Tend Tudo – Porta lisa de madeira p/ verniz, janela veneziana em aço, janela de correr em aço Feirão Ford Báltico – Novo Ka, novo Fusion, Ecosport, Fiesta Hatch PR – Macarrão</p>	Duração: 4'48''

Quadro 16 Intervalos Comerciais - Programa: Jornal da Record - 12.06.2009.
Fonte: SOUZA, Henrique G. D. 2009.

3.2.4 Ritmo do Jornal da Record

O ritmo de apresentação do telejornal é simples e os textos são produzidos em linguagem direta e objetiva. A seleção de notícias é feita através de uma hierarquia, ou seja, as reportagens de maior interesse do público são apresentadas no começo do programa. Ao final, geralmente são matérias frias sem a presença de conteúdos *factuais*. A estruturação dos blocos não é feita de forma homogênea. O tempo de apresentação no primeiro bloco é relativamente grande em comparação aos outros. O primeiro bloco é o que contém as principais notícias, a série de reportagem especial “A vida por um fio”, a chamada para o programa do dia seguinte e as inserções institucionais com destaques de outros programas da emissora, como, por exemplo, o Repórter Record e o Câmera Record. Em alguns momentos, esse bloco chega a ser cansativo, pois o telespectador precisa ficar mais de vinte minutos concentrado, recebendo diversas informações. É um “turbilhão” de notícias de uma só vez. Já no segundo, terceiro e quarto blocos, as reportagens possuem menor relevância do que as iniciais e algumas são produzidas com um tom descontraído. Nesse programa, os *links* ao vivo aparecem tanto no primeiro, quanto no segundo e terceiro blocos, dependendo da hierarquia de apresentação das informações transmitidas.

Os apresentadores e repórteres possuem um bom ritmo de apresentação. Apenas nas matérias de esporte é que se nota, na sua locução, uma tonalidade de voz mais leve e descontraída. Nas demais reportagens e notas, as informações são lidas de forma séria e curta.

3.2.5 Notícias de grande repercussão dos telejornais da Record

Nos programas analisados é notável a repercussão da tragédia do “Vôo-447” da Air France. As notícias sobre o desfecho do acidente estão presentes nas três edições estudadas. Na chamada das manchetes, na passagem de bloco e várias reportagens há um eixo de ligação com o caso. Nos três dias de programa, nota-se a presença de reportagens sobre as buscas pelos corpos no mar, localização de destroços do avião, a perícia de identificação dos corpos resgatados e as causas do acidente como, por exemplo, a falha dos sensores. Grande parte das matérias sobre o “Vôo – 447” possuem informações extras. Além disso, repórteres entram ao

vivo de Recife para passar informações novas e atuais sobre as investigações do caso e os trabalhos de busca.

3.2.6 Notícias de pouca repercussão dos telejornais da Record

O telejornal é de âmbito nacional e internacional, porém a maior parte das notícias é produzida no Brasil, país de maior abrangência da emissora. Apenas as de relevância no exterior é que recebem um espaço dentro do programa. Mesmo tendo um espaço, a maioria dessas notícias internacionais é exibida em forma de nota coberta. No geral, elas abordam assuntos como as eleições no parlamento europeu, a não integração de Cuba a OEA, um protesto na Itália, o policial que usa arma de eletrochoque em idosa nos EUA. E também casos de celebridades, como a adoção que a cantora Madonna fez de uma criança no Malawi e a internação de Ex-premier britânica. Notícias com pouca relevância também são apresentadas como nota coberta em textos pequenos, como por exemplo, a compra da rede Ponto Frio feita pela empresa Pão de Açúcar; as esportivas, como a contratação de Cacá ao Real Madrid; geral, como um pouso de emergência realizado por um Airbus do mesmo modelo da aeronave da Air France e informações como as imagens das equipes francesas que trabalham no resgate dos corpos do “Vôo – 447”; As policiais, como o crime ocorrido na Granja do Torto, a fuga de dois presos em Santa Catarina e um assalto a um salão de beleza em São Paulo.

3.2.7 Bibliografia técnica do meio

JORNAL DA RECORD

Ficha técnica do meio
13. Título do programa: Jornal da Record
14. Horário da emissão: 19h50 – 20h50
15. Duração da transmissão do programa: 60 minutos
16. Frequência: diário: 2ª a sábado
17. Nome e sigla que designam o canal: Rede Record de Televisão - RECORD
18. Cidade sede dos estúdios: São Paulo
19. Cobertura do canal: Cobertura Nacional

20. **Potência efetiva** – As emissoras estão espalhadas pelas regiões Sudeste, Sul, Centro-Oeste, Nordeste, Norte do Brasil
21. **Localização da antena transmissora** – Localizada na Avenida Paulista, Bairro Bela Vista, São Paulo
22. **Dados aproximados** – Em busca realizada na internet, não foram encontrados dados atuais de audiência desses programas.
23. **Estrutura financeira da emissora:** Privada
24. **Linha ou tendência ideológica** – Não há grande carga ideológica que tenha maior predominância nos telejornais.

Quadro 17 Ficha técnica do meio.

Fonte: SOUZA, Henrique G. D. 2009.

3.2.8 Quantidade e porcentagem de notícias – Jornal da Record

Item	Assinaturas das Notícias	Quant.	%
1	Econômicas	4	4,60%
2	Políticas	7	8,05%
3	Laborais	0	0,00
4	Sociais	3	3,45%
5	Policiais	16	18,39%
6	Artísticas e Culturais	0	0,00
7	Educacionais	0	0,00
8	Esportivas (todas as áreas)	5	5,75%
9	Outras (abaixo)	26	29,89%
	Geral	2	2,30%
	Suíte	10	11,49%
	Saúde	4	4,60%
	Turismo	2	2,30%
	Celebridades – Fatos Diversos	3	3,45%
	Comportamento	1	1,15%
	Direito Humanos	1	1,15%
	Reportagem Temática e Especializada	3	3,45%
	Total:	87	--

Quadro 18 Classificação das notícias.

Fonte: SOUZA, Henrique G. D. 2009.

Itens	Por Procedência	Quant.	%
-------	-----------------	--------	---

1	Nacionais	50	78,13%
4	Internacional	14	21,88%

Quadro 19 Procedências das notícias.

Fonte: SOUZA, Henrique G. D. 2009.

3.2.9 Planilha da Análise Jornal da Record

MODELO DE PLANILHA DE ANÁLISE

- **LOCUÇÃO**

Vocalização: (*) Clara () Escura

Pronúncia: (*) Correta () Incorreta

Ritmo de Leitura: () Acelerado (*) Normal () Lento

Contato com o público telespectador:

- () Apego excessivo ao apontador mecânico ou teleprompter
- () Apego visível ao texto nas laudas / roteiro
- () Formalidade ou frieza excessiva na expressão e presença física
- (*) Facilidade de improvisação e soltura nas fórmulas de transmissão, apresentação ou despedida

- **REDAÇÃO**

Gramática e Sintaxe: (*) correta () incorreta

Uso de tecnicismos ou estrangeirismos: () Indiscriminado (*) Apropriado

Adequação ao meio televisivo:

- () reiterativa da mensagem visual
- () simples complemento escrito das imagens
- (*) harmonia entre a mensagem visual e a auditiva

- **CENÁRIO DO “SET”**

Decoração do fundo: (*) descritiva () barroca (*) discreta

Localização dos locutores:

() Escritório “mostrador” ou atril individual

(*) Distância entre eles mesmos e () em relação ao set

() Ângulo de tomada dos locutores:

(*) Normal () Dispersas () Centralizada nos locutores

() Iluminação geral:

() excessiva () dispersa () centralizada nos locutores

(*) adequada

• **ESTRUTURA FORMAL DA EMISSÃO**

- Apresentação e encerramento:

- Apresentação gravada: () Longa () Adequada (*) Dinâmica

- Títulos sobrepostos no *set* ao vivo: (*) Adequação ao formato geral da emissão

- Ritmo da emissão: proporção dos segmentos: reportagens, entrevistas, notícias lidas, publicações

- Amenidades e interesses: combinação harmônica vídeo e áudio

- Direção e movimentos das câmeras

(*) cortes diretos e cada locutor em um mesmo plano

() uso de movimento de câmeras:

() excessivo (*) apropriado () só na apresentação () despedida

• **CONTEÚDO NOTICIOSO DO TELEJORNAL**

Quantidade total das notícias emitidas:

Procedências e percentuais das notícias:

(*) Nacional (*) Estadual (*) Regional (*) Local

Classificação das notícias por assinaturas:

(*) políticas (*) econômicas (*) sociais (*) esportivas (*) artísticas (*) triviais.

Espaços dedicados ao jornalismo analítico: (*) Nacional () Internacional

- **REPORTAGEM E ENTREVISTAS**

Aspectos jornalísticos:

Apresentação ou introdução do repórter *in loco*:

Longa Adequada Não necessária

Participação do repórter:

Simples presença Entrevista “ativa” Discreta Distrativa

Harmonia entre texto escrito e “declarações”:

Simples repetição Reiterativa Integrada

Valor jornalístico da reportagem ou entrevista:

Justifica-se sua inclusão no noticiário?

Que valor concede o noticiário a essa notícia?

Que categoria adquire a reportagem no conjunto do noticiário?

Trata-se de uma série? Que valor tem esta “entrega” dentro do conjunto da reportagem?

Centra-se na reportagem ou na entrevista em um só tema?

Aspectos Formais:

Angulação da câmera

Normal Picado Contrapicado

Variedade de planos e movimentos de câmeras

Discreta Adequada Não necessária

Intervenção do repórter

Fora de esquadro Demasiado patente Discreto

Edição ou montagem

- () Alargaram-se não necessariamente as declarações, sobrepassando o ponto de afetividade?
- (*) Prescinde-se da montagem, pretendendo colocar o espectador frente à realidade?
- () Divergem as declarações à base de uma montagem dinâmica?

Identificação do entrevistado ou declarante

- () Verbal (do início e ao fim por parte da repórter)
- (*) Com subtítulos sobrepostos (pelo menos duas vezes)

4 ANÁLISE COMPARATIVA DOS TELEJORNAIS

4.1 Questões gerais

Avaliando os diversos noticiários a partir do ponto de vista de gostar ou não gostar, justifica-se que as observações abaixo são opiniões pessoais. Essas opiniões e classificações são feitas com base em uma planilha de análise comparativa para telejornais. Tal planilha foi desenvolvida por Ferres (1996). Através dessa planilha e de uma metodologia observacional e comparativa das 3 edições de cada um dos programas, é elaborada a análise comparativa.

Ao término de toda a análise, pode-se afirmar maior preferência pelo formato do telejornal da TV Bandeirantes. Essa escolha é feita a partir de diversos quesitos que se julgam necessários para a melhor exibição de um produto de grande quantidade que o telespectador quer ver. Para justificar a preferência pelo Jornal da Band, levantaram-se alguns pontos no programa que não existem no Jornal da Record, e algumas peculiaridades do telejornal da Rede Record que não são apreciadas por este pesquisador.

A estrutura de apresentação das notícias no estúdio do Jornal da Band, com dois apresentadores e um comentarista na bancada, parece bastante interessante. A figura do comentarista é bem vinda aos programas jornalísticos, e as análises feitas por Joelmir Betting não deixam de ser importantes para complementar as informações. O telespectador dos telejornais, na maioria das vezes, assiste às notícias e apenas decodifica-as, sem fazer reflexões críticas sobre os assuntos. Por isso, a presença do comentarista com opiniões claras e concisas é bem vinda ao programa, possibilitando aos telespectadores refletir sobre os assuntos e compreender a situação atual da economia.

O programa, que tem duração de sessenta minutos, é dividido em 6 blocos, o que facilita a separação das informações. Isso deixa os blocos menores evitando com que o telespectador se sinta cansado ao assistir ao noticiário. Já o Jornal da Record é dividido em apenas 3 blocos, sendo o primeiro maior do que os outros. Essa divisão em menos blocos acaba deixando o telejornal da Record maçante e árduo para quem está assistindo. O primeiro bloco chega a ter mais de 30 minutos, a metade do tempo total do programa. Nele, há apresentação das informações principais do dia e da série de reportagens especiais. Já os dois últimos blocos são muito pequenos, com apresentação de poucas notícias. Essa hierarquia entre os blocos deixa o telespectador ora cansado de assistir ao programa, ora quase sem ter

tempo de ver as informações. O primeiro bloco com longa duração cansa o telespectador, podendo fazer com que ele desligue o televisor ou troque de canal. As informações são transmitidas em um turbilhão sem fim, deixando o telespectador estafado de tantos dados. Já nos últimos blocos, as notícias são muito curtas, impossibilitando apego do telespectador às informações: a quantidade de notícias é tão pequena que se o telespectador não estiver próximo ao televisor por alguns minutos, pode perder todas as informações.

Se essa divisão de tempo fosse mais bem distribuída entre os blocos, o telejornal talvez tivesse um número ainda maior de telespectadores. Os intervalos comerciais são importantes não só para a emissora, mas também para quem está assistindo ao programa. É nos comerciais que as pessoas costumam sair da frente do televisor e o tempo longo do primeiro bloco do Jornal da Record impossibilita que as pessoas tenham esse momento de descontração entre um bloco e o outro.

Nas reportagens do Jornal da Band, há identificação do local onde as imagens foram capturadas, no Jornal da Record essas informações não aparecem com frequência, o que pode confundir o telespectador, deixando-o sem ter conhecimento da localidade das informações.

Ambos os telejornais combinam com interesses pessoais, o que varia de acordo com a preferência de cada telespectador. Os assuntos apresentados nos programas praticamente são os mesmos, com poucas exceções. Essas exceções são reportagens não factuais, ou de caráter sazonais. Já as informações novas e repercussões de acidentes ou tragédias são apresentadas nos programas das duas emissoras. Por isso, é complexo apontar qual dos programas tem maior predominância pelos interesses pessoais, mesmo porque o público receptor desses programas é completamente heterogêneo e isso, conseqüentemente, denota interesses diversos entre os telespectadores.

O grau de compreensão das informações é obtido em todas as notícias de ambos os telejornais, alcançada pela linguagem utilizada nos textos. As notícias dos telejornais são claras, simples e objetivas, possibilitando a todos os telespectadores compreender e entender as informações.

4.2 Estrutura

Os dois telejornais, tanto o Jornal da Band quanto o Jornal da Record, possuem o mesmo tempo de duração, uma média de sessenta minutos de apresentação. Em algumas das edições analisadas, esse tempo passou por pequenas variáveis. As três edições do Jornal da

Band e do Jornal da Record apresentaram o total de 65 notícias. A classificação dessas notícias varia desde nota coberta, reportagem e *link* ao vivo. De acordo com a classificação noticiosa nota-se que a reportagem tem maior predominância dentro dos programas. Na primeira edição do Jornal da Band, exibida em 8 de junho, foram transmitidas 23 notícias. O segundo programa da análise, que foi ao ar dia 11 de junho, foram apresentadas 20 notícias. No último, transmitido em 12 de junho, foram apresentadas 22 notícias. O tempo total de apresentação do noticiário é o mesmo, com pequenas alterações de edição para edição. Porém, o número de notícias apresentadas sofreu algumas variações.

Da edição do Jornal da Band, exibida no dia 8, para a do dia 11 de junho houve um acréscimo de três notícias. Na edição do dia 11 o tempo de cada reportagem, *link* ao vivo ou nota coberta é maior do que as informações divulgadas no programa do dia 8, que apresentou notícias com menor tempo de duração.

As edições analisadas do Jornal da Record também apresentaram diferenças no número de informações divulgadas. Na primeira edição, transmitida no dia 8 de junho, o telejornal apresentou 24 notícias. No programa do dia 11 de junho, foram exibidas 19 notícias. Na terceira edição, exibida no dia 12 de junho, o telejornal expôs 22 notícias. A diferença na quantidade de notícias é devido às variações no tempo de cada uma das informações apresentadas em cada uma das edições.

O Jornal da Band e o Jornal da Record possuem estruturas bastante parecidas. Nas três edições do Jornal da Band, não existe um protótipo de apresentação das notícias. Cada telejornal apresenta um total de seis blocos em uma hora de duração. A estrutura de apresentação das notícias não é determinada pela classificação e âmbito e, sim, pelo grau de importância e interesse coletivo de cada informação. Mesmo não sendo um critério de seleção, porém, as notícias esportivas são exibidas com maior predominância nos últimos blocos. No entanto, esse critério não exclui a possibilidade de reportagens esportivas aparecerem nos primeiros blocos do telejornal: isso acontece em uma das edições. O tempo de cada informação varia de acordo com os critérios de classificação das notícias. Nos materiais estudados, o tempo das reportagens sofre variações mínimas de 46'' a máximas de 2'52''. O *link* ao vivo varia de 42'' a 1'18''. Na nota coberta, a mínima é de 11 segundos e a máxima de 1'42''.

O Jornal da Record não utiliza uma ordem de seleção para divulgar as notícias. Nota-se que notícias esportivas, culturais, nacionais ou internacionais aparecem em diferentes ordens nas três edições. Em alguns casos há apresentação seguida de duas notícias esportivas

ou duas notas cobertas internacionais que tenham ligação direta entre si. Isso, porém, não é predominante em todos os programas. No telejornal, o critério de exibição é determinado pelo grau de interesse do público nas informações. O tempo das informações também varia de acordo com a classificação noticiosa. Nas edições do Jornal da Record, o tempo das reportagens teve máxima de 3'39'' e mínima de 38''. O *link* ao vivo varia de 33'' a 44''. A nota coberta tem máxima de 1'2'' e mínima de 12''. Essa média é feita desconsiderando as reportagens especiais, que têm longa duração. O tempo das reportagens especiais da série “A vida por um fio” teve variação mínima de 7' 2'' a 7'46''.

Com essas alterações no tempo de cada informação, observa-se que o Jornal da Band apresenta reportagens menores que o Jornal da Record. O *link* ao vivo e a nota coberta são maiores no Jornal da Band do que no Jornal da Record. Já o Jornal da Record prioriza a maior parte do tempo para as reportagens do que o Jornal da Band.

Em ambos os programas, o tempo dedicado a cada bloco varia de acordo com a quantidade de notícias apresentadas. O Jornal da Band é dividido em 6 blocos, o tempo e a quantidade de notícias apresentadas em cada um deles suporta variações de edição para edição. Como referência é possível ter a base mínima e máxima do tempo de duração dos blocos. No Jornal da Record, a divisão é feita em 3 blocos. Apenas em uma das edições o programa foi dividido em quatro partes. O tempo e a quantidade de notícias também passam por alterações de um bloco para o outro. Em ambos os programas os primeiros blocos são maiores, com apresentação de mais reportagens no início do telejornal. No final, os blocos são mais curtos e têm menor duração. No Jornal da Band, os primeiros blocos são de 11,14 e 16 minutos com a apresentação de 5, 7 e 8 notícias. Os blocos mais curtos possuem em média 1 e 2 minutos e apresentação de 1 ou 2 notícias. No Jornal da Record, os blocos maiores têm em média 33, 31 e 17 minutos com apresentação de 9 a 18 notícias. Os últimos blocos, geralmente mais curtos, possuem uma média de 3, 4 e 5 minutos, com apresentação de 1, 3 e 4 notícias. O tipo de notícias varia desde reportagem, reportagem especial, *link* ao vivo e nota coberta. As tabelas 1, 2 e 3 apresentam a quantidade, o tempo de exibição dos blocos e a contagem das notícias do Jornal da Band, e as tabelas 4, 5 e 6, os do Jornal da Record.

Tabela 1 Jornal da Band – Edição – 08.06.2009

Quantidade de Blocos	Quantidade de Notícias	Tempo de cada Bloco
1	5	11'23''
2	3	6'
3	6	5'
4	4	7'50''
5	3	3'25''
6	2	2'40''

Fonte: SOUZA, Henrique G. D. 2009.

Tabela 2 Jornal da Band – Edição – 11.06.2009

Quantidade de Blocos	Quantidade de Notícias	Tempo de cada Bloco
1	8	14'58''
2	3	7'20''
3	3	6'32''
4	3	4'36''
5	2	3'27''
6	1	1'30''

Fonte: SOUZA, Henrique G. D. 2009.

Tabela 3 Jornal da Band – Edição – 12.06.2009

Quantidade de Blocos	Quantidade de Notícias	Tempo de cada Bloco
1	8	16'44''
2	3	6'11''
3	3	5'50''
4	5	5'15''
5	2	4'14''
6	1	2'12''

Fonte: SOUZA, Henrique G. D. 2009.

Tabela 4 Jornal da Record – Edição – 08.06.2009

Quantidade de Blocos	Quantidade de Notícias	Tempo de cada Bloco
1	18	33'20''
2	1	3'7''
3	4	7'45''

Fonte: SOUZA, Henrique G. D. 2009.

Tabela 5 Jornal da Record – Edição – 11.06.2009

Quantidade de Blocos	Quantidade de Notícias	Tempo de cada Bloco
1	8	17'20''
2	4	5'52''
3	5	10'35''
4	3	4'10''

Fonte: SOUZA, Henrique G. D. 2009.

Tabela 6 Jornal da Record – Edição – 12.06.2009

Quantidade de Blocos	Quantidade de Notícias	Tempo de cada Bloco
1	18	31'5''
2	2	5'40''
3	4	7'25''

Fonte: SOUZA, Henrique G. D. 2009.

Analisando a quantidade de notícias destacadas nas manchetes dos programas, observa-se que em ambos os telejornais a quantidade de informações de destaque é a mesma e os assuntos abordados também coincidiram. Algumas reportagens se chocaram nos programas: foram as notícias relacionadas ao “Vôo-447”, ao caso de uma quadrilha de assaltantes que foi presa em São Paulo por roubar caixas eletrônicos, ao estado de alerta decretado pela OMS devido ao aumento do número de pessoas infectadas com o vírus (H1N1) e da gripe suína, a venda de Cristiano Ronaldo ao Real Madrid, as disputadas eleições do Irã e o clima romântico nas ruas devido ao Dia dos Namorados. Na maioria das manchetes os apresentadores destacaram oito notícias, em apenas uma das edições houve o acréscimo de mais uma informação. Os quadros 20, 21 e 22 mostram os dias e a quantidade de notícias de destaques; as informações sublinhadas são as que coincidiram aparecer nos dois telejornais.

Jornal da Band	08.06.09	Jornal da Record	08.06.2009
Vôo – 447 – Franca erra número de corpos resgatados		<u>Vôo 447 – Começa a identificação das vítimas do acidente</u>	
Vôo – 447 - Ausência de queimaduras nas vítimas		Vôo – 447 - Trabalho de identificação desses corpos é mais demorado	
<u>Vôo – 447 - Cadáveres começam a ser periciados</u>		Vôo – 447 - Governo francês aciona gabinete de crise para cuidar das famílias das vítimas	

<u>Bando destrói agência bancária para roubar caixas eletrônicos</u>	Dobra o número de pessoas mortas por PM's que fazem bicos fora do serviço
Cacá deixa concentração da Seleção Brasileira para fazer exames médicos	<u>Preso em São Paulo uma das maiores quadrilhas de assaltantes de banco do país</u>
Coréia do Norte condena jornalistas americanas a doze anos de trabalhos forçados por entrarem ilegalmente no país	Juro menor e prazo maior abrem o apetite dos consumidores para comprar no crediário
Chuva no Norte e Nordeste e a seca no Sul prejudicam a produção de grãos, queda prevista de 7%	Partidos conservadores conquistam maioria no parlamento europeu
Bolsa abre a semana em alta no Brasil, dólar sobe no mundo e o petróleo anda de lado no mercado global	Na série especial "A vida por um fio", os dramas de Andre e Espedito
Destaque nas manchetes: 8 notícias	Destaque nas manchetes: 8 notícias

Quadro 20 Os telejornais e a quantidade de informações em destaque.

Fonte: SOUZA, Henrique G. D. 2009.

Jornal da Band	11.06.09	Jornal da Record	11.06.2009
Vôo 447 – Mal tempo prejudica as buscas no mar		<u>OMS anuncia: gripe suína vira pandemia</u>	
Vôo – 447 - Primeiros destroços do avião chegam a Natal		Governo brasileiro diz que a situação da gripe está sobre controle	
Vôo – 447 - Quatro incidentes com Airbus em apenas três dias		Vôo 447 – IML do Recife começa a perícia em 16 passageiros do Airbus	
<u>OMS eleva alerta para a gripe suína no nível máximo</u>		Vôo – 447 - Em outro ponto do oceano surgem mais corpos	
Pais de brasileira que luta contra o câncer têm visto negado para permanecer na Inglaterra		Universitária de classe média comandava uma das maiores quadrilhas do Brasil	
<u>O jogador mais caro do mundo, Manchester United aceita vender Cristiano Ronaldo ao Real Madrid</u>		<u>Cristiano Ronaldo deve ser o novo companheiro de Cacá</u>	
Brasil chega à África do Sul para disputar Copa das Confederações		Na série "A vida por um fio", a história de um casal de naufragos	
Frio na Serra Gaúcha atrai turistas no feriado		Senhora de 72 anos leva uma descarga elétrica de um policial nos EUA	
Destaque nas manchetes: 8 notícias		Destaque nas manchetes: 8 notícias	

Quadro 21 Os telejornais e a quantidade de informações em destaque.

Fonte: SOUZA, Henrique G. D. 2009.

Jornal da Band	12.06.09	Jornal da Record	12.06.2009
Vôo 447 – Perícia em corpos indica que não houve explosão no avião		Tiroteio no Rio deixa sete mortos	
<u>Vôo – 447 - Destroços que podem apontar as causas da tragédia chegam ao Recife para análise de franceses</u>		Um preso escapa do xadrez na frente da policial	
Pescadores são resgatados depois de 15 dias a deriva no Espírito Santo		<u>Vôo 447 – Peças resgatadas podem esclarecer a queda do Airbus</u>	
Laboratório suíço anuncia testes com a primeira vacina contra a gripe suína para o mês que vem		Chuva provoca desabamentos e mortes no Recife	
<u>Irã registra comparecimento recorde em eleição presidencial</u>		<u>Eleições disputadas no Irã</u>	
A ONU autoriza destruição de carregamentos à Coreia do Norte		Na série “A vida por um fio”, as palavras do negociador são necessárias	
Torcida sul-africana faz festa para o Brasil antes da estréia na Copa das Confederações		Madonna pode adotar criança no Malawi	
<u>Clima frio e romântico no Dia dos Namorados leva 200 mil turistas à cidade serrana no interior paulista</u>		<u>Dia dos namorados e clima de romance nas ruas</u>	
		Romance também no zoológico de Salvador	
Destaque nas manchetes: 8 notícias		Destaque nas Manchetes: 9 notícias	

Quadro 22 Os telejornais e a quantidade de informações em destaque.

Fonte: SOUZA, Henrique G. D. 2009.

Há predominância de reforço entre a imagem e a trilha sonora. Em ambos os telejornais, a imagem e as informações se completam de modo que a imagem passa a ser prova real dos acontecimentos e as informações reforçam e esclarecem os fatos. A redundância, a comparação ou antítese não são frequentemente utilizadas nesses noticiários, o reforço tem predominância entre os efeitos sonoros e os efeitos visuais.

A utilização de trilha sonora é feita em algumas reportagens e as músicas estão presentes nas matérias sazonais e não factuais. Na segunda edição analisada, do Jornal da Band, transmitida em 11 de junho, a trilha sonora aparece na reportagem sobre os preparativos da África do Sul para receber a Copa do Mundo. Nessa reportagem, a junção da trilha sonora às imagens transmite mais emoção e sentimento ao telespectador que assiste ao programa. Ao ouvir as informações faladas pelo repórter, a trilha sonora e ver as imagens, o telespectador pode perceber que a população africana realmente trabalha, empenhando-se para

que o país tenha ótimas condições estruturais de receber os atletas, os jornalistas e os torcedores na Copa do Mundo de 2010. Na edição de 12 de junho, a trilha sonora aparece na reportagem que retrata casais de namorados eternos, pessoas que namoram há anos e se sentem felizes ao lado da pessoa amada. Essa reportagem se enquadra na categoria de conteúdo sazonal, porque foi exibida em comemoração ao Dia dos Namorados. A junção da trilha sonora às imagens desses casais juntos, beijando-se, acariciando-se, faz com que a reportagem ganhe um tom de romantismo, de amor, de compromisso, de eternidade entre os namorados. Na reportagem, também sazonal, que aborda o aumento de movimento nas lojas devido ao Dia dos Namorados, a trilha sonora surge com as imagens de um locutor que faz gestos e brincadeiras, procurando atrair clientes para uma loja. Nesse caso, a música tem a função de deixar a reportagem descontraída, com tom de brincadeira, transmitindo ao telespectador um pouco da sensação que os namorados têm ao ir às lojas comprar o presente para a pessoa amada. A trilha sonora também aparece na reportagem sobre a era da televisão digital nos EUA. São transmitidas as primeiras imagens da televisão analógica. A junção da trilha sonora a essas imagens e ao texto deixa na reportagem a sensação de evolução, de inovação.

Na semana em que foram capturadas as imagens dos telejornais, o Jornal da Record apresentava uma série de reportagens especiais. Na série, denominada “A vida por um fio”, o repórter Luiz Carlos Azenha apresenta casos de pessoas que estiveram à beira da morte, mas conseguiram superar as adversidades, ou que contaram com o auxílio de profissionais que as ajudaram no salvamento e na batalha pelas soluções e pela cura. A trilha sonora faz parte de todas as reportagens dessa série, ela é incluída entre os depoimentos e entre as falas do repórter para deixar a matéria humanizada. Aparece para sensibilizar, humanizar a reportagem, a fim de deixá-la mais próxima e real dos telespectadores. Exceto na série especial, a trilha sonora não é frequentemente utilizada nas demais reportagens. Em algumas aparece som ambiente com vozes de pessoas, barulho de animais, de fogo ou explosão. Mas, nas três edições do Jornal da Record, a trilha sonora tem grande predominância somente na série de reportagens especiais.

Em ambos os programas, a imagem e o som são essenciais para que o receptor possa compreender as informações transmitidas. Se se analisar a proporção que a imagem visual e sonora tem dentro do telejornal, é possível verificar que a imagem tem maior importância no contexto da informação. Ela é a prova real dos fatos. A voz do repórter ou apresentador também é importante, ela é responsável por contextualizar o assunto apresentado, explicar e

comentar os fatos para que o telespectador compreenda o que está acontecendo. De onde são as imagens: quem são as pessoas entrevistadas e o porquê de se abordarem aquelas informações como uma notícia. Porém, além de ouvir os dados para que se entenda e compreenda a mensagem, é preciso ver as imagens. A imagem é informação: o que o locutor fala no texto é complemento para a imagem. Na televisão, a imagem é a prova fiel de tudo, ela aparece para retratar a realidade dos fatos, a fim de reproduzir a cena tal como ela ocorreu no momento em que foi gravada. No telejornal, a imagem é o retrato, e o som é essencial para que o telespectador entenda as informações transmitidas na reportagem.

Nas três edições dos programas, os textos são formulados em uma linguagem bastante simples. Por ser transmitido em grade nacional, no período da noite, horário em que o número de audiência é maior, o público receptor é heterogêneo, composto por pessoas de diferente grau de escolaridade, de idade, de sexo e culturas; enfim, a grande massa que assiste aos noticiários noturnos. Por isso, esses programas se utilizam da linguagem sintética. Os apresentadores e repórteres procuram simplificar o texto, passar a informação de forma clara e resumida, que seja inteligível a todos os telespectadores, buscando não fugir daquilo que faz parte do senso comum, que é compreensível a todos.

Nota-se que em nenhum trecho desses programas há frases com exacerbação de termos específicos, jargões ou siglas. Quando é preciso usar palavras específicas, que tenham maior grau de complexidade e não são do conhecimento de todos, o repórter ou apresentador procuram simplificar e explicar o significado desses termos.

Em ambos os telejornais, não é notada explicitamente maior ou menor importância dada aos apresentadores pelas notícias. Durante a manchete, a abertura, a retomada ao estúdio, a passagem de blocos e o enceramento, os apresentadores adotam uma postura de imparcialidade nas apresentações das notícias. Eles transmitem as informações contidas no *teleprompter* na linguagem direta e objetiva sem distinguir maior ou menor importância para as informações. Mas isso varia de acordo com a linha editorial adotada em cada uma das emissoras. Observa-se que há maior destaque para as informações de comoção social e a presença de um quadro analítico feito pelo comentarista.

Duas observações: a primeira é que, nos dois programas, as informações de maior predominância estão associadas às investigações da tragédia do “Vôo- 447” da Air France, e o grande destaque da semana foram as reportagens relacionadas ao acidente. Contudo, os apresentadores não deixam de lado o restante das notícias, que também são de interesse do público.

A segunda pontuação é que, no Jornal da Band, o comentarista Joelmir Beting faz análises críticas e enfáticas com base em informações que são de grande apego no cenário global. Nas edições em que não há a presença do comentarista, os próprios apresentadores expõem opiniões a respeito de determinados fatos. Nesse caso, há maior importância para determinadas informações por se tratar de opiniões e análises feitas pelo próprio comentarista, embasando-se em levantamentos e pesquisas, e não apenas o retrato das informações, como acontece no restante das notícias.

4.3 O nível de interesse

No Jornal da Band, o nível de interesse das notícias pode ser determinado por alguns critérios de predominância, adotados para a exibição das reportagens. O principal nível é obtido a partir do vínculo que existe entre as preocupações e interesses do telespectador com as informações. O tratamento narrativo dado aos textos e a personalização das informações também contribuem para que seja obtido maior nível de interesse do público e maior abrangência das reportagens apresentadas no programa.

O Jornal da Record também utiliza desses fatores determinantes, como as preocupações do telespectador com a informação, o que determina maior nível de interesse do público. Recursos de tratamento narrativos dos textos e personalização das informações também são usados nas edições do telejornal. Na série especial “A vida por um fio”, critérios como a procura pela dramatização e pelo conflito são empregados na produção das reportagens. A série aborda casos de pessoas que estiveram à beira da morte, mas conseguiram salvar-se. As causas dessa circunstância variam em cada um dos casos relatados.

Na primeira reportagem, são apresentadas as histórias de André e Espedito, que sofriam de depressão e, nos momentos da crise, tentaram o suicídio, mas conseguiram curar-se da doença. Na segunda, o relato é de um casal de naufragos que passaram horas batalhando para que o veleiro não se afundasse nas águas do mar. O casal, que lutou contra a morte, contou com a ajuda do Centro de Salvamento do Rio de Janeiro e da Marinha brasileira, que fizeram o resgate. A terceira reportagem aborda casos de pessoas inocentes que foram feitas reféns por um assaltante e as técnicas de treinamento que os policiais recebem para aprender a lidar com essas situações de negociar com os bandidos sem colocar em risco a vida de pessoas inocentes, tomadas como escudo humano. Nessa série especial, a produção dos textos para as

reportagens é feita explorando e exacerbando os conflitos, de forma a procurar a dramatização dos fatos.

Nos dois telejornais, na maioria das reportagens, a profundidade e complexidade não são sacrificadas em prol da espetacularidade. A espetacularização está presente na cobertura do acidente com o “Vôo-447”, onde diversas reportagens abordam assuntos de ligação direta com a tragédia. O excesso de notícias com o mesmo tema acaba por saturar o telespectador. No entanto, mesmo que o acidente com o avião da Air France tenha sido tratado como um espetáculo dentro dos telejornais, essa abordagem não sacrificou a profundidade e complexidade do assunto dentro das reportagens. As informações foram transmitidas ao telespectador, mas de forma excessiva, exacerbada.

4.4 A carga ideológica

Por amostragem, duas reportagens foram selecionadas em ambos os programas, com o mesmo tema, exibidas nas edições de 8 de junho. Pelo fato de o substantivo ser a classificação, ou seja, o nome de todo ser que existe ou achamos existir, ele está presente em grande parte das reportagens jornalísticas. Por isso, optou-se por sublinhar os adjetivos, que são qualquer palavra, que junto ao substantivo, indica qualidade, defeito, estado ou condição. E aplicar **negrito** nos termos que podem ser classificados como **advérbio**, que são palavras invariáveis e modificam essencialmente o verbo, exprimindo uma circunstância, seja de tempo, modo, lugar etc. Essa seleção de léxicos é feita para delinear a carga semântica que está presente nas reportagens jornalísticas. Por ser um fato de grande destaque nos programas, as reportagens escolhidas estão relacionadas às buscas das vítimas do “Vôo-447”. Relacionam-se, a seguir, as reportagens na íntegra e a seleção dos termos com carga semântica.

Jornal da Band – 08.06.2009

Reportagem: Buscas Vôo 447

1 *OFF*: Luciano Jr.

(IMAGENS: Fernando de Noronha/ PE)

AO LADO DA PISTA DO AEROPORTO ESTÁ A BASE MONTADA PARA IDENTIFICAÇÃO PRELIMINAR DAS VÍTIMAS DO AIRBUS. AS DUAS CÂMARAS FRIGORÍFICAS TÊM CAPACIDADE PARA ATÉ 100 CORPOS. A COLETA DE IMPRESSÕES DIGITAIS E DNA ACONTECERÁ NO BALCÃO **AO LADO**. ESTE PERITO EXPLICOU COMO SERÁ O TRABALHO DA EQUIPE.

Sonora: Jeferson Correia (Perito da Polícia Federal)
(Esta coleta junto... iniciar o processo de identificação.)
Tempo: 11 segundos

2 *OFF*: Luciano Jr.

A POLÍCIA FEDERAL E A POLÍCIA CIVIL DE PERNAMBUCO ESTÃO JUNTAS **NESSA PRIMEIRA FASE** DE IDENTIFICAÇÃO. FEITA A PERÍCIA PRELIMINAR, OS CORPOS SERÃO ENVIADOS **PARA O IML** DO RECIFE.

Passagem: Luciano Jr. (Fernando de Noronha/ PE)

A LOGÍSTICA DA CHEGADA DOS CORPOS JÁ FOI MONTADA. A FRAGATA CONSTITUIÇÃO SE APROXIMA ATÉ 200 MILHAS AQUI DA ILHA DE FERNANDO DE NORONHA E O TRANSPORTE SERÁ FEITO POR UM HELICÓPTERO. FALTA **APENAS** DEFINIR A AERONAVE, SE SERÁ A LINSK, DA MARINHA, QUE ESTÁ EMBARCADA NA **FRAGATA**, OU AQUELE HELICÓPTERO **ALI AO FUNDO**, O BLACKHAWK, QUE PERTENCE À FORÇA AÉREA BRASILEIRA.

3 *OFF*: Luciano Jr.

A TRIPULAÇÃO DO BLACK ROCK JÁ ESTÁ PREPARADA PARA A MISSÃO. **DURANTE O DIA**, ELES ESTUDARAM AS COORDENADAS DA REGIÃO DE BUSCAS ONDE PODERÃO RETIRAR CORPOS **DA ÁGUA**, SE NECESSÁRIO. OS JÁ RESGATADOS DEVEM CHEGAR NA **MANHÃ** DESTA TERÇA FEIRA **A BORDO DA FRAGATA CONSTITUIÇÃO**.

HOJE, MAIS UM HELICÓPTERO, SUPER PULMA, CHEGOU A **FERNANDO DE NORONHA** TRAZENDO MILITARES. NA **BAGAGEM** DOS TRIPULANTES, EQUIPAMENTOS DE RESGATE. O SUBMARINO NUCLEAR FRANCÊS, EMERAUDE, DEVE SE JUNTAR À OPERAÇÃO DE BUSCAS NA **PRÓXIMA QUINTA-FEIRA**. ELE PODE DESCER A **MAIS DE 300 METROS** DE PROFUNDIDADE E TEM UMA GRANDE CAPACIDADE DE CAPTAR OS SINAIS DA CAIXA PRETA DO AIRBUS, SE ELA ESTIVER TRANSMITINDO. SE FOR LOCALIZADA, O SUBMARINO DE GRANDE PROFUNDIDADE, NALTILI, PODERÁ DESCER E RECUPERAR A CAIXA PRETA.

MAIS DESTROÇOS FORAM RECUPERADOS PELA EQUIPE DE BUSCAS **DURANTE O FIM DE SEMANA**. POLTRONAS, PEDAÇOS DE FUSELAGEM, MÁSCARAS DE OXIGÊNIO E OBJETOS PESSOAIS DOS PASSAGEIROS FORAM RETIRADOS DA ÁGUA, **DE HELICÓPTERO**. CINCO NAVIOS E DOZE AVIÕES BRASILEIROS PARTICIPAM DAS BUSCAS, ALÉM DE DUAS AERONAVES FRANCESAS.

LUCIANO JR. DE FERNANDO DE NORONHA, PARA O JORNAL DA BAND.

Jornal da Record – 08.06.2009

Reportagem: Buscas pelos corpos – Vão 447

1 *OFF*: Vinícius Dônola

(Imagens: sem identificação)

ESTA É A ÁREA PARA ONDE SERÃO LEVADOS OS CORPOS, JÁ RESGATADOS NO MAR. É UM HANGAR DENTRO DO AEROPORTO DE FERNANDO DE NORONHA, QUE SERVIA DE DEPÓSITO DE MATERIAIS. NA FRENTE, ESTÃO DOIS CONTÊINERES FRIGORÍFICOS QUE, JUNTOS, PODEM RECEBER ATÉ CEM CORPOS. PERITOS DAS POLÍCIAS CIVIL E FEDERAL VÃO FAZER O QUE CHAMAM DE PRÉ-IDENTIFICAÇÃO, COM A COLETA DE MATERIAIS GENÉTICOS E DIGITAIS.

Sonora: Jeferson Evangelista Correa (Perito Criminal da PF) – Entrevista Coletiva

(Que a gente consiga dar uma resposta.... trabalho seja superior a um dia)

Tempo: 21 segundos

2 *OFF*: Vinícius Dônola

OS CORPOS DEVERIAM TER CHEGADO ONTEM, MAS A EMBARCAÇÃO DA MARINHA DO BRASIL, QUE ESTÁ A CAMINHO DO ARQUIPÉLAGO, FOI OBRIGADA A DAR MEIA VOLTA E RECOLHER MAIS ONZE CORPOS, ALÉM DOS CINCO QUE JÁ TRAZIA A BORDO.

A FRAGATA CONSTITUIÇÃO PARTIU ONTEM DO LOCAL ONDE OS DESTROÇOS FORAM LOCALIZADOS, PERTO DO ARQUIPÉLAGO DE SÃO PEDRO E SÃO PAULO A CERCA DE NOVECENTOS QUILOMETROS DE FERNANDO DE NORONHA. ELA NAVEGA A UMA VELOCIDADE QUE VARIA ENTRE QUINZE E VINTE E CINCO QUILOMETROS POR HORA. O TEMPO NA REGIÃO ESTÁ RUIM E DIFÍCIL O DESLOCAMENTO DA FRAGATA. AMANHÃ, A EMBARCAÇÃO DEVE CHEGAR A UM PONTO PRÉ-ESTABELECIDO, NO OCEANO, A QUATROCENTOS QUILOMETROS DE NORONHA. ALI, OS CORPOS DEVEM SER TRANSFERIDOS PARA HELICÓPTEROS DA FAB.

Passagem: Vinícius Dônola (Fernando de Noronha/ PE)

AQUELE É UM DOS HELICÓPTEROS DA FORÇA AÉREA QUE DEVEM TRAZER OS PRIMEIROS CORPOS AQUI PARA FERNANDO DE NORONHA. OS HELICÓPTEROS PODEM VOAR NO MÁXIMO, MIL QUILOMETROS SEM REABASTECER, OU SEJA, ELES NÃO TÊM AUTONOMIA PARA VOAR ATÉ O LOCAL ONDE MAIS CORPOS E MAIS DESTROÇOS ESTÃO SENDO LOCALIZADOS.

3 *OFF*: Vinícius Dônola

FOI SÓ NA MANHÃ DE SÁBADO, SEIS DIAS DEPOIS DO ACIDENTE, QUE OS MILITÁRES VIRAM E RECOLHERAM OS PRIMEIROS CORPOS. NOSSA EQUIPE

ACOMPANHOU, **COM EXCLUSIVIDADE**, A PREPARAÇÃO DOS TRIPULANTES QUE ACHARAM OS CORPOS DAS VÍTIMAS E OS DESTROÇOS EM ALTO MAR.

Passagem: Vinícius Dônola (Fernando de Noronha/ PE)

NÓS ESTAMOS DENTRO DO DESTACAMENTO DA FORÇA AÉREA BRASILEIRA, AQUI NO ARQUIPÉLAGO, SÃO QUATRO E VINTE E CINCO DA MANHÃ, HORA LOCAL, E OS PILOTOS DA FAB SE PREPARAM PARA MAIS UMA MISSÃO.

4 *OFF*: Vinícius Dônola

O AVIÃO USADO NAS BUSCAS É UM R99, QUE TEM RADARES CAPAZES DE IDENTIFICAR, INCLUSIVE À NOITE, OBJETOS ESPALHADOS PELO OCEANO.

Passagem: Vinícius Dônola (Fernando de Noronha/ PE)

CINCO PARA AS CINCO DA MANHÃ, DECOLAGEM AUTORIZADA.

5 *OFF*: Vinícius Dônola

POUCO DEPOIS DESTA DECOLAGEM, CORPOS FORAM AVISTADOS NUMA REGIÃO EM QUE O COMANDO DAS OPERAÇÕES CLASSIFICOU COMO UM MAR DE DESTROÇOS.

4.4.1 Tratamento formal

Em ambos os programas não há utilização significativas de recursos formais, como o uso de planos diferentes, de angulação e dos movimentos de câmeras para adjetivar. Todas as imagens, angulações e posições de câmeras se encaixam nos padrões utilizados nos telejornais brasileiros, e não há utilizações significativas que chamam a atenção e mereçam observações.

4.4.2 Tratamento sonoro

A utilização de recursos formais como a música para adjetivar e complementar as reportagens está presente nos programas.

O Jornal da Band utiliza a música em duas reportagens. Na reportagem sobre a Copa do Mundo na África do Sul, a música aparece de fundo, para demonstrar estado e condição, ou seja, estado de felicidade dos africanos que estão radiantes por receber o campeonato no país. E também, a condição de esforço e empenho, pois a reportagem mostra que eles estão trabalhando para que a Copa do Mundo de 2010 seja um sucesso. Na reportagem sobre os casais de namorados eternos também há música de fundo; nesse caso a trilha sonora indica uma qualidade, ou seja, a condição dos namorados de estarem sempre apaixonados e felizes ao lado de seus parceiros.

O Jornal da Record apresenta músicas para adjetivar em todas as reportagens da série especial “A vida por um fio”. A música nessas reportagens é para demonstrar um estado de

dramatização, de medo e de perigo. A série apresenta reportagens temáticas, como a depressão, a ameaça e a morte. A música aparece para reforçar essas sensações, esses sentimentos e transmite ao telespectador uma condição negativa. Na reportagem sobre as jogadoras de basquete, a música também é exibida e indica uma qualidade. Ela remete a alegria das jogadoras que há quinze anos conquistaram o título mundial e que, hoje, se reúnem para lembrar os bons momentos da carreira.

Outros efeitos sonoros, que não sejam a música e as vinhetas, não são utilizados em nenhum dos telejornais.

4.4.3 Ordem

Nos telejornais das duas emissoras não há um critério de linearidade para a exibição das notícias, exceto nas notas cobertas internacionais, que são apresentadas em sequência. Nesse caso, as notas cobertas internacionais são apresentadas linearmente, e essa ordem de seleção é feita a partir do nível de interesse e da carga ideológica apreendidos em cada uma das informações. Nas demais reportagens, de âmbito nacional, a hierarquia utilizada para determinar a ordem de exibição das notícias é pelo nível de interesse dos telespectadores. As informações de maior repercussão e destaque na mídia são expostas no início do programa, sendo que as reportagens frias de caráter sazonal são apresentadas no decorrer ou final dos telejornais. Porém, exceto as notas cobertas internacionais, esse critério de seleção não respeita uma sequência a partir da escolha de temas pré-estabelecidos ou por editorias. Por exemplo, uma reportagem esportiva pode vir seguida de outra que fala sobre economia e esta anteposta a uma reportagem de turismo. As reportagens nacionais se entrecruzam, independente da tipologia, sem que haja uma ordem exata para cada editoria.

4.4.4 Duração

A duração outorgada de determinada notícia e a exacerbação do tema são vistas em ambos os programas. As gravações dos telejornais foram feitas na semana seguinte à queda do Airbus, portanto, as notícias de maior destaque são relacionadas ao tema. Reportagens sobre as buscas dos corpos, as causas do acidente, a identificação dos corpos e o desespero dos familiares por mais informações foram apresentadas no decorrer da semana. Do Jornal da Band para o Jornal da Record houve poucas mudanças na forma de abordagem. A angulação das reportagens sofreu modificações, mas o tema é apresentado excessivamente dentro dos programas. Além das reportagens, as entradas ao vivo visam transmitir novidades sobre o

destrinchar das investigações. A duração de cada reportagem, *link* ao vivo e nota coberta que estão relacionados à tragédia, não é longa. Contabilizando, porém, todas as informações que tenham relação direta com o caso, grande parte do tempo de exibição das outras notícias foi sacrificada em prol das informações sobre o “Vôo-447”.

4.4.5 Confrontação

A partir dos critérios de noticiabilidade, nota-se que a preferência por apresentar as notícias sobre o acidente, com maior duração, pode ser determinada por aspectos como o maior nível de interesse que os telespectadores têm pelo assunto, a grande repercussão e abrangência do caso dentro da mídia e a carga ideológica associada à tragédia. O fato de ser um acidente gravíssimo, que deixou 228 mortos, choca e comove a população. Essas questões representam uma forte carga ideológica dentro dos critérios de noticiabilidade.

Para observar a carga ideológica das notícias, com o intuito de compará-las, contrapô-las e relacioná-las, é necessário, também, fazer uma análise por amostragem. Optou-se por utilizar as mesmas reportagens analisadas no tópico de seleção dos léxicos (p. 92) sobre as buscas de corpos do “Vôo-447”. A partir dessa comparação, é possível relacionar os enfoques dados nas reportagens. Basicamente, tanto o Jornal da Band quanto o Jornal da Record optaram pela mesma forma de transmitir a informação. Alguns dos dados apresentados coincidem e as formas de apresentação das informações também foram semelhantes. Mas, mesmo com essa analogia entre informações, há dados que foram apresentados em uma das reportagens e não na outra e vice-versa. Abaixo estão as informações relacionadas e contrapostas nas reportagens em ambos os textos:

- as duas reportagens falam sobre a área montada e a base onde serão feitas as identificações preliminares dos corpos;
- a capacidade que a base tem para comportar os corpos;
- a coleta de materiais genéticos e digitais para identificação dos corpos;
- as formas utilizadas para o transporte dos corpos.

Também é possível alavancar informações que se contrapõem em cada um dos programas, ou seja, informações ou dados que são transmitidos na reportagem do Jornal da Band e não são apresentadas na do Jornal da Record e vice-versa.

Nas reportagens do Jornal da Band é apresentado que a Polícia Federal e a Polícia Civil estão trabalhando juntas na primeira etapa de identificação dos corpos; foram explicadas as formas de retirar os corpos da água e os meios utilizados pela Marinha e Aeronáutica para

recuperar as caixas pretas do avião. Uma das notícias também versa sobre os destroços que já foram localizados no mar.

Essas informações não foram transmitidas na reportagem do Jornal da Record, porém, o programa apresentou outros dados que também não foram divulgados no Jornal da Band.

Nas reportagens do Jornal da Record foram dadas informações como as condições do tempo que estavam dificultando a locomoção da fragata e a notícia sobre um dos aviões, utilizado nas buscas, que é capaz de identificar os objetos no oceano Atlântico.

4.4.6 Declarações

No Jornal da Band as notícias são apresentadas de forma objetiva pelos repórteres e apresentadores deixando as opiniões para comentarista expor. Os comentários são feitos a partir da análise de dados, expostos de forma que os telespectadores possam entender o que está sendo falado e compreender aquelas informações que diferem das outras por serem opiniões. O comentarista só se pronuncia quando é para expor e emitir sua opinião sobre alguns assuntos, possibilitando aos telespectadores reflexão sobre os fatos. Nos outros momentos da apresentação, ele se mantém em silêncio. Os apresentadores são responsáveis por chamar as reportagens, notas cobertas e transmitir as notas simples, assim como anunciar os intervalos comerciais e o encerramento. Os repórteres produzem os textos de forma bastante objetiva, não há julgamentos nas notícias. Não existem opiniões que são apresentadas como notícias, e essa diferença é bastante notória dentro do programa.

O Jornal da Record não possui comentarista, somente os apresentadores ficam na bancada e não existem opiniões expostas abertamente dentro do telejornal, ou seja, as notícias são transmitidas ao telespectador de forma clara e objetiva, sem que haja um aprofundamento em relação às causas daquele fato, sem um julgamento sobre o tema. Essa postura procura demonstrar imparcialidade total e isenção de opiniões. Portanto, apenas informações são apresentadas dentro do telejornal, sem que haja exposição ideológica e posicionamento dos profissionais sobre os assuntos apresentados. Aparentemente, não há opiniões apresentadas como notícias e, se existem, não transparecem ao telespectador.

Diferentemente do Jornal da Band, que, através do comentarista, apresenta um posicionamento perante determinados temas, o Jornal da Record procura não demonstrar uma carga ideologia, mantendo-se imparcial em seus noticiários.

4.4.7 Silêncios

Para avaliar se há omissão de informações, foram selecionadas as notícias sobre o “Vôo-447” em ambos os telejornais. Devido à quantidade de informações apresentadas nas 3 edições de cada um dos programas, optou-se por analisar a carga ideológica derivada dos silêncios somente na primeira edição, exibida no dia 8 de junho. Nessa edição, O Jornal da Band exibiu um total de 7 notícias relacionadas à tragédia com o Airbus, em contraposição com o Jornal da Record, que apresentou 8 notícias sobre o mesmo tema. Desse total de 15 notícias, é possível verificar que 8 delas tiveram o mesmo enfoque jornalístico, o restante teve ganchos diferenciados. É possível verificar que 3 informações foram omitidas em um dos programas ou apresentadas em outro. Nos quadros 23 e 24, as informações que estão em negrito são as omissões feitas pelos telejornais individualmente:

- Sinopse 1 - Jornal da Band – Edição – 08.06.2009

Buscas pelos corpos – Vôo 447
Governo envia submarino nuclear a região de buscas – Vôo 447
Ministro da Defesa diz não ter se precipitado nas declarações equivocadas – Vôo 447
Dificuldade dos familiares de lidar com a notícia da tragédia – Vôo 447
Identificação das vítimas do Air Bus
Continua o movimento de turista em Fernando de Noronha
Erro na contagem de corpos – Vôo 447
Aumento do número de corpos encontrados – Vôo 447 (Recife)

Quadro 23 Informações em negrito omitidas nos telejornais.

Fonte: SOUZA, Henrique G. D. 2009.

- Sinopse 2 – Jornal da Record – Edição – 08.06.2009

Buscas Vôo 447
Localização dos Corpos –Vôo 447 (Recife)
Contagem dos Corpos – Vôo 447
Falta de informação para parentes das vítimas – Vôo 447
Falha nos sensores do Airbus
Familiares homenageiam os mortos – Vôo 447 (Rio de Janeiro)
Identificação das vítimas – Vôo 447

Quadro 23 Informações em negrito omitidas nos telejornais.

Fonte: SOUZA, Henrique G. D. 2009.

A omissão de determinadas informações acontece dentro desses telejornais, porque cada um dos programas tem uma carga ideológica a seguir, que difere dos demais. A partir dessa ideologia é que os produtores, repórteres e editores levantam as pautas, produzem as reportagens e editam esse material. É possível avaliar a carga ideológica de cada noticiário pela quantidade de notícias e pelo tratamento dado as informações.

4.4.8 Grau de simplificação e complexidade

Analisando cada caso nas notícias mais polêmicas, observa-se que a complexidade e simplicidade, em programas jornalísticos, não são critérios que caminham juntos.

As notícias polêmicas, de grande repercussão, que foram tratadas pelos produtores, repórteres e editores como de maior relevância para o momento, estão relacionadas ao “Vôo-447” da Air France. Em vários tópicos dessa análise são mencionadas as reportagens que abordam a tragédia, é o assunto de maior destaque, que merece muita atenção por parte dos telespectadores. O restante das reportagens contém informações factuais ou sazonais que não possuem forte carga ideológica.

O tratamento formal dado ao texto e as formas de apresentação das reportagens sobre o acidente merecem observações, e os principais aspectos são o grau de complexidade ou simplicidade dado às reportagens. Primeiramente, pontua-se que o Jornal da Band divulgou quatorze notícias, e o Jornal da Record fez apresentação de quinze reportagens relacionadas à tragédia. Em ambos, a simplicidade é o principal foco das reportagens, ou seja, as informações são transmitidas de forma simples.

Na produção dos textos, procura-se explorar a linguagem “coloquial”, fazendo com que todos os cidadãos compreendam as notícias. Com raríssimas exceções, a complexidade não é muito utilizada para reportagens televisivas. Existem sim, comentários sobre economia e política, que são debatidos e possuem certo grau de complexidade. Nos textos verbais, porém, produzidos para a reportagem, nota coberta e nota pelada, são utilizados termos simples ou de uso cotidiano. Isso possibilita a todos os telespectadores, independentemente do grau de escolaridade, entender as informações, fazendo com que as reportagens cheguem ao maior número de receptores.

Mas o fato de a complexidade ser sacrificada pela simplicidade não indica que as reportagens não tenham determinada profundidade. As reportagens relacionadas ao “Vôo-47” possuem uma profundidade sobre o assunto e cada uma delas apresenta um aspecto a ser

focalizado. O tratamento dado ao texto, porém, faz com que essas informações sejam transmitidas de forma simples, sem transparecer a problemática que permeia as investigações do acidente. Essa simplicidade pode ser demarcada pela utilização das palavras nos textos, onde termos científicos e jargões aparecem em raríssimos casos. Quando empregados, são apresentadas as traduções e explicações. O vocabulário enxuto, com palavras e verbos comumente falados, é o mais utilizado no telejornalismo.

Como já citado anteriormente, as reportagens polêmicas estão relacionadas à queda do avião AirBus da Air France. Nelas há presença de angulação sobre pontos de vista contrários e complementares a respeito do assunto. Adiante, serão mencionadas as reportagens onde essa contraposição é nitidamente visível.

A começar pelo Jornal da Band, as notícias sobre as buscas dos corpos, a identificação das vítimas e a captura dos destroços do avião são as informações principais que permeiam o desfecho do caso. As notícias complementares são relacionadas às falhas nos sensores do avião, que podem ter sido a causa do acidente, as homenagens dos familiares aos mortos na tragédia e o aumento do número de incidentes com aviões do tipo Airbus. Essa complementaridade é vista pelo fato de as reportagens abordarem outros lados do problema, exporem causas e situações que completam as informações, mas não são primordiais.

Os pontos que se contrapõem ao que está sendo noticiado estão na reportagem em que aparecem os parentes das vítimas reclamando sobre a falta de informações a respeito do resgate dos corpos. A contraposição existe pelo fato de o acidente ter ganho grandes proporções na imprensa brasileira, os trabalhos de recuperação e identificação dos corpos estarem sendo reforçados por equipes extras e, mesmo assim, as pessoas íntimas, de ligação direta com as vítimas, não terem as informações exatas sobre os trabalhos de busca. Na reportagem sobre o erro nas contagens dos corpos resgatados, a contraposição aparece porque a Marinha e a Aeronáutica tinham divulgado anteriormente um número de corpos recuperados que não condizia com a realidade. Ao detectarem o erro, o comando de buscas fez as devidas correções. Nesse caso, as novas informações se contrapõem às antigas, que não estavam corretas.

No Jornal da Record, as notícias sobre as buscas, resgate e identificação dos corpos e destroços também são as informações primordiais que permeiam o acidente. As notícias complementares estão relacionadas ao fato de o Ministro da Defesa afirmar não se ter precipitado nas declarações equivocadas sobre o caso, a dificuldade dos familiares em lidar com a notícia da tragédia, o aumento do número de Airbus que faz pouso de emergência para

evitar acidentes e a exibição exclusiva pela emissora das imagens das equipes francesas que trabalham no resgate dos corpos. Essas informações são complementares por abordarem outros aspectos do caso; se fossem extraídas do noticiário não comprometeriam as informações principais. Do ponto de vista contrário, há presença da reportagem sobre o erro da contagem dos corpos. Como citamos acima, os dados novos, anunciados pelas equipes de buscas, se contrapõem aos que foram divulgados anteriormente.

Em ambos os telejornais há presença de notícias governamentais, porém, o número de reportagens referentes ao governo é pequeno, tendo em vista o número de edições analisadas e a quantidade de notícias divulgadas em cada um dos telejornais. Em ambos os programas, as notícias governamentais aparecem através de casos factuais, como as decisões anunciadas pelo governo, as eleições em outros países e o lançamento de campanhas. Nos programas de análise não houve exibição de reportagens com notícias do partido do governo, nem de partidos opostos. O Jornal da Band apresentou notícias governamentais na primeira e última edições. Já o Jornal da Record, apresentou reportagens relacionadas ao governo em todas as edições. Os quadros 24 e 25 mostram algumas das notícias governamentais encontradas nas três edições dos telejornais.

Jornal da Band	Notícias governamentais
08.06.2009	OAB lança campanha nacional contra a PEC dos precatórios
08.06.2009	Governo anuncia redução do preço do diesel em quase 10% no país
11.06.2009	Não há notícias governamentais nesta edição
12.06.2009	Recorde de comparecimento nas eleições do Irã
12.06.2009	Congresso dos EUA aprova medida histórica contra indústria do tabaco
12.06.2009	A era da televisão digital nos EUA

Quadro 24 Notícias governamentais encontradas no Jornal da Band.

Fonte: SOUZA, Henrique G. D. 2009.

Jornal da Record	Notícias governamentais
08.06.2009	Diminuição do preço do diesel
08.06.2009	Cuba não se reintegra a Organização dos Estados Americanos
11.06.2009	Iranianos votam nas eleições presidenciais
12.06.2009	Conselho de Segurança da ONU amplia sanções contra a Coreia do Norte

Quadro 25 Notícias governamentais encontradas no Jornal da Record.

Fonte: SOUZA, Henrique G. D. 2009.

A partir do levantamento das informações violentas, pontua-se que elas aparecem em algumas notícias de ambos os telejornais. O tratamento dado a cada uma varia de acordo com o enfoque da reportagem. No Jornal da Band, as informações violentas são apresentadas de modo a impactar o telespectador. As imagens de sangue são exibidas nas reportagens que retratam os casos de violência; em alguns acontecimentos, o som, como o barulho de tiros, é apresentado nas reportagens.

O Jornal da Record também apresenta imagens com sangue e, em alguns casos, efeitos de som são apresentados. Em ambos os programas, as reportagens de caráter violento possuem ligação direta com casos policiais, e a presença de viaturas ou mesmo dos policiais é marcada nas reportagens sobre a violência. Os temas sempre estão relacionados a tiroteios, confrontos, prisões, assaltos, agressões, fugas e mortes.

4.5 O tratamento formal

4.5.1 Recursos visuais

Não há diferenças significativas na utilização de recursos formais visuais. Tanto no Jornal da Band quanto no Jornal da Record, as posições de câmera, as tomadas de plano, a composição, a angulação, a iluminação, os movimentos de câmera e as cores seguem o padrão utilizado na maioria dos telejornais exibidos em rede nacional. É perceptível a semelhança nos critérios de seleção das informações, pois os mesmos temas e assuntos são explorados nas reportagens dos dois programas. Com isso, na maioria das vezes, as imagens de *off* são semelhantes ou até idênticas, o mesmo ambiente, em alguns casos os mesmos entrevistados. Não existem, com nitidez, recursos visuais que apresentem a intenção de o cinegrafista, o editor de imagens ou o operador de câmeras de, através de posições desfavoráveis, utilizarem os truques para distorcer aquilo que está sendo apresentado.

Há uma grande importância conferida à ambientação nos estúdios. Na primeira e última edições do Jornal da Band, exibidas em 8 e 12 de junho, tem-se a presença de três pessoas na bancada. Dois deles são os apresentadores Ticiano Villas Boas e Ricardo Boechat ou Boris Casoy e o comentarista Joelmir Beting. Nessas edições, o estúdio, aparentemente, contava com quatro câmeras, uma para cada um dos apresentadores e outra para o comentarista, e a última é responsável pelo plano geral: a câmera 1 mostra os três sentados na bancada com o cenário e em segundo plano, na região central, uma abertura que mostra a redação que fica em último plano. Nesse caso, em primeiro plano, vêem-se os apresentadores;

em segundo, o plano de fundo do estúdio, e em terceiro nível, a redação ao fundo. A câmera 3 focaliza o rosto de Ricardo Boechat, que fica na posição central do estúdio, entre Ticiane e Joelson. Por essa angulação, é possível ver a redação atrás do apresentador. Na câmera 2 e 4, que enquadram respectivamente Ticiane Villas Boas e Joelson Beting, vê-se apenas o plano de fundo do estúdio.

Na edição do dia 11 junho, apenas os dois apresentadores aparecem no estúdio e foram os responsáveis por fazer as explicações que cabiam ao comentarista. Na segunda edição, são os jornalistas Ticiane Villas Boas e Boris Casoy que apresentaram o programa.

No estúdio, estão em operação apenas três câmeras: a primeira focaliza a bancada com os dois apresentadores, e a 2 e 3 enquadram cada um deles. A câmera 3, que enquadra Boris Casoy, está na região central do estúdio e, através dela, vê-se a redação em terceiro plano. Na câmera 2, que enquadra Ticiane Villas Boas, é possível visualizar apenas o plano de fundo.

A câmera 1, que faz as imagens gerais dos apresentadores na bancada, é responsável pela ligação do ambiente físico entre eles e a criação do ambiente comunicativo entre os apresentadores no estúdio e o telespectador. Em alguns momentos da retomada ao estúdio, os apresentadores trocam olhares quando interagem um com o outro. Nota-se que, no estúdio do Jornal da Band, não são utilizados efeitos visuais computadorizados como, por exemplo, o *chromakey*.

Nas edições capturadas do Jornal da Record dois apresentadores aparecem na bancada. Nesse caso, têm-se apenas três câmeras em operação.

A câmera 1 é responsável pela panorâmica geral do ambiente, e as câmeras 2 e 3 pelo enquadramento no rosto dos apresentadores. No estúdio, têm-se os apresentadores em primeiro plano e a redação em segundo e último plano. Nota-se a utilização do *chromakey*, ou seja, de infográficos ou anagramas responsáveis por ilustrar e complementar as informações faladas pelos apresentadores. Os efeitos visuais computadorizados aparecem no momento em que os apresentadores estão falando sobre determinado assunto que tem ligação com o tema.

Esses efeitos são responsáveis por ambientar o cenário e complementar a informação, mas são utilizados apenas em algumas retomadas, na maioria das vezes, em assuntos de maior relevância. Nos momentos de ausência desses recursos, é possível ver os integrantes da equipe do jornal circulando ao fundo, na redação. Assim como no Jornal da Band, a câmera 1 é responsável por criar o ambiente comunicativo entre o estúdio e o telespectador.

Os recursos visuais humanos, gráficos e técnicos com efeitos especiais são utilizados esporadicamente nos telejornais. Em ambos os programas, a apresentação desses recursos é

feita em poucas reportagens como, por exemplo, em reportagens onde há trechos de ligações telefônicas e, através dos efeitos gráficos e técnicos, são produzidas caixas de textos com os trechos das conversas e a imagem técnica do repórter e da pessoa que foi entrevistada. Recursos gráficos também aparecem em reportagens que abordam problemas, casos ou situações que ocorreram em diversas localidades. Nesse caso, a utilização do mapa geográfico é feita para apontar a posição geográfica dos locais abordados na reportagem.

Nas edições do Jornal da Band, os apresentadores Ticiano Villas Boas, Ricardo Boechat e Boris Casoy são carismáticos, possuem boa aparência e se vestem de forma discreta, com terno e *blazer*. Isso faz com que o telespectador que assiste ao programa se simpatize com os apresentadores do estúdio. Na edição de 8 de junho, além dos apresentadores, o comentarista Joelson Beting também está na bancada. A presença do comentarista no estúdio não lhe dá aparência de carismático. Pelo contrário, todos os momentos em que tece comentários, Joelson adota um tom de voz extremamente sério e opinativo. Por isso, sua presença não pode ser classificada como carismática dentro do estúdio e sim, vista como um homem que procura fazer observações com seriedade. A maioria das imagens transmitidas nas reportagens é atual e foram capturadas recentemente. Poucas imagens foram creditadas como já arquivadas. Apenas na reportagem sobre “A era da televisão digital nos EUA” exibida no dia 12 de junho, há presença das primeiras imagens, como a queda do muro de Berlim, o nascimento da primeira ovelha clonada, Dolly, que foram transmitidas pela televisão em mil novecentos e trinta e nove. Mesmo nesse caso, as imagens não são creditadas como de arquivo, percebe-se que são antigas, pela qualidade das cores e pelas informações que o repórter passa através do *off*. As declarações e testemunhos aparecem nos trechos das sonoras que foram editadas da entrevista bruta e nas entradas ao vivo feitas pelos repórteres correspondentes.

No Jornal da Record, os apresentadores Janine Borba e Marcos Hummel também possuem aparência carismática. As roupas são discretas, sem detalhes e com cores pouco chamativas. Na chamada de algumas reportagens a feição dos apresentadores é séria e, em outras, sorridente; isso varia conforme a informação. As técnicas de interpretação e locução fazem com que o telespectador simpatize com o estilo de apresentação dos repórteres e também compreenda as informações de forma mais clara. Nas reportagens, as imagens transmitidas são atuais, capturadas recentemente. Nesses programas, em poucas reportagens, há presença de imagens de arquivo creditadas no VT. Na série especial “A vida por um fio”, em que pessoas relatam seus problemas, as declarações e testemunhos estão nas sonoras

incluídas nas reportagens e nas entradas ao vivo, em que os correspondentes trazem informações novas e complementares.

Como já citado anteriormente, em ambos os programas, recursos gráficos como os mapas aparecem em reportagens onde são mencionados nomes de cidades, estados ou países.

O mapa é simbolizado para apontar a localização geográfica desses locais e os anagramas são utilizados em reportagens onde há trechos de conversas telefônicas. Os rótulos com dados esquemas são exibidos em reportagens que apresentam imagens de alimentos, como as bandejas de carnes ou caixas de remédios com rótulos. Os desenhos aparecem em reportagens policiais onde são exibidas animações de como aconteceu o crime ou acidente.

As vinhetas são frequentemente apresentadas nas chamadas, na abertura, nas passagens de bloco e nos encerramentos das edições. No Jornal da Record, elas também aparecem nas inserções institucionais de outros programas da emissora e na série de reportagens especiais “A vida por um fio”.

Tanto no Jornal da Band quanto no Jornal da Record, o *teleprompter* é utilizado no estúdio. A escalada, as chamadas das matérias, nota simples e passagem de bloco são faladas pelos apresentadores que leem os textos contidos no *teleprompter*. Há pouco apego entre apresentador e *teleprompter*.

As inserções aparecem em diversos trechos dos programas. As inserções da reportagem, da nota coberta, do *link* ao vivo e do quadro meteorológico, como a previsão do tempo para os próximos dias são constantemente utilizadas. Também, após as passagens de blocos, são feitas as inserções dos intervalos comerciais durante a apresentação. No Jornal da Band são utilizados somente esses tipos de inserções.

O Jornal da Record também emprega as inserções mais comuns. No entanto há também inserções institucionais, que são peculiares ao programa. As primeiras delas são as inserções das reportagens especiais da série “A vida por um fio”. Há também a chamada para os destaques da próxima edição do telejornal, e essas inserções são feitas com o intuito de cativar os telespectadores a continuarem assistindo aos próximos programas, instigando-os a ver determinadas reportagens o que, conseqüentemente, mantém o índice de audiência. Outras formas de prender o público e divulgar outros programas são as inserções institucionais da emissora. Na edição do dia 12 de junho, foram transmitidas duas inserções institucionais: uma sobre o programa “Repórter Record”, transmitindo imagens de destaque do programa; na outra, a divulgação do programa “Câmera Record”, que seria exibido horas após o término do telejornal. No geral, os programas institucionais divulgados nessas

inserções abordam outros gêneros de informações e possuem formatos diferentes do Jornal da Record.

Geralmente esse tipo de inserção aparece nas edições que antecedem ao final de semana, ou próximas à data em que esses programas são exibidos.

No Jornal da Band, recursos visuais como o *chromakey* não são utilizados. Nas retomadas ao estúdio, quando os apresentadores chamam novas informações, não há recurso visual que ilustre o assunto da reportagem.

No Jornal da Record, o *chromakey* é aplicado em alguns momentos e esse recurso aparece no estúdio ao fundo dos apresentadores. Nota-se a presença do *chromakey* em reportagens de maior repercussão e que sejam de grande interesse do público. Pode-se citar um exemplo: nos dias analisados, em todas as reportagens relacionadas à tragédia do “Vôo-447”, o recurso do *chromakey* aparecia. O repórter iniciava a fala, chamando a matéria, e o um pequeno desenho de avião com um letreiro escrito “Vôo-447” aparecia ao fundo para ilustrar o assunto e contextualizar as informações transmitidas naquele momento. Após a chamada e exibição da reportagem, a retomada ao estúdio era feita sem os efeitos, apenas com o plano de fundo. Em algumas chamadas de outras reportagens, também apareciam novos efeitos de *chromakey*.

4.5.2 Recursos sonoros

Neste tópico é feita avaliação sobre as diferenças significativas na reutilização de alguns recursos formais sonoros nos programas.

Em ambos os telejornais, a linguagem utilizada pelos apresentadores, repórteres e personagens é transmitida com clareza. As informações são passadas de forma concisa, precisa, clara, coerente e com agilidade. Diversos personagens entrevistados nas reportagens evidenciaram agilidade nas explicações e demonstraram, com precisão, estar certos do que relatavam. Na linguagem adotada pelos apresentadores e repórteres, há presença de termos simples para esclarecer e informar o telespectador.

O tom de voz utilizado pelos jornalistas e apresentadores é claro, sério e objetivo. A partir da locução e das explicações, eles demonstram estar certos do que estão falando. Essa precisão transmite confiança ao telespectador que está assistindo.

A música não é um dos recursos sonoros utilizado com frequência dentro dos telejornais. Há apresentação das trilhas sonoras em reportagens especiais, esportivas e sociais. Essas reportagens abordam temas classificados como notícias sem periodicidade. Exceto

nesses casos, a música também está presente como vinheta dentro dos programas. Cada um dos telejornais possui um tipo de vinheta que caracteriza o programa, que é utilizada na chamada, na abertura, nas passagens de blocos e no encerramento.

O som direto, de ambiente, é utilizado com pouca frequência. Em ambos os programas há presença de som ambiente em poucas reportagens. Quando é utilizado, porém, tem grande eficácia na produção do sentido dentro da informação. Por exemplo, o som direto está presente na reportagem sobre “O tiroteio no complexo da maré, que matou quinze pessoas”. Os sons de tiros transmitem mais eficiência e credibilidade às informações veiculadas pelo jornalista. Nas reportagens do Jornal da Band, o som direto não foi apresentado em nenhuma das edições.

Nas três edições do Jornal da Band, a música só está presente em duas reportagens. A primeira é a que aborda sobre a espera e expectativa dos africanos pela Copa do Mundo na África do Sul. Na reportagem, transmitida na edição do dia 11 de junho, são abordados os trabalhos que estão sendo executados na cidade de Bloemfontein para receber os torcedores, os atletas e os jornalistas na Copa do Mundo de 2010. Nesse caso, a música deixa a reportagem mais descontraída, com tom de animação, alegria e felicidade. Unida às imagens, ela passa aos telespectadores um pouco da emoção que os africanos sentem em poder receber no país um campeonato de extrema importância, como é a Copa do Mundo. A trilha sonora acaba cumprindo essa função: humanizar e deixar a notícia mais palpável.

A música também aparece na reportagem sobre os casais de namorados eternos. Exibida no dia 12 de junho, a reportagem apresenta casais de namorados que estão juntos há anos. O principal enfoque é que mesmo unidos por muito tempo, essas pessoas se amam e se sentem felizes em ter ao lado seus parceiros ou parceiras. Exibida na data em que se comemorava o Dia dos Namorados, a reportagem é de caráter sazonal. Mas a forma de produção a deixou recente, nova e interessante. Nesse caso, a música tem a função de romantizar as informações, de transmitir um sentimento de amor eterno entre os casais. Ela deixa no telespectador um clima de que o amor e a união com felicidade podem existir eternamente, bastando apenas gostar do par. Não há presença da música em nenhuma das reportagens no programa de 8 de junho.

No Jornal da Record, a música é apresentada em todas as reportagens especiais da série “A vida por um fio”. Nas três reportagens, exibidas em cada uma das edições, a trilha sonora teve uma única função: a de dramatizar. Por abordar temas polêmicos como a tentativa de suicídio, a luta pelo resgate de uma vida e as formas de negociação em um assalto, a série

possui caráter de drama, medo e violência. Nesse caso, a música aparece para reforçar esse sentimento, para instigar o telespectador a assistir a toda a reportagem e a ver a repercussão e o fim daquelas histórias. A música deixa o aspecto de sensacionalismo ainda mais visível nas reportagens, encarrega-se de dramatizar os fatos e tem o intuito de instigar as pessoas a assistirem até o fim. Além das reportagens especiais, a música também aparece ao fundo da reportagem sobre os jogadores de basquete que, há quinze anos, conquistaram o título mundial para o Brasil. Exibida em 12 de junho, a reportagem mostra crianças que se empenham e sonham em ser grandes jogadores de basquete; também apresenta o reencontro das atletas que conquistaram o título mundial.

As jogadoras Paula, Janeth e Hortência formaram o trio mais vitorioso da história do basquete feminino brasileiro. A reportagem mostra o reencontro das amigas em uma quadra de basquete e como elas estão atualmente. A música ao fundo da voz do repórter, suavemente, tem o objetivo de demonstrar o agito e a animação das jogadoras. Ela aparece para provar aos telespectadores que, mesmo fora de campo, as atletas não perderam a adrenalina, incentivando os novos atletas a seguirem em frente, não desistirem dos treinos, a batalharem em campo que as vitórias aparecem, basta terem fé e preparação.

Não há presença de sintonias e músicas de conexão. As trilhas sonoras e músicas são apresentadas em algumas reportagens. Exceto esses casos, não existem outros tipos de músicas ou sintonias.

Nos dois telejornais, não há apresentação de efeitos sonoros especiais. Os efeitos utilizados são as trilhas sonoras e, em alguns casos, o som ambiente e as vinhetas de abertura, a passagem de bloco e o encerramento. Salvo os efeitos mencionados acima, os demais não possuem função denotada. Os efeitos sonoros especiais podem ser utilizados dentro de um telejornal, mas, nos programas da análise, não há presença de efeitos que não sejam classificados como música, som ambiente e vinheta.

4.6. Interações

Os problemas de *raccord* e continuidade entre as notícias estão presentes com maior frequência no Jornal da Band do que no Jornal da Record. No Jornal da Band, as notícias são apresentadas sem que haja um critério de linearidade entre elas, ou seja, informações sobre o mesmo episódio, com enfoques diferentes, não necessariamente aparecem continuamente. Há alguns casos em que reportagens sobre o mesmo tema, com abordagens diferentes, são apresentadas em sequência. Mas esse critério de exibição não é válido para todas as informações. No decorrer dos programas, é possível notar que reportagens sobre outros assuntos são apresentadas no meio de notícias com a mesma temática. A continuidade prevalece na nota coberta de caráter internacional. Na maioria das vezes, as informações internacionais são apresentadas em seguida, porém, ainda assim, há variações.

No Jornal da Record, a linearidade e a continuidade entre as notícias são vistas mais frequentemente. Exceto em alguns casos, a maioria das reportagens com o mesmo tema é exibida em sequência, ou seja, reportagens esportivas sobre um determinado fato ou de caráter internacional aparecem sempre em seguida umas às outras. Mas a regra não se aplica em todos os noticiários. Há exceções e casos de reportagens com outros temas que aparecem entre essa continuidade.

No caso das notícias temáticas, relacionadas ao “Vôo-447”, a continuidade das informações é apresentada no decorrer dos programas. Essa linearidade entre as notícias é devido ao desenrolar das investigações sobre o acidente, a localização dos destroços, as buscas pelas vítimas e a identificação dos corpos.

Com referência ao ritmo dos telejornais, a estrutura de apresentação possui dinamismo e agilidade. Os apresentadores e repórteres utilizam um tom de leitura moderado e a locução bastante dinâmica. Na estrutura das reportagens, elas são editadas de forma clara, fazendo com que o telespectador entenda as informações sem que existam problemas de compreensão de texto.

É característica da maioria dos programas de televisão procurar pelo novo, por aquilo que difere do senso comum e que pode ser tratado como um verdadeiro espetáculo. Nos telejornais, também é prioridade dar maior importância às reportagens que apresentem casos de tragédia, de morte, de assassinato, de acidentes e de escândalos. Esses temas, que fogem do senso comum, interessam aos telespectadores que, ao receberem tais informações, passam a ter sentimentos de comoção ou indignação. Isso atrai audiência, pois, ao terem conhecimento

do fato, as pessoas passam a acompanhar o destrinchar das causas e a conclusão das investigações. Com isso, diversas reportagens abordando o tema, apenas com enfoques diferentes, são apresentadas no decorrer do programa e fazem com que a informação seja um grande acontecimento mundial.

Nas edições de ambos os telejornais, o fato de maior repercussão dentro dos programas foram as investigações sobre o “Vôo-447”. Em todos os programas, há reportagens relacionadas à tragédia, ao caso que chocou e comoveu o Brasil. Os aspectos abordados em cada reportagem foram variados, desde novas informações sobre as buscas dos corpos até as causas do acidente como, por exemplo, a falha nos sensores do avião. Todavia, analisado por outro ângulo, a espetacularização de um fato também pode trazer resultados positivos no processo de recepção das mensagens. Os pontos que merecem maior destaque são a compreensão e profundidade no tratamento da informação. Devido à transmissão excessiva de informações relacionadas ao acidente com o Airbus, elas passam a ser compreendidas por todos os telespectadores. Afinal, cada reportagem se aprofunda em um aspecto do caso. No entanto, sem deixar de contextualizá-lo e associá-lo à tragédia. Essa profundidade no tratamento acaba por penetrar e abordar melhor o assunto, o que facilita a compreensão e entendimento dos receptores.

5 O TELEJORNALISMO NA TVDI

5.1 Novos desafios

A tecnologia nipo-brasileira de televisão digital deve impulsionar uma série de mudanças nos programas jornalísticos brasileiros. Diante da evolução por vir, até a forma de se pensar, fazer e arquitetar as notícias passa por modificações. Pode parecer recente, mas a proposta de uma televisão interativa tem sido defendida por alguns autores da comunicação social como um marco para a revolução do conceito de televisão. Colombo (1998, p. 181) já fazia definições de como seria a televisão interativa.

Encontramo-nos, por conseguinte, na vertante da <<banalidade tecnológica complexa>>, diante de algo de manifestamente inútil. Pelo contrário, o lado didático, o pedagógico e, se quisermos, o <<político>> da televisão interactiva, podem constituir uma grande novidade. Do ponto de vista do divertimento, é tão importante quanto os famosos óculos do cinema em três dimensões. Tentem imaginar um cômico carismático que lhes oferece a possibilidade de dizer, premindo em casa um botão, um sim ou um não.

Inovação talvez fosse a palavra correta para definir o processo pelo qual os telejornais brasileiros devem passar ao fim da transmissão analógica e início da transmissão digital.

O telejornalismo na TVDI ganha novos desafios. O primeiro deles acontece no processo de produção das informações. Com a tecnologia do canal de retorno será possível que o telespectador acrescente novas informações às que já estão disponíveis dentro do programa, opine com relação a determinados assuntos e selecione a reportagem que mais lhe agrada, a partir de um “menu” interativo. A base desse “menu” será composta por *hiperlink* e hipertexto. Pode-se dizer que a tecnologia digital impulsionará a nova era democrática dentro da televisão. É possível descrever que será o tempo da democracia, no sentido de o telespectador poder participar ativamente do processo de seleção da informação, optando pelo que lhe é de interesse e não o pré-estabelecido pelos produtores, repórteres e editores, como acontece atualmente.

Esse processo delimitará, em alguns aspectos, a conduta do jornalista diante da informação, tanto que algumas funções dentro da redação de uma televisão devem ser revistas e remanejadas com a tecnologia digital. Com o diálogo constante entre telespectador e

emissora, haverá a possibilidade de este sugerir pautas, elogiar ou fazer críticas ao conteúdo divulgado e, ainda, auxiliar na produção das reportagens com dicas e sugestões. A técnica do *on-screen*, que significa notícia em tempo real, deve migrar dos meios eletrônicos, como a internet, para a televisão com a chegada da tecnologia digital. Assim, ao transmitir uma informação aos telespectadores e disponibilizar a visualização das reportagens em outros momentos, através do *video-on-demand* os jornalistas podem ser informados pela grande massa e não só praticar o ato de informar, ou seja, o telespectador pode postar novas informações, repercussões de determinados casos, conforme a demanda de informação surgir, quase que instantaneamente, na televisão. As ferramentas interativas como o *chat*, o e-mail e o *newsletter* possibilitarão ao usuário interação constante não só com os produtores dos programas, mas com outros telespectadores que, às vezes, procuram pelas mesmas informações e têm interesses iguais dentro do programa.

O investimento das emissoras na versão digital dos seus telejornais, em busca do estabelecimento de algum diálogo com os telespectadores, oferece ao telespectador a oportunidade de rever reportagens e se aprofundar em algum assunto, através de *chats*, e-mails e *newsletters*. (BECKER; TEIXEIRA, 2008, p. 2)

Alves e Castro (2009) apontam algumas possibilidades de participação do telespectador no telejornal:

- 1- Envio de sugestões de pauta;
- 2- Envio de fotos;
- 3- Envio de vídeos;
- 4- Participação com dados;
- 5- Participação como fonte;
- 6- Envio de matérias prontas elaboradas individualmente ou de forma colaborativa;
- 7- Perguntas ao vivo;
- 8- Participação em enquetes;
- 9- Participação em debates;
- 10- Possibilidade de agregar mais informação a notícia original;
- 11- Possibilidade de atualização da informação;
- 12- Possibilidade de “julgar” a qualidade da informação divulgada

Essas são apenas algumas das possibilidades de interação que podem existir dentro dos programas jornalísticos. Com a interação total, o telespectador passa a ser também um pouco “jornalista”, porque poderá exercer algumas das funções que, atualmente, pertencem a esses profissionais. Essas opções possibilitam novas mudanças no modo de recepção da informação, gerando telespectadores mais críticos com relação aos materiais divulgados no programa. As junções dessas alternativas à tecnologia e adaptadas aos dispositivos móveis possibilitará ao telespectador, em determinada situação, *dar o furo de reportagem*, ou seja, a notícia em primeira mão aos outros receptores. Pode-se citar um exemplo de uma reportagem que retrate o congestionamento de veículos em uma grande Avenida de São Paulo. O motorista que está no engarrafamento, ao acessar essas informações pelo celular, poderá postar dados complementares como, por exemplo, se a situação melhorou e o trânsito começou a fluir ou se o congestionamento está aumentando. Esse processo de retorno das mensagens é importante porque possibilita aos produtores fazer um levantamento de como as informações são vistas pelos telespectadores e também a ter acesso a novos dados.

A utilização da interatividade através dos recursos digitais poderá estar em qualquer programa. Tudo vai depender da forma como as emissoras vão utilizar essa nova tecnologia. Os outros níveis de interatividade também poderão ser disponibilizados. Neste caso, é possível fazer retornar a mensagem, escolhendo entre várias opções; votando, por exemplo. É interessante que essa possibilidade de retornar a mensagem vai significar também, para as TVs, o recebimento de informações sobre o usuário. (CROCOMO, 2007, p. 119)

Outra perspectiva é de utilizar os *Feeds RSS*, que, atualmente, existem na internet e adaptá-los para a TV digita; assim, essas informações podem ser transmitidas de tempo em tempo no decorrer da programação, sendo substituídas pelos plantões informativos. Por exemplo: no caso do telejornalismo, um texto curto e objetivo com as informações básicas aparece no vídeo através do hipertexto; se o telespectador se interessar em visualizar, receber informações extras e dados complementares, é só acessá-las através dos *hiperlinks* em seu dispositivo móvel.

As imagens em alta definição em junção a todo esse aparato tecnológico possibilitará aos receptores sentir e ver o mundo de forma mais real navegando na grade com as opções de conteúdos disponíveis dentro da televisão digital interativa.

Teoricamente, uma das mudanças mais importantes é a transformação da proposta de comunicação, que, pensada desde Aristóteles, requer pelo menos três elementos: fonte, mensagem e destinatário. Com a chegada das mídias

digitais, da convergência e da interatividade, um novo elemento pode ser agregado a esse modelo milenar. Agora passa a existir a possibilidade de quatro elementos no processo de comunicação 1) o campo da produção; 2) a mensagem; 3) o campo da recepção; e 4) o campo do retorno interativo, onde o diálogo entre quem produz ou apresenta e quem está vendo, ouvindo ou lendo em tempo real se torna possível a partir da participação dos públicos com suas diferentes culturas e concepções de mundo.(BARBOSA FILHO; CASTRO, 2008, p. 92).

5.2 A cultura de massa no cenário da TVDI

Morin (1997) discorre sobre a cultura de massa como sendo uma cultura produzida para a massa. Para ele o termo cultura de massa ou sociedade de massa privilegia excessivamente um dos núcleos da vida social – as sociedades industriais e maciças –, mas também técnicas, burocráticas, capitalistas, de classes, burguesas individualistas. O autor também fala sobre o consumo cultural, para ele, a produção cultural cria o público de massa, o público universal; ela é determinada pelo próprio mercado.

A cultura de massa, no universo capitalista, não é imposta pelas instituições sociais; ela depende da indústria e do comércio, ela é proposta. É, portanto, o produto de uma dialética produção-consumo, no centro de uma dialética global que é a da sociedade em sua totalidade.

A partir da lógica de uma cultura produzida para a massa que passa pelos processos de industrialização do século XX, gera uma indústria cultural com os sistemas de criação industrializada. Tem-se uma nova cultura que, para o autor, se inscreve no complexo sociológico constituído pela economia capitalista, a democratização do consumo, a formação e os desenvolvimento do novo salariado e a progressão de determinados valores. A cultura industrial se desenvolve no plano do mercado mundial. A indústria cultural gera, então, um consumo cultural, ou seja, ela cria um público de massa, presente no universo capitalista que depende da indústria e do comércio. Criam-se, assim, os produtos culturais serializados a partir de uma dialética produção-consumo, ou seja, os produtores da indústria cultural criam produtos que são consumidos pela grande massa e passam a ser incorporados à cultura de massa para a massa.

Seguindo essa lógica de produção-consumo, poder-se-ia dizer que, com a chegada da TV digital e a execução ativa do telespectador dentro dos telejornais, estar-se-ia diante de uma “indústria de produção de conteúdos audiovisuais”. Seria a “indústria da informação” sendo produzida também pela grande massa e não só por profissionais da comunicação. Barbosa Filho e Castro (2008, p. 46-47) mencionam a segunda geração de pensadores da teoria crítica,

como Habermas, que defendem a idéia da existência de uma esfera pública permitindo as pessoas que se relacionem diferentemente com os meios de comunicação. Segundo eles, essa teoria do alemão está se refletindo sobre as mídias digitais.

Defendemos que essas novas indústrias sejam chamadas de “indústrias de conteúdos”, porque elas trabalham com conteúdos digitais; porque podem ser elaboradas por qualquer pessoa e não mais apenas pelas empresas de comunicação; porque elas incluem também celulares e computadores e porque são novas mídias que podem ser usadas em separado ou de maneira convergente. Ou seja, essa nova indústria ultrapassa o campo da radiodifusão, chegando às telecomunicações, o que traz embutida a necessidade de revisar a legislação do setor. Além disso, depois de muito tempo em que as empresas de comunicação dominavam todo o processo comunicativo, permite que novos atores sociais tenham espaço para produzir conteúdos. Com isso, a indústria dos conteúdos para mídias digitais redefine, em pleno começo do século XXI, as possibilidades da comunicação produzida desde os espaços comunitários, desde um outro olhar que não seja somente o jornalístico.

Diante dessa constatação, pode-se dizer que os telespectadores dos programas jornalísticos divulgados na TVD serão atores de novos conteúdos. A tecnologia da interatividade não para por aí: a tendência é que esse receptor se torne cada vez mais ativo, podendo produzir vídeos através de câmeras pessoais e enviá-los de casa para as emissoras de televisão. Para Reisman (2002, apud BECKER; MONTEZ, 2005, p. 52), essa interatividade pode ser classificada em diferentes níveis, dependendo dos serviços a serem oferecidos na TVD. Os níveis são reativo, coativo e pró-ativo:

- reativo – são as opções e realimentações dirigidas pelo programa, havendo pouco controle do usuário sobre a estrutura do conteúdo;
- coativo – Há possibilidades de o usuário controlar a sequência, ritmo e o estilo;
- pró-ativo – o telespectador pode controlar tanto a estrutura quanto o conteúdo.

A partir disso, é possível observar que o telespectador da TVD será inteligente, capaz de participar como fabricante de produtos audiovisuais.

5.3 O telespectador como produtor da informação

A tecnologia do canal de retorno possibilitará ao telespectador fazer vídeos e reportagens em casa e enviar para a emissora através da TV digital e dos dispositivos móveis.

A produção interativa para os telejornais também deve passar para a digitalização da não-linearidade das notícias; ou seja, será possível selecionar e assistir apenas a alguns

trechos da reportagem e não ao produto como um todo exibido nos telejornais atualmente. A possibilidade de produção e envio de imagens digitais por parte dos telespectadores, para os profissionais responsáveis pelo programa jornalístico passa a ser um dos principais desafios propostos para a nova tecnologia.

Um projeto piloto foi desenvolvido na (UFSC), Universidade Federal de Santa Catarina, como projeto de mestrado do curso de Engenharia de Produção, com apoio do curso de Jornalismo e em parceria com a TV Cultura de Santa Catarina e emissoras locais. Possibilitou a produção interativa dentro da TV. O projeto Marint foi desenvolvido em duas escolas, na Escola Básica Municipal Professora Dilma Lúcia dos Santos em Florianópolis e também na Escola Estadual Engenheiro Alvaro Catão, em Imbituba, Santa Catarina. Os experimentos foram feitos com grupos de alunos. Assim que apresentaram aos estudantes as funções das câmeras amadoras, que possuíam qualidade de imagem e interface digital IEEE¹², foi dado início à coleta de materiais para a produção dos vídeos.

Na primeira etapa, esses alunos fizeram entrevistas com moradores do bairro onde as escolas estão localizadas e capturaram as imagens através da câmera. Técnicas como a qualidade de som, uso do microfone, noções de enquadramento e uma idéia pré-estabelecida para a realização da entrevista foram transmitidas aos estudantes. A segunda fase começou a partir do processo de edição das reportagens, quando foi possível ensinar as noções básicas da edição não-linear em vídeo pelo programa Adobe Premier¹³. Eles aprenderam a captar e separar os trechos do vídeo, fazendo, assim, a edição. A terceira etapa foi a definição do tipo de vídeo, pois há formatos de vídeos mais compactos que facilitam o envio do arquivo. O formato escolhido foi o de arquivos do tipo MPEG. A quarta e última fase foi o processo de envio dos arquivos através do site da Marint¹⁴ para um servidor da Universidade Federal de Santa Catarina. Os vídeos produzidos pelos estudantes continham, em média, um minuto cada e foram ao ar junto com o documentário, “Volta à ilha em 16 mm”, desenvolvido pelo estudante Luiz Tasso Neto, como Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo.

Essas experimentações desenvolvidas em Santa Catarina foram apenas o começo do que pode ser uma produção interativa dentro da televisão digital. Seguindo as tendências tecnológicas, pode-se pensar nessas possibilidades a serem utilizadas também nos telejornais.

¹² IEEE – Interface que permite o acesso a informações em velocidade e pode chegar a 400 Mbytes/segundo. Geralmente utilizada para captura de vídeo originalmente em formato digital para o computador.

¹³ Adobe Premier é um *software* que possui solução completa para a produção e edição não linear de vídeos pelo computador.

¹⁴ Site do Projeto Marint: <<http://www.marint.ufsc.br/apresentacao.htm>>.

Essa perspectiva possibilita uma nova maneira de se pensar a relação do usuário com a emissora, através de um processo de colaboração por parte dos telespectadores para a produção das notícias.

(...) a função interativa da linguagem transforma autor, mídia e interlocutor numa única e complexa entidade comunicacional, obedecendo aos princípios da constante reconstrução negociada da informação, trilhando a via do rompimento do esquema teórico clássico emissor, receptor, código, mensagem e veículo. (WINCK, 2007, p. 86-87)

Esse processo de inclusão como agente narrativo se deu a partir do momento em que a narrativa audiovisual migrou de linear, das tecnologias cinematográficas, para a não-linear, da videografia, e, depois disso, esse processo de transição também aconteceu nos computadores, possibilitando um ambiente interativo entre o receptor e o processador.

Todas essas propostas, porém, podem também gerar uma série de problemas. O primeiro deles seria a forma de compreensão e recepção por parte dos usuários diante do grau tecnológico: aprender a postar informações, selecionar arquivos e programas dentro da grade de programação, receber e enviar *Feeds RSS*, conversar através de *chat*, enviar e receber e-mail, sem se falar na produção de conteúdo, que demanda captura de imagens, edição dos vídeos e envio desse material para as emissoras através da TVDI. Todas essas opções não são tão simples e fáceis de ser executadas como parecem. A maioria da população brasileira não tem acesso aos dispositivos com tamanha tecnologia e precisará de tempo para assimilar tantas informações que estarão presentes em um só aparelho. Pode-se tomar, como exemplo, o computador, onde é possível ter uma interface interativa e utilizar diversos programas e ferramentas. Diante dessa comparação é possível observar que o indivíduo que já tem noções básicas de como se trabalha no computador possivelmente terá mais facilidade em assimilar as funções da televisão digital e navegar pelos *hiperlinks* sem grandes problemas. Mas a internet está presente em apenas 16% dos lares brasileiros, contrapondo-se com a televisão que está em 90% dos domicílios. Tais dados comprovam que a parcela de pessoas possivelmente “adaptadas” para utilizar das funcionalidades da TVDI é mínima em comparação com o restante, que não tem acesso aos dispositivos com grande capacidade computacional.

Os arquivos e vídeos também poderão ser capturados e enviados através dos dispositivos móveis, como o celular, assim como será possível ao telespectador manter

contato direto com determinados grupos ou comunidades através da criação das notícias comunitárias e colaborativas.

Dentre as possibilidades oferecidas para a audiência pela TVDI estão: a criação de vídeos para celulares, recebimento e envio de fotos, criação de textos, elaboração de notícias comunitárias, confecção de vídeos para serem transmitidos no canal de retorno, construção de roteiros colaborativos para teledramaturgia ou construção e disputa em jogos educativos com múltiplos participantes. Também é possível a construção de ambientes de aprendizagem para grupos segmentados, disposição de ambientes para as artes, como música, pintura e poesia e, até, a criação de espaços de construção de arte colaborativa, voltados para todos os tipos de públicos e idades. (CASTRO; FEITOSA; VALENTE, 2009, p. 11-12)

O espaço para as ações comunitárias e educativas também possibilitará ao usuário ver a televisão de outra maneira, que não seja somente como um instrumento para consumo das informações. Mas é preciso que o telespectador, ao participar ativamente na TV digital, realize ações com cautela, evitando que informações incorretas e imagens com efeitos sejam colocadas na rede de forma antiética. A criação do hipertexto impulsiona novas formas de consumo da informação. Através do *hiperlink* é possível que o telespectador crie e delimite seus próprios caminhos dentro da interface interativa.

A tecnologia narrativa da linguagem digital inaugura problemas novos, tanto para os produtores de conteúdos quanto para os usuários dos equipamentos audiovisuais. Na “signagem” da TV digital, as ferramentas de construção da mensagem estão disponíveis para além do comando do “controle remoto” e acesso ao canal ou à grade de programação, como é na TV analógica. A TV digital modifica o conceito de programação, entendida como pacote de formatos televisuais prontos para o consumo, sem a possibilidade de qualquer alteração na fonte distribuidora. Só isso já bastaria para mudar tudo que se chama de TV. (WINCK, 2007, p. 89-90)

No entanto, essa forma de modificar os conceitos do que é e como se chama a televisão também merece alguns cuidados que devem ser respeitados, principalmente quando se trata de informações jornalísticas. Vale ressaltar que a possibilidade de agregar mais informações às reportagens, postar dados atualizados, enviar vídeos e imagens não deve colocar em xeque a credibilidade da informação. As informações principais estarão presentes na estrutura das reportagens produzidas, apuradas e editadas pelos profissionais de comunicação. A credibilidade dos veículos jornalísticos deve ser preservada, possibilitando ao telespectador ter a certeza de que aquela reportagem é verídica. É preciso deixar claro que, nos programas jornalísticos, a interação dos telespectadores deve ser vista de forma

colaborativa, sem colocar em dúvida os dados primordiais, a credibilidade, a veracidade e a qualidade das informações.

É importante ressaltar que estes recursos adicionais devem ser criados fora da estrutura padrão de uma matéria de TV. Assim, a matéria em si deve apresentar as informações necessárias para se compreender o assunto tratado e, ainda, exibir o relato das partes envolvidas. Não deixando, desta forma, informações cruciais para os recursos interativos, que são opcionais. Por exemplo, no caso de uma matéria envolver três diferentes fontes, ao colocar o relato de uma dessas fontes como recurso interativo o conteúdo básico necessário seria transformado em recurso opcional, comprometendo a qualidade da informação sobre o fato em questão na matéria. Desta maneira, ao se unir um busca por um telejornalismo mais plural com a nova tecnologia digital é possível aumentar a quantidade de informação oferecida ao telespectador (usuário) a cada programa, podendo, ele, aprofundar seus conhecimentos sobre os assuntos que lhe forem de maior interesse. (LOPEZ; GOBBI, 2009, p. 9)

O uso de *softwares* livres é cada vez mais comum no Brasil. A plataforma do *middleware* brasileiro, denominado Ginga, foi criada como um *software* livre em que será possível utilizar as ferramentas, alterá-las, modificá-las de forma gratuita, sem pagar pela licença ou utilização. Essas ferramentas possibilitarão um processo de inclusão digital dos telespectadores com os produtores, outros receptores e com a máquina. A TV digital será uma rede que possibilitará navegação interativa.

O Ginga foi pensado para ser uma plataforma de inclusão digital, com a obrigação de compartilhamento de conhecimento livre, ou seja, oferecer à população a possibilidade de acesso à informação, educação a distância e uso de serviços pela TV. A aposta da interatividade, através do Ginga, está no emissor como também produtor de conteúdo, promovendo a participação do cidadão e mudança na forma de assistir à televisão da forma passiva para a interativa. (TELLAROLI, 2009, p.8)

Está-se diante de um telespectador-produtor que poderá decidir, contribuir, opinar e produzir a notícia. O telejornalismo, hoje, tem a função de mediar os fatos e episódios que acontecem no cotidiano e transformá-los em informações para serem divulgadas nos programas. Para isso, é preciso que todos os produtores de conteúdos informativos estejam atentos à linguagem, procedência das informações e às técnicas de edição não-linear. Não basta apenas capturar algumas imagens sem que seja feita uma seleção, na hora da captura, daquilo que representa melhor a informação. Na televisão, imagem é informação e para que uma reportagem tenha qualidade é preciso que ela passe por um longo tratamento de edição.

Brasil (2005) apresenta que pesquisas realizadas por cientistas apontam que 75% da percepção humana é visual, demonstrando, assim, a importância da imagem dentro da sociedade. Com isso, é essencial que os telespectadores, produtores de conteúdos para a TV digital tenham em mente conceitos básicos para a edição das imagens. Saber escolher o melhor ângulo e a posição que demonstre adequadamente o fato é primordial para que o conteúdo audiovisual seja compreendido pelos telespectadores. Pereira Junior (2009) defende a ideia de que, há pelo menos uma década, a cultura imagética da televisão se transformou com a tecnologia digital.

Percebe-se que a natureza do digital modifica o *fazer* e o *ser* jornalístico, principalmente no uso de vários recursos de edição que antes não eram possíveis por não serem compatíveis com o tempo do fazer da notícia televisiva. (...) Ou seja, para o telejornalismo as imagens digitais também constroem o real, na base do real, mas representam uma inovação ao tornar visível o que não era à priori. (PEREIRA JR, 2009, p. 2 e.5)

Essas transformações não acontecem somente na cultura imagética, mas elas demonstram que o processo de convergência midiática entre o padrão analógico e o modelo de TV digital tende a ser marcado pelo grau de complexidade. No telejornalismo, não só o modo de se fazer notícia, a estrutura dos programas e o modo de recepção passarão por mudanças, mas também as funções dos jornalistas dentro da empresa. O jornalista da era digital tende a ser cada vez mais interligado, precisa conhecer, dominar e trabalhar com os mais variados meios de comunicação, sendo, assim, um profissional responsável por executar muitas funções.

5.4 O jornalista da era digital

Em meio a tantas discussões, estudos e decisões que permeiam a TV digital, é possível se perguntar: como ficará a situação do jornalista dentro desse processo migratório? Com a possibilidade de o telespectador mandar informações, não haverá mais jornalistas? E as informações postadas pelos usuários passarão por algum processo de edição? Alguém será responsável por filtrar o conteúdo de qualidade e checar a procedência dos dados? Quem?

Está-se próximo de um processo de reformulação de funções em que os produtores, jornalistas e editores ganharão novos papéis dentro das emissoras de televisão. Os repórteres serão responsáveis não só por apurar as notícias, ir para a rua coletar as entrevistas e elaborar o texto, mas também por editar e selecionar as informações complementares e colaborativas

postadas pelos telespectadores conforme o desenrolar dos fatos durante o dia. Serão mais que repórteres e precisarão conhecer todo esse aparato tecnológico para lidar com o fluxo de informações da melhor maneira possível. Inevitavelmente o papel do jornalista passará por reformulações.

Nesse cenário em construção, deve-se considerar também a reestruturação do papel do jornalista que deve se tornar multifuncional. A este será projetada outra condição de exercício da profissão, visto que, com a explosão de informações com as quais terá de lidar, o repórter terá que assumir ações de produtor, técnico, designer gráfico, editor etc.(CIRNE; FERNANDES; PÔRTO, 2009, p. 105)

O próprio conceito de *deadline*¹⁵ dentro da estrutura das redações deve ser repensado; afinal, além dos jornalistas, os próprios telespectadores poderão postar novas informações de minuto em minuto. A notícia será instantânea e estará na TV digital sem que seja estabelecido um prazo para a conclusão da reportagem. E o profissional interligado deve lidar com esse fluxo de informações instantâneas agilmente, dando maior tratamento e destaque aquilo que é de mais relevância para a população. Além de filtrar e editar novas informações, saber organizá-las partindo de uma lógica prioritária em que as informações principais devem aparecer em primeiro plano e os dados complementares no conteúdo extra também são ações que carecem ser desempenhadas pelo jornalista do futuro.

A reformulação das funções do jornalista dentro das emissoras de televisão impulsiona também reformulações estruturais dentro da redação. A estrutura de produção, pré-estabelecida na tecnologia analógica, pela edição linear ruirá, dando lugar às experimentações no campo digitalizado.

O fim da linearidade no processo de produção telejornalística é certo. E não só o fim da linearidade no sentido técnico, de edição das imagens, por exemplo. A coerência analógica da linearidade deve ser rompida dando espaço à experiência do digital. Não há mais como manter a estrutura convencional de uma redação de TV, com pauteiros, produtores, repórteres e editores, com funções-estancos. O próprio conceito de *deadline* jornalístico relativiza-se em tempos de uma comunicação cada vez mais instantânea, cada vez mais em tempo real, em que as informações são constantemente atualizadas. (ANGELUCI; CASTRO, 2009, p. 10-11)

As mudanças estruturais também devem acontecer na forma de recepção das notícias. Na televisão analógica, a reportagem, a reportagem especial, a nota simples e a nota coberta

¹⁵ A tradução do *Deadline* em português significa prazo de entrega, tempo determinado.

são transmitidas através do som. Em alguns casos, há presença de recursos audiovisuais com informações escritas. Já a TVD possibilitará os dois tipos de informações. Através do hipertexto, é possível que o telespectador acesse as informações por meio de uma estrutura narrativa textual.

É fundamental que os jornalistas, novos produtores de conteúdo audiovisual, tenham conhecimento das ferramentas gráficas disponibilizadas no *software* da TV digital. Pode-se dizer que se está diante de um jornalista que, além de mediar informações, deve saber utilizar as ferramentas de ponta da TVD e fazer a junção entre as plataformas digitais e o conteúdo informacional, produzindo um novo telejornalismo, ou seja, o telejornalismo da era digital.

O profissional multifuncional também pode ter outras definições. Segundo os autores Angeluci e Castro (2009, p. 9-10), pode-se pensar que os futuros profissionais da comunicação, na televisão digital, serão hiperjornalistas.

O diferencial do hipertelejornalista está em criar uma nova organização da informação, novos fluxos de acesso para respaldar a qualidade das informações – superando o *status* de simples narrador de fatos. Baseado nos novos sistemas de informação, ele organiza a informação por meio da unidade-chave – o *link* – e combina um conjunto muito mais amplo de fatos e circunstâncias contextualizados por meio de uma hierarquia. O hipertelejornalista é o guia de informações noticiosas no ciberespaço, independente da plataforma tecnológica, pois ele poderá desenvolver conteúdos digitais interativos para uma ou várias plataformas, cada vez mais convergentes entre si.

O hiperjornalista, porém, será responsável não só por produzir conteúdos, pensar na nova programação audiovisual interativa, editar dados complementares enviados pela comunidade, mas também é necessário ter em mente a tecnologia de inclusão dessas novas ferramentas que provocarão o surgimento de novas linguagens dentro da programação. Essa tecnologia passa a ser um marco para a história da radiodifusão.

O jornalista da TVDI é o mediador entre a tecnologia e a informação; é necessário que ele traduza todos esses conhecimentos em linguagens hipermidiáticas, produzindo reportagens interativas em tempo real, transgredindo as características da televisão analógica, transformando-a na TV digital que tende a aproximar cada vez mais as barreiras entre as diferentes mídias.

Em tempos de mídias digitais, os jornalistas passam a ser algo mais do que profissionais qualificados para escrever ou falar textos informativos, interpretativos ou opinativos. Eles têm a possibilidade de transformar-se em *mediadores sociais*, colaborando na construção coletiva e democrática de

notícias; ou seja, são muito mais que *tradutores dos acontecimentos*. Mas os jornalistas correm o risco de se transformar apenas em profissionais multimídia, não só porque está cada vez mais difícil separar as fronteiras entre as diferentes mídias, como por não levarem em consideração, muitas vezes, a responsabilidade social da profissão, que exige mais do que informação; exige a possibilidade de reflexão, compreensão e interpretação sobre o mar de notícias que recebemos diariamente. (BARBOSA FILHO; CASTRO, 2008, p. 88)

A alta qualidade das imagens na TVD impulsiona uma demanda de informações mais detalhadas a respeito do assunto. A tecnologia de alta definição possibilitará aos telespectadores assistir à televisão de forma mais real, ou seja, a qualidade é tanta que se aproxima da visão humana, e a realidade passa a ser vista na tela da televisão sem os ruídos e chuviscos. Mas essa perfeição tende a tornar os telespectadores ainda menos questionadores; afinal, a semelhança com a realidade é tamanha que a imagem da TV digital deixa no telespectador a certeza de que aquelas cenas são a realidade dos fatos. Por isso, os trabalhos de edição desenvolvidos pelos jornalistas e editores são de extrema importância, pois o telespectador acredita em tudo que está vendo, sem fazer questionamentos.

Para não se submeter à alienação, que pode ser causada pelos aparelhos, é preciso retomar a história, reconsiderar velhas práticas, valorizar mais os textos e deixar-se submeter menos à crença baseada apenas nos olhos. É preciso também desvendar o que está por trás das caixas pretas. Mas, sem sombra de dúvida, os telespectadores, com a tecnologia digital sentirão a realidade mais próxima, afinal, quando mais imersos menos questionadores. É necessário perceber que não é possível confiar apenas no que se vê, por mais que tudo pareça ainda mais próximo do mundo que os cerca. É preciso, portanto, deixar de ser funcionários dos aparelhos para percebê-los como ferramentas e não como forja de pensamentos, ações e crenças. (BONI, 2009, p. 14)

Com todas essas funcionalidades, é possível observar que o modelo de televisão digital brasileiro possua tecnologia suficiente para se ter uma televisão interativa e com qualidade.

Nos programas jornalísticos, a possibilidade de o telespectador enviar conteúdos proporcionará aos telejornais maior abrangência e cobertura. A regionalidade das notícias é o principal foco do telejornalismo da TV digital. Diversas áreas do país que, atualmente, não são valorizadas pela televisão analógica poderão ganhar destaque nos noticiários da TV digital graças à participação dos moradores locais. Os telejornais na TVD tendem a se focar especificamente no jornalismo colaborativo; essa característica também modificará a relação do jornalista com os telespectadores e as funções exercidas por esses profissionais na redação.

Com a possibilidade de mediar as informações e detendo de todo o potencial

tecnológico da televisão digital, pode-se dizer que o jornalista venha unir sua capacidade crítica de tratar os fatos, utilizar as ferramentas tecnológicas e a colaboração dos telespectadores para divulgar esses acontecimentos. Assim, estar-se-á diante de um jornalismo com alta qualidade. Essa qualidade também estará sob análise da grande massa; afinal, com um público interativo, é inevitável que ele se torne mais crítico em relação à condição das informações.

Uma perspectiva é construir o telejornalismo brasileiro de modo colaborativo, respeitando os espaços de cada região do país e aproveitando a vontade de exposição das pessoas. As informações veiculadas não precisam estar pautadas quase que na totalidade no sul e sudeste, podendo oportunizar outros brasileiros – nordestinos, por exemplo – para que possam “postar” na rede da emissora um acontecimento referente à sua região e que seja de interesse público. Ou ainda, mesmo que não divulguem um material audiovisual ou fotográfico completo, que possam sugerir informação relevante para a construção da pauta jornalística. Nesse sentido, obviamente, uma censura crítica é inevitável, visto que a participação efetiva tem que garantir não apenas quantidade, mas sobretudo qualidade. (CIRNE; FERNANDES; PÔRTO, 2009, p.101)

Diante de todas essas mudanças, possibilidades e inovações é possível se perguntar: as emissoras de televisão estão por dentro da nova tecnologia digital? E os produtores, repórteres e editores estão cientes das mudanças estruturais que vão acontecer não só na redação, mas também nos telejornais e na reorganização das funções desses profissionais dentro da empresa?

Para responder a todas essas perguntas optou-se por manter contato com editores dos telejornais analisados, Jornal da Band e Jornal da Record, na tentativa de indagá-los sobre as primeiras mudanças que devem acontecer na estrutura desses programas, para adaptação a tecnologia digital. E se de fato, as empresas e esses profissionais estão preparados para lidar com o futuro telejornalismo.

5.5 Pesquisa de campo

A fim de compreender como está sendo o processo de implementação da TV digital e de inclusão das novas ferramentas nas emissoras de televisão brasileira, este pesquisador até a Redação do Jornal da Band e entrevistou quatro editores do programa. A visita à emissora e as entrevistas foram realizadas no dia 6 de outubro de 2009, das 14h30 até as 17h30. Nas entrevistas, indagou aos profissionais sobre diversas questões que permeiam o processo de

transição dos sistemas. A seguir, serão elencados alguns dos questionamentos e trechos das respostas, coma as entrevistas na íntegra nos apêndices deste trabalho.

5.5.1 Inovações do Jornal da Band

Em entrevista, o Chefe de Redação do Jornal da Band, quando questionado sobre o que pode ser pensado de inovação para o telejornal e quais são as tecnologias que podem ser aplicadas nos programas jornalísticos, disse que, no momento, o foco da emissora é a qualidade de imagem e agilidade.

“O principal foco é qualidade, agilidade e qualidade. Quando você passou a ter, com a digitalização, aquele processo, toda a forma de produção ficou mais ágil, mais rápida e você passou a ter mais qualidade no ar. A partir de agora, com o próximo sistema de servidor que vai ser instalado. Já está instalado, mas vai ser implantado muito em breve. Vai ser possível exibir, além do que é exibido aqui no estúdio, que já é em HD, vai ser possível exibir também todas as matérias em HD, em alta definição. Então, no jornalismo da Band, o digital é sinônimo de mais qualidade, mais agilidade e mais qualidade, e isso já vem sendo implantado há um bom tempo.” (Fernando Mattar)

5.5.2 Serviços disponíveis dentro dos telejornais

Indagado sobre as funções interativas que podem ser disponibilizadas dentro do telejornal como, por exemplo, o canal de retorno e o *video-on-demand* na TVDI, Fernando Mattar afirmou acreditar que isso se aplica mais a outros tipos de programas e está desconexo do telejornalismo.

“Isso, no momento, está sendo feito pelo portal da Band.” “Isso não sou eu que cuido. Me refiro à exibição do jornal que é televisão, não é web. Interatividade, por enquanto, não existe na prática, existe uma série de possibilidades.” “As outras possibilidades de interatividade da TV digital, via Ginga, num primeiro momento, elas se aplicam muito mais ao entretenimento, na área de esportes do que no jornalismo. Claro que vão surgir novas idéias, novos formatos e a gente vai se adaptar. Mas, no momento, eu particularmente não vejo outras formas de interatividade via Ginga com o telejornalismo.” “O que pode ser possível é acréscimo de informações (...) o telespectador poder acionar uma tecla do controle remoto durante determinada matéria, onde ele vai ver mais informações sobre o assunto que não cabem lá. Abrir aí uma tela para ele e vai ver uma lista completa, um índice. Coisa que não cabe na matéria. Então, isso, sim, acrescentar mais informações.” “Talvez, num futuro

próximo, a pessoa consiga fazer uma imagem por celular e jogar via controle remoto diretamente para cá. Mas, por enquanto, não existe essa tecnologia.” “Enfim, porque quando se fala em interatividade em vídeo, se fala muito em aspectos comerciais, possibilidades de negócios, de compra de material e isso tudo eu acho que está um pouco desconectado do jornalismo.” (Fernando Mattar)

5.5.3 O novo jornalista

Na pergunta sobre as mudanças que devem acontecer na postura do jornalista dentro da empresa e no modo de produção do novo telejornalismo, Mattar frisou que deve modificar-se e os profissionais precisam ser cada vez mais qualificados.

“Sem dúvida que mudaria (...) Mas o que mudaria, e já está mudando, é a forma de agir e de pensar o jornalismo de televisão. Porque não existe mais, como existia no passado, o jornalista de televisão.” “O jornalista já tem que ser um profissional completo. Que possa ser responsável desde a captação da imagem até a edição final e até o material que vai para o ar.”

“O jornalista, hoje em dia, ele tem que ter domínio o mínimo que seja. Mas quanto maior for este domínio, melhor por uma tecnologia. Todos esses equipamentos básicos que se usam através de uma câmera, um celular. Passando por esses *netbooks* que, cada vez mais vão substituir os *laptops* convencionais. Enfim, tem que ter essa habilidade, tem que mergulhar nesse mundo porque, senão, vai ficar difícil.” (Fernando Mattar)

5.5.4 O telejornalismo da era digital

Ao ser interrogado se poderia haver uma mudança estrutural no modelo de telejornalismo com a chegada da TV digital, Fernando Mattar disse que isso já está acontecendo e tende a mudar cada vez mais, principalmente pela portabilidade.

“Essa mudança está acontecendo e vai aumentar, mas não necessariamente por essa suposta interatividade via TV digital. Mas, principalmente, por conta da forma de se assistir à televisão, cada vez mais via celular, via internet. O que eu vejo que muda mais na relação telespectador e televisão e aí, também em função da TV digital, é muito mais a portabilidade do que a interatividade.” (Fernando Mattar)

5.5.5 Interação telespectador e emissora dentro do telejornalismo

Em entrevista com o editor nacional de assuntos, Juliano Nunes, ao ser indagado sobre as possibilidades de interação e diálogo entre telespectador e emissora na TV digital, através do canal de retorno, o editor descreveu que esse processo ainda é lento.

“Para isso, faltam alguns anos. Não só para a Band, os próprios aparelhos não estão funcionando dessa forma. Você compra o seu (*set-top-box*), você coloca ele lá, transmitindo em HD. Mas, ele não está dando esta possibilidade ainda. A gente está trabalhando para entrar nisso, a partir do momento em que se popularizar a tecnologia e quando ela tiver acessível para todo mundo.” (Juliano Nunes)

5.5.6 A comunidade manda notícias

Sobre a possibilidade do telespectador enviar as informações na TV digital. Juliano comentou que isso vai contribuir para fazer um jornalismo mais efetivo e tende a modificar o jornalista.

“Agora você tem, o telespectador se torna uma fonte. Qualquer pessoa que está assistindo ali tem uma opinião.” “O consumidor vira um provedor de conteúdo ao mesmo tempo, um cara que pode ajudar a fazer o jornal da forma mais efetiva do que ele faz hoje. Porque, hoje, veja só, a gente não tem um grande centro de atendimento ao telespectador.” “(...) o jornalismo vai ter que se adaptar a digerir todo esse conteúdo que vai chegar. Com certeza vai chegar, quando o telespectador tiver a oportunidade de contribuir, principalmente ali ao vivo, ele vai contribuir!” (Juliano Nunes)

5.5.7 Credibilidade do programa

Na conversa com Debora Cunha, chefe de reportagem, ao ser questionada se a possibilidade de as pessoas incluírem informações dentro do telejornal na TV digital não coloca em xeque a veracidade desses dados e a credibilidade do programa, ela disse que não acredita que isso vai acontecer, pois o jornalismo tem como primícia colocar informações corretas no ar.

“Eu acho que isso na verdade vai ajudar a gente a fazer uma televisão que o telespectador quer ver! Você vai chegar num nível de satisfação do assessor que está do outro lado da tela, maior. Quanto à credibilidade não, porque a gente checa a informação. (...) o que na verdade vai acontecer é que o telespectador vai ter um canal para te cobrar. E aí você vai ter a interatividade e o telespectador participando do seu telejornal.” (Debora Cunha)

5.5.8 Multiprogramação

Ao ser indagado sobre as previsões da equipe de produção do Jornal da Band e esse processo de implementação da tecnologia digital, o coordenador de Tecnologia e Produção da Rede Bandeirantes, Eduardo Brandini, reforçou que a TV com alta qualidade de imagem e som é uma evolução na história da comunicação e que as questões de multiprogramação ainda estão sendo discutidas.

“Acho que a TV digital é a primeira coisa que já é uma inovação muito grande para o telespectador de massa. Pela primeira vez ele vai conseguir ter uma TV de qualidade, na sala dele. Sem um custo mensal, sem nada.” “Hoje a gente apenas está transmitindo em TV digital, o sinal em HD. Algumas experiências começam com as outras possibilidades que a TV digital nos permite.”

Multiprogramação ainda é um negócio que está com um imbróglio judicial, você pode fazer outras transmissões utilizando essa mesma frequência, mas o que pode vir a nos ajudar muito é a interatividade. Que é uma coisa nova na TV(...)” (Eduardo Brandini)

5.5.9 Interatividade

Eduardo Brandini ainda confirmou que, no momento, não há interatividade no telejornal, mas que tudo está sendo analisado, e esse é o próximo passo da empresa.

“Tudo isso vem sendo pensado, mas são várias etapas de um projeto de implementação da TV Digital. Nosso primeiro foco principal é colocar. Hoje, todos os telejornais já são transmitidos em HD, as matérias produzidas na rua ainda não. Mas, em breve, daqui a semanas, estarão todas em HD no ar. Já a parte de interatividade é um segundo passo. Porque aí depende de cada perfil de telejornal (...)” “Você pode ter, durante o Jornal da Band, por exemplo, navegação em menus de outras informações regionais, de exportação do dólar, de tempo, de clima, trânsito. Há um caminho a ser desbravado, mas pode ter certeza de que a gente está olhando com muito carinho para esse lado. Porque é um segundo passo, se o primeiro impacto da TV digital é a qualidade do vídeo que ela apresenta. A segunda, vai ser de você ser o dono do seu controle remoto e poder navegar em um conteúdo além do vídeo.” (Eduardo Brandini)

5.6 Coleta de dados

Devido a diversos fatores, infelizmente não foi possível realizar a coleta de dados com a equipe do Jornal da Record, na Rede Record de Televisão.

5.7 A junção da pesquisa e a prática

Como citado anteriormente, o Projeto Marint é um projeto piloto desenvolvido por pesquisadores e estudantes da Universidade Federal de Santa Catarina. Este autor entrou em contato, por e-mail, com Fernando Crocomo, que é jornalista, mestre em TV digital e produção interativa e foi o coordenador do projeto, com o intuito de obter mais informações sobre o desenvolvimento desse programa. Via *web*, enviou um roteiro de perguntas, e Crocomo respondeu esclarecendo algumas questões do projeto, opinando sobre o telejornalismo e o processo de implementação da TV digital no Brasil. Seguem alguns trechos do roteiro que merecem destaque. As respostas, na íntegra, podem ser encontradas nos apêndices deste trabalho.

5.7.1 Experiência de um projeto piloto

Nas perguntas sobre como foi a experiência de desenvolver o projeto com a comunidade e se os participantes tiveram dificuldade em executar as tarefas, Crocomo respondeu que foi uma ótima experiência e não houve problemas na execução.

“Foi a oportunidade de colocar em prática conhecimentos de uso de recursos de TV diretamente com a comunidade. Uma experiência muito rica. Ter noção clara dos recursos técnicos necessários e da linguagem a ser adotada foi fundamental.” “Não tive dificuldades de executar as tarefas com a participação dos estudantes. E creio que eles não tiveram também.” (Fernando Crocomo)

5.7.2 Novas possibilidades

Na questão sobre outros projetos que podem ser desenvolvidos na área de produção interativa, o pesquisador respondeu que há muitas possibilidades.

“Creio que o desafio maior é ter ferramentas – *softwares* – que facilitem a inserção de conteúdo interativo. Isso vai facilitar a vida dos produtores de conteúdo, que poderão

concretizar situações interativas que eles imaginam, mas nem sempre conseguem colocar em prática.” (Fernando Crocomo)

5.7.3 Opinião - telejornalismo na TVDI

Nas perguntas sobre as mudanças do telejornalismo e as possibilidades de interatividade na TV Digital, o pesquisador escreveu que haverá contato direto entre telespectador e emissora e que a função do jornalista será essencial no trabalho de checar as informações enviadas pela comunidade.

“O telejornalismo deverá utilizar de maneira mais comum essa nova possibilidade (o envio e recebimento de dados) para melhorar ainda mais o contato com o usuário/telespectador, associado ao já tradicional fluxo de som e imagens da TV como sempre foi conhecida.” “(...) vivemos um período em que temos o privilégio de acessar muitas informações, mas temos um enorme trabalho para conferir a credibilidade de tais informações. É aí que o trabalho do jornalista acaba sendo ainda mais fundamental. Quem pensa que a figura do jornalista fica reduzida diante da possibilidade de qualquer pessoa mandar e receber informações se engana. É ele que pode garantir a credibilidade do que vai ser divulgado.” (Fernando Crocomo)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer de todo este trabalho de coleta de dados, bibliografia, decretos, entrevistas e conversas com profissionais da área de comunicação e tecnologia, pôde-se notar que o Brasil já deu o primeiro passo, que foi a escolha do sistema japonês de televisão digital e o início das transmissões em diversas capitais do país. Segundo dados divulgados no site da Associação Brasileira de Rádio e Televisão (Abert), atualmente, 65% do território nacional já são atendidos pela tecnologia digital.

Muitas questões e debates, porém, ainda permeiam acerca da regulamentação, inclusão e democratização da TV digital brasileira. O primeiro exemplo disso é a questão da multiprogramação: a portaria 24/2009 do Ministério das Comunicações impede a multiprogramação nas emissoras privadas de televisão. Segundo o documento, publicado em março, a multiprogramação só é permitida em canais consignados a órgãos e entidades integrantes dos poderes da União. No caso, somente a TV Brasil, TV Senado, TV Câmara e TV Justiça podem ter programação em quatro bandas de canais. Outra questão, que ainda levanta polêmicas sobre o assunto, é o desenvolvimento do *middleware* (Ginga) que melhor se adapte às necessidades do país.

O sistema nipo-brasileiro disponibiliza tecnologia de ponta, possibilitando o desenvolvimento e a execução de diversas ferramentas interativas, além dos serviços que podem ser disponibilizados na TV digital e a qualidade de som e imagem em alta definição.

Além do Brasil e Japão, mais três países já adotaram o modelo nipo-brasileiro de televisão: Chile, Argentina e Peru. O governo também negocia com Cuba, Equador e Venezuela a fim de montar um sistema regional de TV digital ampliando ainda mais o mercado de aparelhos televisores. Até o presente momento, porém, o que se tem é a imagem e o som com alta qualidade dentro das emissoras de televisão. Na Rede Bandeirantes e na Rede Record, emissoras estudadas neste trabalho, grande parte da transmissão já está em HDTV. No caso dos telejornais, as imagens do estúdio em São Paulo já estão em alta definição, porém os vídeos e áudios capturados na rua ainda são transmitidos com a qualidade do sistema analógico.

Até o presente momento, as emissoras estão priorizando a qualidade da imagem dentro dos programas jornalísticos. As possibilidades de interação entre telespectador e emissora, de participação colaborativa, de seleção de conteúdo, de comunicação direta com os produtores

dos telejornais ainda estão sendo estudadas e pensadas pelas empresas de teledifusão, mas nada foi colocado no ar: esse processo de migração do analógico para o digital tende a passar por grandes barreiras tecnológicas não só por parte da transmissão dos sinais, mas também pela adesão da população à nova tecnologia, adquirindo conversores e novos aparelhos. Eventos esportivos como a Copa do Mundo e as Olimpíadas possibilitam o crescimento da venda de televisores no país. O aumento do número de televisores novos e conversores tende a impulsionar as emissoras de televisão a disponibilizarem aos telespectadores novos programas, novas ferramentas, novos serviços e novas formas de participação ativa dentro da grade de programação.

Se de fato todas as possibilidades estudadas e apontadas pelos pesquisadores forem colocadas em prática nos programas jornalísticos, está-se diante de um novo sistema de produção da informação. Os telejornais na TVDI tendem a ser cada vez mais colaborativos e democráticos, possibilitando ao telespectador criticar, dar sugestões e opiniões em relação aos assuntos apresentados nas reportagens, sem se falar nas possibilidades de participação incluindo informações complementares, sugerindo pautas e enviando vídeos e reportagens colaborativas para a emissora, contribuindo para a realização de um “jornalismo público”, feito para e pelo público.

No entanto, se todas essas possibilidades vão ser colocadas em prática, estarão disponíveis no ar a partir do momento em que todos os televisores do país tiverem o conversor – ainda não há como prever. Esta é uma questão que permeia os pesquisadores, profissionais da comunicação e o governo.

O país já tem a tecnologia e o número suficiente de profissionais capacitados para estudar e elaborar estratégias para a execução das ferramentas tecnológicas disponibilizadas na TV digital. Basta apenas saber utilizar o melhor da tecnologia evoluindo passo a passo, possibilitando ao telespectador adaptação às mudanças e participação efetiva dentro desse processo de convergência tecnológica.

Desde o dia 2 de dezembro de 2007, pode-se dizer que o país tem evoluído cada vez mais e está passando por um período de dúvidas e incertezas que deve ser visto por todos os profissionais das áreas de tecnologia e comunicação como um momento decisivo e regulatório para o futuro das telecomunicações.

Hoje, o conceito do que é televisão tende a acabar nos próximos anos com a incorporação da TV digital na vida cotidiana das pessoas. O modo de ver, de fazer e de pensar a televisão não é mais o mesmo desde o início das transmissões do sistema digital no Brasil.

Inevitavelmente, o jornalismo tende a se modificar ao longo desse processo. Não só a estrutura dos programas e as formas de produção da informação, mas também a postura do profissional no mercado de trabalho. A TV digital exige cada vez mais jornalistas capacitados para lidar com esse fluxo de informações que deve chegar do público receptor. É necessário que o jornalista selecione e organize esse conteúdo e, ainda, realize o trabalho de produção das reportagens. A estrutura de uma redação como existe hoje tende a se modificar, e a seleção da informação feita dentro das empresas tende a acabar devido à colaboração do telespectador dentro do telejornal. O regionalismo ganhará espaço e novos conhecimentos estarão em circulação com a participação do receptor na confecção da notícia. A função do vídeo repórter, que captura as imagens, produz o texto e edita todo esse material, também estará cada vez mais presente no jornalismo da era digital.

Todavia, para que todos esses projetos sejam colocados em prática, é necessário também que o telespectador tenha conhecimento mínimo do processo de implementação da TV digital e das mudanças impulsionadas por esse novo meio de comunicação. Essa foi uma das principais finalidades deste trabalho: a de contribuir para a evolução dos estudos sobre o telejornalismo na TV digital, fornecer respaldo para as emissoras de televisão e difundir o conhecimento e a informação a toda a comunidade. É também com esse intuito que se têm, cada vez, mais profissionais da comunicação estudando a TV digital e as possibilidades de interação nos programas jornalísticos. Pode-se citar, como exemplo, o projeto de mestrado em TV digital desenvolvido na Universidade Estadual Julio de Mesquita Filho (UNESP), *Campus* de Bauru, onde a TV digital é estudada através de diversas linhas de pesquisas. A academia procura apontar novos caminhos que podem ser seguidos pelas emissoras de televisão, e a população fica responsável por utilizar todas essas possibilidades contribuindo para a evolução da televisão brasileira. Com isso, ter-se-á, progressivamente, um jornalismo dinâmico e democrático difundido em uma televisão com qualidade dentro de todo o território brasileiro.

REFERÊNCIAS

ALVES, Kellyanne; CASTRO, Cosette. A construção de sentido e a interatividade no telejornalismo na TVDI. IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação. In: XXXII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2009. **Anais...** Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-0994-1.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2009.

ANGELUCI, Allan; CASTRO, Cosette. A *Praxis* na TV Digital. O despertar do hiperjornalista. IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação. In XXXII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2009. **Anais...** Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1593-1.pdf>>. Acesso em: 17 set. 2009.

ARBEX JUNIOR, José. **Showrnalismo a notícia como espetáculo**. São Paulo: Casa Branca, 2001.

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo. **Manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

BARBOSA Filho, André; CASTRO, Cosette. **Comunicação digital, educação, tecnologia e novos comportamentos**. São Paulo: Paulinas, 2008.

BECKER, Valdecir; MONTEZ, Carlos. **TV digital interativa: conceitos, desafio e perspectivas para o Brasil**. 2. ed. Florianópolis: UFSC, 2005.

BECKER, Beatriz; TEIXEIRA, Juliana. O telejornalismo na era digital. In: IV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, São Paulo, nov. de 2008. **Anais...** Disponível em: <<http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjor/arquivos/coordenada7beatrizbecker.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2009.

BECKER, Valdecir. A televisão interativa e a reformulação das teorias da usabilidade. 2006, Disponível em: <http://formato.com.br/projetos/IHC_2006/trabalhos/IHC2006_Workshop-Becker.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2009.

BONI, Fernanda Aiex. TV Digital: o aparelho e a representação do real na edição de imagens no telejornalismo brasileiro. GP Telejornalismo, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de

Pesquisas em Comunicação. IN: XXXII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2009. **Anais...** Disponível em:
<<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-3831-1.pdf>>. Acesso em: 17 set. 2009.

BRASIL, Antonio: **A revolução das imagens** – Uma nova proposta para o telejornalismo na era digital. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2005.

BRENNAND, Edna. **Televisão digital interativa: reflexões, sistemas e padrões..** São Paulo: Mackenzie/Vinhedo: Horizonte, 2007.

CARVALHO, Juliano Mauricio; FREITAS, Flaviana; IKEDA, Patrícia; SILVA, Marcus. TV Digital no Brasil: notas para um debate regulatório. NP Políticas e Estratégias da Comunicação, do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação. In: XXXI CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2008. **Anais...** Disponível em:
<<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0668-1.pdf>>. Acesso em: 12 maio 2009.

CASTRO, Cosette; FEITOSA, Deisy; VALENTE, Vânia. Interoperabilidade e Interatividade da TV digital na construção da Sociedade da Colaboração. GP Conteúdos Digitais e Convergências Tecnológicas, do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação. In: XXXII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2009. **Anais...** Disponível em:
<<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-2594-1.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2009.

COLOMBO, Furio. **Conhecer o jornalismo hoje, como se faz a informação.** Lisboa: Presença, 1998.

CIRNE, Livia; FERNANDES, Marcelo. Perspectivas da interatividade na telejornalismo da TV digital brasileira. In: LIVRO DA COMPOS, 2009 (org.). **Televisão digital:** desafios para a comunicação. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 84-107.

CROCOMO, Fernando. **TV digital e produção interativa.** Florianópolis: UFSC, 2007.

FERRAZ, Carlos. Análise e perspectivas da interatividade na TV digital. In: LIVRO DA COMPOS 2009 (org.). **Televisão digital:** desafios para a comunicação. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 15-65.

FERRÉS, Joan. **Televisão e educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

GOOGLE. Disponível em: <images.google.com.br>. Acesso em: 02 out. 2009.

LEMOS, André L.M. Anjos interativos e retribalização do mundo. Sobre interatividade e interfaces digitais, 1997. Disponível em:
<<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/lemos/interativo.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2009.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: SENAC, 2001.

MACHADO, Francisco (Kiko) Machado Filho. **TV digital**. Rio de Janeiro: Cofeu, 2006.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensão do homem**. 4.ed. Tradução: Décio Pignatario, 1964. São Paulo: Cultrix, 1995.

MÉDOLA, Ana Silvia; TEIXEIRA, Lauro Henrique de Paiva. Televisão digital interativa e desafios da usabilidade. 2007. Disponível em:
<<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/viewArticle/6872>>. Acesso em: 15 abr. 2009.

MOURA, Alex Pereira. **TV Digital: Convergência e Perspectiva**. 2006. Dissertação (Mestrado em Comunicação; Área de Concentração: Comunicação Midiática) – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, *Campus* de Bauru, 2006. Disponível em:
<<http://www.faac.unesp.br/posgraduacao/comunicacao/disserta.php#alex>>. Acesso em: 15 ago. 2009.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: neurose**. Tradução de Maura Ribeiro Sardinha). 1. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

PEREIRA JUNIOR, Alfredo Eurico Vizeu. **Telejornalismo**: da edição linear a digital, algumas perspectivas. GP Telejornalismo do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação. In: XXXII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2009. **Anais...** Disponível em:
<<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-2831-1.pdf>>. Acesso em: 17 set. 2009.

SAEZ, José Luis. **En el lugar del hecho** - El reportero de TV. Quito: Ciespal, 1986.

SANTOS, Adriana Cristina Omeda. A implantação da TV digital no Brasil: pseudoinclusão, ausências de interatividade e pouca aceitação pela sociedade. In: LIVRO DA COMPÓS 2009 (org.). **Televisão digital**: desafios para a comunicação. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 345-6.

TELLAROLI, Taís Marina. Software livre na TV digital brasileira. GP Mídia, Cultura e Tecnologias Digitais na América Latina/IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação. In: XXXII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1057-1.pdf>>. Acesso em: 17 set. 2009.

VILCHES, Lorenzo. **A migração digital**. São Paulo: Loyola, 2003.

WINCK, João Baptista. **Quem conta um conto aumenta um ponto, design do audiovisual interativo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

APÊNDICE A

Entrevista com Debora Cunha, Chefe de Reportagem do Jornal da Band – TV Bandeirantes, São Paulo

1. Com relação ao telejornalismo, quais são as mudanças que já foram feitas pela Band? O que vocês podem pensar aí, quando a TV Digital, de fato, tiver toda a abrangência no país? Um número de telespectador suficiente para estar colocando tudo no ar, em HDTV?

Resposta - Eu acho que o Jornalismo, ele já mudou a forma que a gente faz a captação. Quando eu cheguei aqui, há 10 anos, você ia para a rua com o cinegrafista, com o auxiliar, com o repórter e iluminador. Hoje a gente consegue botar uma matéria no ar, com uma pessoa. Se o cara tiver um notebook, uma câmera e um ponto de internet, faz a matéria e manda para a TV. E hoje já acontece de ele mandar isso com uma qualidade bacana. Se você mandar pela internet, você perde um pouco a definição de imagem. Mas, se você consegue colocá-la e gerar por satélite, por exemplo, você está em Nova York fazendo uma matéria, vai numa central de uma TV e gera esse satélite. Isso chega aqui num tempo muito curto e a gente consegue colocar no ar, num jornal que vai para o ar no mesmo dia. Então eu acho que a tecnologia, de uma forma geral, é muito positiva para a TV. Ela deixa a TV muito mais ágil. Vamos supor você comparando a TV com a rádio. A rádio tendo um gravador você coloca a pessoa no ar, a TV não. A TV você pode até ter o áudio, mas 90% da TV é imagem. As pessoas do outro lado querem assistir, querem ver o que está acontecendo. Querem ver o ataque, querem ver o incêndio, ou a enchente. Você tem aquela expectativa de enxergar como que a situação está do outro lado do mundo. Então a tecnologia, a internet, as câmeras de hoje já estão muito mais leves. Você não usa mais fita, você usa o memorycard que é parecido com o mamorycard de vídeo game. E as coisas estão mais fáceis, é algo que te deixa mais ágil. Você vai com a imagem no computador e bota no ar.

2. Esse processo tende a deixar a redação cada vez mais enxuta, pelo número de profissionais?

R.: Então, na verdade eu acho assim. A gente vai mudar a forma de trabalhar, mas sempre vai precisar de gente. Por mais que você tenha um profissional multifunção, que feche o texto, que edite no computador, que coloque a imagem e o som. Ele também vai precisar de um pouco mais de tempo para fazer isso. Antes um trabalho que era feito em duplas hoje é feito

só. Então uma pessoa que antes fazia três matérias, hoje, de repente, faz duas. Então na verdade eu acho que vai mudar o perfil do profissional e não que ele vai deixar de existir.

3. *Com relação à tecnologia da TV Digital, que vai estar disponibilizando o canal de retorno, onde o telespectador pode postar informação, através do hipertexto? Você acredita que esse feedback por parte do telespectador pode colocar em xeque a credibilidade do veículo, da emissora?*

R.: Eu acho que isso não. Eu acho que isso, na verdade, vai ajudar a gente a fazer uma televisão que o telespectador quer ver! Você vai chegar num nível de satisfação do assessor que está do outro lado da tela, maior. Quanto à credibilidade não, porque a gente checa a informação. A gente tem como primícia (*sic*) colocar coisas corretas no ar. Eu acho que a credibilidade não, o que na verdade vai acontecer é que o telespectador vai ter um canal para te cobrar. Falar olha, mas se é isso porque que você não me explicou, porque que você só deu essa notícia? Porque você não deu a seguinte? Porque que você só ouviu um lado, não ouviu o outro? E aí você vai ter a interatividade e o telespectador participando do seu telejornal.

4. *Então você acredita que o modo de se fazer jornalismo tende a se modificar cada vez mais?*

R.: Sim, a gente tende a fazer o que o telespectador quer assistir. Porque hoje você tem aí canais referidos para escolher os assuntos, e eu acho que o telespectador ele vai ser uma ponte ali para dizer. Olha, eu quero ver uma matéria sobre a crise de Honduras. Não agüento mais ouvir falar em Honduras, eu quero que vocês me digam como é que está o governo do Obama. Quero que vocês façam uma matéria sobre o Acre. Eu acho que é um canal para o telespectador criticar, elogiar e sugerir assuntos e matérias.

5. *Podemos dizer que, na era digital, estamos diante de um jornalismo mais colaborativo?*

R.: É, eu acho que mais dinâmico. Porque hoje o que acontece, você e a sua mãe que está lá em casa assistindo o Jornal ela só recebe. Ela recebe aquilo pronto, pode gostar e pode não gostar, isso se reflete no Ibope. Mas ela não tem um canal para falar comigo, que faço. A acessibilidade é difícil.

6. *No caso da estrutura dos telejornais, você acha que ela tenda a se modificar completamente com a TV Digital? Podemos ter um jornalismo mais interativo, com essas questões de interatividade, canal de retorno?*

R.: Eu acho que vai mudar. Acho que cada vez mais a gente tem que ser mais ágil, de dar o que está acontecendo naquele momento. Por quê? Porque você tem a rádio, você tem a internet, você tem o Twitter. Você tem outras ferramentas, então aquela forma de assistir o telejornal, que você ia para a escola e assistia o Jornal Nacional com as notícias do dia, já não vale mais. Porque você já viu as principais notícias do dia no seu trabalho, pela internet, você já recebeu um torpedo pelo celular. Você já teve essa informação. Então eu acho que a gente deveria fazer cada vez mais rápido e cada vez melhor. Porque também só o fato de noticiar já não vale a pena.

As pessoas já sabem que São Paulo foi inundado, elas querem saber: e agora? O que muda? E inundou porque o Kassab não renovou o contrato com das licitações? Ela já quer avançar. A hora que você vai assistir o telejornal, você já vai com esse pré-conceito. Você já tem as informações que recebeu ao longo do dia. Então a notícia, ela não é inédita.

7. Uma pergunta pessoal: você, como chefe de redação do Jornal da Band, como você acha que deve ser o profissional do futuro, o jornalista do futuro, que já vai estar na era da tecnologia digital?

R.: O jornalista, ele tem que entender de computador, ele tem que ser amigo das novas tecnologias. Interagir bem com isso, ter uma formação bacana. Porque a gente continua trabalhando com gente, continua contando histórias. Por mais tecnologias que a gente tenha, eu acho que o nosso furo é informação. Texto, uma boa formação, então a gente precisa disso. Não é porque tem tecnologia que você não precisa dominar a língua portuguesa ou falar um segundo idioma, ou ter cultura geral.

Você, na verdade, vai ter que continuar tendo isso, que é essencial para o jornalismo e sempre foi, e aprender a mexer nas novas tecnologias. Ser uma pessoa integrada com o computador, com o celular, câmeras digitais e com MP4, MP3, operar uma câmera. Ele tem que agregar a parte técnica com o conteúdo. E hoje, cada vez mais, você vai precisar disso, porque ,antes, o que a gente fazia? Tinha a parte do conteúdo que era do jornalista e a parte técnica que era do profissional de rádio e TV. Hoje não, hoje a tendência é convergir isso, em uma coisa só. Então a pessoa tem que saber operar e escrever.

8. Teremos então hiperjornalistas, jornalistas multifuncionais?

R.: É, eu acho que é isso. Não é hiperjornalista, é uma coisa de você. Antigamente, o seu chefe precisava de uma secretária e, hoje, com o e-mail, ele organiza a agenda dele com o Outlook. Eu acho que é você usar essa ferramenta e ter mais profissionais qualificados. É uma

mudança, eu acho que não é uma exclusão, acho que é uma mudança de conceito. São outras qualidades. Quando seu pai se formou, não era obrigatório falar inglês, hoje é. Então é isso, tipo antigamente, as mulheres não precisavam saber mexer com equipamentos eletrônicos. Hoje, a casa toda é com equipamentos eletrônicos; se você sabe usar, você também pode usufruir da tecnologia. Eu acho que é mais ou menos isso, acho que são coisas que vem para facilitar a nossa vida, para ajudar a gente e não para atrapalhar nem para excluir ninguém.

APÊNDICE B

Entrevista com Eduardo Brandini, Coordenador de Tecnologia e Produção da TV Bandeirantes, São Paulo.

1. Quais são as perspectivas da emissora com relação à implementação do sistema digital, o que pode ser pensado de inovação? Com relação às tecnologias, quais são as previsões da equipe de produção?

Resposta: Uma coisa que a TV digital ajuda muito no jornalismo é que assim. Algumas pessoas têm uma visão, principalmente em relação à classe média. Uma visão um pouco restrita, mas muitos lares no Brasil ainda recebem televisão por antena. E a maioria dos que recebem pelo ar, broadcasting, por radiodifusão. Recebem ainda no TV interno. Ou seja, aquele bombrilzinho em cima da televisão. Acho que a TV digital, a primeira coisa que já é uma inovação muito grande para o telespectador de massa. Pela primeira vez ele vai conseguir ter uma TV de qualidade na sala dele. Sem um custo mensal, sem nada. Apenas com o receptor da TV digital, graças à qualidade de transmissão que a TV digital permite. Isso a gente nem pensando na troca de televisor, por TV de LCD, de Plasma, que aí seria um segundo passo para o cara migrar para uma TV de alta definição. E aí, principalmente, dois fatores que vão favorecer a expansão da TV Digital no Brasil e até o aquecimento de vendas de novos televisores de LCD, FullHD, Plasma etc. etc. Sempre são Copa do Mundo e Olimpíadas, e ainda mais a gente tendo Copa do Mundo em 2014 aqui e agora Olimpíadas em 2016. Eu acho que 2016 vai ser um ponto assim, que a gente vai estar no auge da TV digital no Brasil. Pensando já nos centros e os municípios que até lá, vão ter TV digital.

Eu acredito que, até agora, já em 2010, vai ter um grande crescimento na venda de televisores que permitam a recepção da TV digital e a TV em alta definição. Mesma coisa para as Olimpíadas de 2012, já vai ser um grande boom. Mas a grande virada de jogo é 2014 e 2016. Mesmo porque os preços começam a cair e, mesmo em 2010, a gente acaba de sair desse período de crise e poderia ser muito maior. Não que não vai ser, mas em 2016, sim!

E aí, extrair tudo que essas novas ferramentas da TV digital venha nos proporcionar no futuro. Hoje, a gente apenas está transmitindo em TV digital, o sinal em HD. Algumas experiências começam com as outras possibilidades que a TV digital nos permite.

Multiprogramação ainda é um negócio que está com um imbróglio judicial, você pode fazer outras transmissões utilizando essa mesma frequência, mas o que pode vir a nos ajudar muito é a interatividade. Que é uma coisa nova na TV, é o que talvez pode. Muitos acreditavam que a TV ia perder para a internet, mas eu acho que é ao contrário. É onde aí, de vez, a internet vai se fundir na internet. Tanto que os novos aparelhos televisores que estão sendo lançados, todos, além da entrada de antena, entrada de HDMI, entrada de vídeo, atrás tem uma entrada de cabo de rede. Ou seja, a sua TV também está plugada agora e ai nos permite ter o que o telespectador nunca teve. Ou que teve de uma forma improvisada. A participação por celular, por telefone ou por sms. Mas, agora, ele vai ter um canal de retorno e o que vai ajudar muito, não só numa visão jornalística, mas numa visão da TV como um todo e o telespectador pode participar da programação. A TV poder comercializar alguns produtos e você ter, poder fazer venda direta, pelo controle remoto, de produtos, de merchandising direto ou não. Abre também outros canais, não só na área de conteúdo, mas comercial como televisão. Eu acho que também é uma novidade e é uma coisa que não existe um manual de instruções porque é novo. Alguns países, como os Estados Unidos e a Europa, estão avançados? Até estão, Japão também. Mas é muito novo, mesmo assim. Então, todo mundo ainda vai ter que aprender um caminho.

2. Você, como coordenador de tecnologia e produção, com esse aparato tecnológico que está me falando, o que você acha que já pode ser começado a pensar para a inovação? Principalmente no caso do telejornalismo, o Jornal da Band? O que a gente pode começar a pensar em modificar a partir de agora, ou do ano que vem, até 2017?

R.: Eu acho que a forma de você dar a notícia, eu acho que isso não vai mudar! O telespectador quer sempre, principalmente em televisão, ver a imagem do fato que você está mostrando. Isso, acho que não muda muito. O que muda são as “N” facilidades que agora o jornalismo tem para disponibilizar com melhor qualidade o mais rápido possível, esse conteúdo, essa imagem para o telespectador. Os equipamentos, todos estão numa plataforma digital, é muito mais fácil uma transmissão de dados. Por exemplo, a gente está em Honduras, você não consegue tirar sinal do satélite lá. A geração é feita via internet. Caiu o avião da Air France, a gente entrou ao vivo de Fernando de Noronha, via internet.

Hoje, se você imaginar conseguir levar um carro de transmissão, um uplink, uma UMJ (uma Unidade Móvel de Jornalismo) até Fernando de Noronha e conseguir fechar um *link* para entrar ao vivo... A gente com um *notebook* estava ao vivo de lá, transmitindo ao vivo via strip na internet. Outras tecnologias, também, a gente até desenvolveu aqui na Band, que é o nosso

famoso Band Repórter Celular. Via telefone celular 3G, a gente consegue transmitir áudio e telefone da rua. Ou seja, são novas tecnologias que não venham a substituir as atuais.

Um celular não vai substituir uma câmera, mas ele é uma ferramenta a mais que qualquer um pode fazer um flagrante. E a gente, quando fizer um flagrante, transmitir ele ao vivo. Um *notebook* não vai substituir um caminhão de transmissão, mesmo porque são qualidades distintas. Mas o que importa naquela hora é poder entrar mais rápido, ao vivo, para poder informar o telespectador da notícia que está ocorrendo, independente da plataforma com que esse sinal está chegando aqui. Então, o avanço não fica preso apenas à evolução da TV digital e, sim, que a evolução tecnológica do mundo ajudou o jornalismo a levar até você áudio e vídeo da maneira mais rápida e fácil possível.

3. *Os pesquisadores dizem que, com essa questão da TV digital, a idéia de deadline vai vir abaixo, principalmente por esta questão da informação ser instantânea. Você acredita que isso vai demandar a produção de vídeos mais interativos, mais chamativos, que prenda mais o telespectador a notícia?*

R.: Sim, com certeza você passa a levar para à casa do telespectador uma imagem de cinema. Então, matérias bem produzidas, logicamente. Você no sofá da sua casa, você só vai ver uma imagem bonita. Você para e chama atenção, tudo que é bonito numa TV vai chamar a atenção. Faz sucesso pelas, até os últimos filmes do Fernando Meirelles que explica teatro, aquilo é de encantar os olhos de cada um. Então, hoje, como está muito mais acessível e a qualidade muito maior de você produzir cineminha para o telespectador, logicamente vai nos ajudar.

Mas, em relação ao *deadline*, eu discordo um pouco. Porque, antes, você tinha um processo produtivo que era tão preso a questões técnicas operacionais, que você tinha que antecipar muito no seu telejornal porque, senão, você não tinha tempo de produzi-lo. Com ferramentas digitais, como essa que te falei, o editor-chefe consegue mudar minutos antes, segundos antes, uma informação. O jornal fica cada vez mais móvel e mais maleável, mais acessível para a troca. Ou seja, você acaba, pelas possibilidades técnicas que hoje é muito mais fácil de operar, conseguindo jogar seu *deadline* mais para a frente. Porque pode ser um perigo depois, você não conseguir, e isso ser um gargalo na hora do jornal. Mas, se você pensar que antes se tinha um processo produtivo com fita, linear, que dava muito mais trabalho, hoje, em dois, três cliques, você consegue alterar uma coisa e consegue colocar o material no ar. Logicamente que facilita o seu *deadline*. Mas, também, essas ferramentas... aí vem da natureza do próprio

jornalista de querer dar a melhor notícia mais atualizada. E essas ferramentas possibilitam isso e podem atrapalhar o processo e enforçar um pouco o *deadline*.

4. *Com relação à recepção, você acredita que o telespectador, atualmente, vai ter dificuldade para lidar com toda essa tecnologia digital? Para receber isso e decodificar todas essas informações em um tempo, digamos que curto?*

R.: Então, aí é uma questão muito cultural. Eu vejo a evolução da sociedade. Hoje, qualquer criança de 6 anos está no telefone, jogando vídeo game no computador, com a TV ligada e ouvindo Ipod, tudo ao mesmo tempo. É um hábito que ela já criou. Talvez uma pessoa de 60, 70 anos, aí eu me espelho no meu pai. Eu vejo que ele consegue ouvir o rádio, o jogo no radinho e assistir o outro pela televisão, mas não sei se. Aí é uma questão social mesmo, uma questão de hábito. Não sei se ele conseguiria fazer outras coisas ao mesmo tempo.

Da forma que tudo isso está convergindo, o computador cada vez mais na internet, a internet cada vez mais na TV, a TV cada vez mais relacionada à comunicação com outras pessoas... Não é só *broadcasting*, não é só você receber, é você também se interagir. É uma questão social. Eu acho que a barreira tecnológica a gente rompeu e vem crescendo; agora vem uma segunda, não digo barreira, mas vai ser uma evolução natural dessa garotadinha, que já está sendo formada, habituada a esse estilo de mídia, meio que já fazer tudo ao mesmo tempo.

5. *No caso dessas pessoas de que você falou que talvez tenham mais dificuldade, é necessário que vocês pensem nesses casos para inovar?*

R.: É muito gradativo. É muito gradativa a troca. Imagina: quando a gente não tinha TV, não foi da noite para o dia que as pessoas também se habituaram a ver TV e não vai ser da noite para o dia que as pessoas vão se habituar a fazer tudo isso. É gradual e é um processo até natural. Não é uma mudança, não é uma virada de chave. É um processo gradual que se dilui no tempo. Essas gerações vão desaparecer, vão surgir novas gerações. Essa geração, que hoje é uma garotada, vai ser uma geração economicamente ativa, vai ser a massa maior. A maior massa de audiência da TV e vão surgir outras tecnologias - que não sei quais - e só a garotadinha vai estar habituada, e assim por diante. É um processo que se dilui no tempo, eu não consigo te precisar como foi o impacto da troca da TV por rádio. Não houve troca da TV para o rádio, o pessoal achou que o rádio ia desaparecer quando a TV chegou e não desapareceu. Todo mundo achou que o jornal iria desaparecer quando a internet chegou, e não desapareceu. São outras formas de consumir mídia. E acho que isso está diluído ao longo do tempo.

6. *Essas outras formas de consumir mídia, a forma de inserção, tecnologia, todo esse aparato, você acredita que isso tudo está demandando, por parte da empresa, dos profissionais, pensar um novo modelo de negócios? Outra forma de ver televisão, de fazer televisão? Como vocês estão pensando isso?*

R.: Logicamente que o jeito de se fazer televisão, não existe uma fórmula. Mas quem faz televisão são pessoas, e essas pessoas têm que estar atenta com essa evolução tecnológica. É mesma coisa: há 10 anos, a gente nunca imaginava ter correspondentes ao redor do mundo, porque era inviável o custo de transmissão de qualquer matéria, de outro país para cá a não ser contratando satélite e etc. tal. Hoje é possível, via internet, em qualquer lugar do mundo, enviar o material. Então, o que seria a mudança dos formatos de televisão?

Eu conseguir colocar coisas que antes eu não conseguia, porque os custos vão ficando cada vez mais baratos e as pessoas também vão se habituando a ver o que antes não viam. Eu acho que o foco está nas pessoas e, justamente, quem faz jornalismo ou trabalha em televisão tem que estar muito atenta no mundo tecnológico e nessa evolução. Porque eles caminham lado a lado! É mesma coisa que você ser motorista e não saber a evolução do carro. É mesma coisa, o jornalista está dentro de uma empresa. Dá uma olhada ao seu redor e quantos computadores você vê, quantos monitores e quantos cabos. É mesma coisa que um cirurgião dentista não saber a evolução das brocas para tratar os dentes. Talvez não sendo um *expert*, logicamente que não, mas, porque isso passou a ser a sua carga de trabalho.

7. *Esse processo de migração digital, a gente percebe que, no Brasil, está sendo lento. Principalmente nos programas jornalísticos, as televisões estão pensando em inovar, mas tudo com cautela. Alguém, ou vocês temem o público às vezes não aceitar, ou não saber mexer, ou seria só uma questão de custo?*

R.: A Band teve uma opção: migrar toda a sua plataforma produtiva para HD. Hoje todos os Suiter, todos os estúdios da Band, em São Paulo, são em alta definição. Porque a gente acredita que esse, inclusive, é um diferencial. Esse é um impulso que vai dar, muito grande para a TV. Não sei se você já teve a experiência de ver uma transmissão em HD, é outra coisa. Uma vez que você vê uma transmissão, principalmente esportiva, eu digo principalmente esportiva porque é rica em detalhes e imagens etc. etc.

Mas, qualquer coisa. Até um simples *tack* é uma coisa que seu olho não estava acostumado a ver. Eu acho que é uma mudança até maior, do colorido para preto e branco, foi uma mudança. Mas, agora é uma imagem muito mais nítida do que tinha anteriormente. E mudam

até os padrões do que é bom e o que é ruim. Antes, aquela imagem para você era boa, mas teve uma que é melhor ainda.

Eu acho que esse é o diferencial que a Band apostou, trocar toda a nossa plataforma para alta definição, e todo telespectador, assim que ele compra uma TV de LCD ou que ele tem contato com uma transmissão de TV digital, ele não consegue mais enxergar a TV como era antigamente, é muito grande o ganho de qualidade. E aí isso vai se habituando, o vizinho vê que o vizinho comprou uma TV da LCD, a empregada vê e etc. etc. E é um ganho de qualidade, e a TV está no lar do brasileiro.

A forma mais democrática de se transmitir uma informação ainda é a TV. Por mais pobre que seja um lar, por mais humilde que seja uma pessoa, lá tem que ter uma TVzinha. Lá é a janela dela para o mundo, usando até um clichê.

8. *Você estava me falando que, em 3 meses, vocês pretendem que o Jornal da Band seja transmitido em HD. Há alguma previsão de, daqui 10 anos, nós vamos implantar a interatividade no Jornal da Band, possibilidade do canal de retorno, vídeo-on-demand?*

R.: Tudo isso vem sendo pensado, mas são várias etapas de um projeto de implementação da TV digital. Nosso primeiro foco, foco principal é colocar. Hoje todos os telejornais já são transmitidos em HD; as matérias produzidas na rua ainda não, mas em breve. Daqui há semanas, estarão todas em HD no ar.

Já a parte de interatividade é um segundo passo. Porque aí depende de cada perfil de telejornal, por exemplo, o Datena, que tem um outro perfil de telejornal. Ele faz muitas questões, enquetes com o público e daria para o público participar utilizando o canal de retorno etc. etc. Você pode ter, durante o Jornal da Band, por exemplo, navegação em menus de outras informações regionais, de exportação do dólar, de tempo, de clima, trânsito. Há um caminho a ser desbravado, mas, pode ter certeza, a gente está olhando com muito carinho para esse lado. Porque é um segundo passo: se o primeiro impacto da TV Digital é a qualidade do vídeo que ela apresenta, a segunda vai ser de você ser o dono do seu controle remoto e poder navegar em um conteúdo além do vídeo.

9. *Porque tudo isso tem que ser pensado passo a passo, não há uma possibilidade de se fazer, reformular um telejornal? Enfim, entrar de vez para a era digital em 2 ou 3 anos?*

R.: Primeiro, inclui custos. E segundo, é uma nova ferramenta que você ainda tem que aprender a mexer com a ferramenta, parte operacional e técnica. Terceiro, é uma nova

ferramenta que você tem que aprender como você vai apresentar este conteúdo. E outro, eu tenho. A audiência de hoje, o meu público de hoje está acostumado a ver TV do jeito que ela é. Se eu mudar da noite para o dia vai ser muito estranho. É a mesma coisa, a empresa, a indústria automobilística, conseguir desenvolver carros sem rodas, flutuantes. E da noite para o dia ela resolver mudar. É linda, tecnológica, é inovadora? É! Mas, será que as pessoas vão? Como é que vai ser o impacto das pessoas, da noite para o dia, terem um carro com rodas que ela andava todo o dia, e um carro flutuante?

É a mesma coisa na TV, vamos mudar a linguagem da TV! Da noite para o dia, não dá.

10. *Pegando esse gancho da audiência, quando de fato a TV entrar para a era digital, o telejornalismo já for totalmente interativo, com canal de retorno, vídeo-on-demand., como será que vai ser feito esse processo de captar o percentual de audiência, o percentual de aceitação que aquela matéria teve por parte do público?*

R.: Hoje, a audiência é medida por amostragem. O Ibope tem um Peoplemeter na casa das pessoas, espalhados de acordo com os dados do IBGE, distribuindo percentualmente igual para os usuários e etc. etc. Se você tiver como paralelo a internet, onde você sabe exatamente quantas matérias receberam, quantos cliques, quantas vezes aquela página foi acessada digitalmente, a TV poderá ter o mesmo tipo de retorno. Existem até tecnologias de sensores colocados em frente à tela da TV que não captariam somente que a TV estaria naquele momento sintonizada naquele canal, vendo aquele conteúdo e, sim, esse sensor conseguiria mostrar quantas pessoas, em frente à TV, estariam lá sentadas e assistindo aquele conteúdo.

E aí, com certeza. Igual hoje na internet, você tem empresas por trás para fazer esse tipo de medição, até para dar credibilidade aos números, você teria na TV. Eu acho que é um outro caminho que hoje eu acredito que não é o prioritário para a TV digital. Mas que teria muito mais consenso do que você ter. Igual hoje, qualquer *site*, você sabe quantas pessoas exatamente. Não é por amostragem, é um número real. Quantas clicaram em uma coisa, teriam exatamente quantas assistiram àqueles 30 segundos de comerciais que eu comprei.

11. *E a publicidade, vai ter que ser modificada? No caso, os publicitários vão pensar em uma publicidade mais interativa? Numa propaganda, por exemplo, de carro, em que o telespectador vai poder fazer um test drive pela televisão?*

R.: Tecnicamente não existe barreira alguma para isso. No futuro próximo, mas entra em outras questões sociais. Será que você está acostumado? E no meu comercial interativo, como

é que fica o comercial que vem a seguir? O cara não vai assistir porque ele entrou no menu de navegação anterior. É um imbróglio que até hoje ninguém ainda sabe responder.

12. *Basicamente, a televisão é sustentada pela publicidade. No caso de o telespectador poder selecionar o que ele quer assistir, deixando de lado talvez a propaganda, o que pode ser pensado para a publicidade ser incluída nessa programação interativa da TV digital?*

R.: Eu não vejo barreira tecnológica, vejo criatividade mesmo. Um grande exemplo é o sucesso da forma como a publicidade é colocada dentro do conteúdo. Com que o CQC, por exemplo, conseguiu inovar. A publicidade, o *merchandising* está tão incluso dentro do conteúdo que, mesmo quando os vídeos vão parar no Youtube, das matérias do CQC, lá que são incorporadas as publicidades. E aí, essa é uma outra resposta, que quem tiver a resposta certa é aquela famosa pergunta de 1 milhão de dólares. Quem tiver a resposta vai estar muito bem. E tem muita gente pensando como vai ser. Porque isso aqui é uma concessão pública, a renda vem de publicidade, é disso que vive o negócio.

APÊNDICE C

Entrevista com Fernando Mattar, Chefe de Redação do Jornal da Band – TV Bandeirantes, São Paulo.

1. *Com relação ao telejornalismo, o que vocês estão pensando em inovar? Quais são as tecnologias que podem ser aplicadas aos programas jornalísticos? Quando a gente já estiver um público suficiente para a TV digital, quais são as possibilidades?*

Resposta: A verdade é o seguinte. Com relação ao jornalismo da Band, a gente já está nesse processo há dois anos, desde que foi implantada toda a digitalização do sistema de produção de matérias jornalísticas. Isso já veio com visto a TV digital, evidentemente. O principal foco é qualidade, agilidade e qualidade. Quando você passou a ter, com a digitalização, aquele processo. Toda a forma de produção ficou mais ágil, mais rápida e você passou a ter mais qualidade no ar. E a partir de agora, com o próximo sistema de servidor que vai ser instalado. Já está instalado, mas vai ser implantado muito em breve. Vai ser possível exibir, além do que é exibido aqui no estúdio, que já é em HD. Vai ser possível exibir também todas as matérias em HD, em alta definição. Então, no jornalismo da Band, o digital é sinônimo de mais qualidade. Mais agilidade e mais qualidade e isso já vem sendo implantado há um bom tempo. Não é o que está sendo pensado para se implantar, já está na prática.

2. *Funções interativas, canal de retorno, vídeo-on-demand?*

R.: Isso, no momento, está sendo feito pelo portal da Band. *Video-on-demand* é portal, você entra lá e pode ver todas as matérias que são disponibilizadas lá, na hora que você quiser. Isso não sou eu que cuido. Me refiro à exibição do jornal que é televisão, não é web. Interatividade por enquanto não existe na prática, existe uma série de possibilidades.

Num telejornal, convencional como se faz hoje em dia, a interatividade mais clara que eu vejo é algo que já se faz hoje em dia. Que é a troca de experiências, de sugestões, de opiniões com o telespectador. Você pedir ali a matéria que você gostaria de ver, a pauta que você acha que está faltando ou o que você acha desse assunto. Entre, de sua opinião. Essa é a interatividade que me parece mais viável para o jornalismo e que já está sendo feita na prática. As outras possibilidades de interatividade da TV Digital, via Ginga, num primeiro momento elas se aplicam muito mais no entretenimento, na área de esportes do que no jornalismo.

Claro que vão surgir novas idéias, novos formatos e a gente vai se adaptar. Mas no momento, eu particularmente, talvez até aqui dentro, outras pessoas vejam. Eu por enquanto não vejo outras formas de interatividade via ginga, com o telejornalismo.

O que pode ser possível é acréscimo de informações, não é interatividade. De certa forma sim, é considerado interatividade também. Mas o telespectador poder acionar uma tecla do controle remoto durante determinada matéria, onde ele vai ver mais informações sobre o assunto que não cabem lá. Abrir aí uma tela para ele e vai ver uma lista completa, um índice. Sei lá, ele vai ver uma matéria sobre o IDH do Brasil que está estacionado desde as últimas medições, enfim. Que é o Índice de Desenvolvimento Humano da ONU, pode acionar uma tecla e abrir o índice completo com o ranking de todos os IDH dos países, do primeiro até o 183. Coisa que não cabe na matéria. Então isso sim, acrescentar mais informações.

3. No caso das informações extras, existe uma possibilidade também, de acordo com os estudos, de a comunidade mandar notícia. O telespectador às vezes está na rua, vê um acidente, algo de grande relevância, grava no celular, manda para a emissora. Ou, em um caso de grande relevância, a pessoa que está mais próxima postar informações em tempo real?

R.: Mas isso já existe na prática e não depende dessa interatividade da TV digital. Isso é visto mais via internet. Quer dizer, a pessoa tem aí um material, uma imagem interessante. A gente já usou isso em várias circunstâncias, nos deslizamentos de Santa Catarina. Na explosão, aquela explosão recente da loja de fogos de artifício em Santo André. Isso a gente usa com muita frequência. A pessoa tem uma imagem, ou posta no próprio Youtube e a gente puxa daqui ou manda para cá, ou posta no site e a gente puxa esse material e usa no telejornal. Isso existe aí já na prática, isso não depende dessa interatividade. Não sei se isso, mas isso não é essa interatividade que a gente está discutindo aí via controle remoto e via Ginga. Talvez, num futuro próximo a pessoa consiga fazer uma imagem por celular e jogar via controle remoto diretamente para cá. Mas por enquanto não existe essa tecnologia.

4. No caso da tecnologia via Ginga, de a pessoa poder ter acesso a informações extras, adicionar, completando informações a partir do hipertexto, você acredita que isso talvez mudasse a postura do jornalista, o modo de se fazer jornalismo? Justamente pela credibilidade, às vezes uma pessoa qualquer vai lá e posta uma informação.

R.: Sem dúvida que mudaria, não sei se necessariamente pela credibilidade, mas isso também é uma questão a se discutir. Mas o que mudaria e já está mudando, é a forma de agir e de

pensar no jornalismo de televisão. Porque não existe mais, como existia no passado, o jornalista de televisão. Que é aquele cara que vai estar mais preocupado com o conteúdo. Não, a cada dia que passa, cada vez mais e aqui nessa redação já existe isso na prática. O jornalista já tem que ser um profissional completo. Que possa ser responsável desde a captação da imagem até a edição final e até o material que vai para o ar. Evidentemente, cada vez mais, ele vai ser responsável pela postagem desse material. Postagem é um termo estranho, mas é isso. Postar essas informações e esse material via hipertexto ou no portal ou da forma que for. Isso cada vez mais está se fechando um cerco que vai ser feito por uma pessoa só.

É o *one man throe* que é em síntese aquela história do vídeo repórter e editor. Mas que agora também está puxando para si a responsabilidade de gerar conteúdo para a rede, para a internet. Porque no fundo isso tudo é a interatividade muito mais do telespectador com a emissora, é a interatividade de mídias. É a interatividade da televisão com a internet, a internet junto com a TV.

5. Você acredita que, com essa história de o jornalista ser vídeo repórter, editor... isso vai dar uma enxugada na redação que se tem hoje?

R. Não, eu acho que não. Eu acho que a idéia é você ter profissionais mais completos. Mas, a partir do momento que você também tem que gerar mais conteúdo, você não vai poder reduzir o número. Não tem como reduzir, porque a demanda por conteúdo aumenta. Então assim, ok. O profissional vai ter que ser mais completo, ser mais responsável por mais “funções”. Mas não são funções que já existem.

Não é que ele vai assumir funções que já existem. Ele vai assumir responsabilidades por informações e por demandas que não existiam no passado. Em função desse próprio profissional. Não é dizer que vai reduzir a equipe, é mantendo a equipe. Mas, com profissionais mais completos. É assim que eu vejo, é essa a idéia que eu tenho.

6. Qual é o próximo passo para o telejornalismo inovar de acordo com a tecnologia digital?

R.: O próximo passo aqui na Band é muito claro. A gente está em alta definição, todos os estúdios do jornalismo já transmitem as imagens para os telespectadores em alta definição. Quem tem em casa, a TV Digital, um decodificador ou que seja TV a cabo, enfim, que tenha acesso a TV Digital. Já pode assistir o Jornal da Band e sempre que aparecer lá para ele o Boechat, o Joelmir, a Ticiania. Sempre que aparecer uma imagem do estúdio para ele que estiver lá no canal em HD, ele vai ter essa imagem em alta definição. A hora que entra uma reportagem, matéria, seja de São Paulo, esta imagem não está em alta definição.

Então, o nosso próximo passo, nesse sentido, é muito claro. Assim que tiver funcionando com o servidor, que é uma coisa muito próxima. Já está instalado, agora é uma questão de adaptação de detalhes e treinamentos e tudo o mais. Mais tarde no início do ano que vem o telespectador já vai poder ver também as matérias que já são captadas por câmeras que fazem em HD, que podem captar em HD e não estão sendo. Esse recurso não está sendo captado ainda porque a execução ainda não é. Então esse é o próximo passo, cada vez mais conteúdo, mais produção em alta definição.

7. Agora, uma opinião pessoal: como você acha que vai ficar a rotina do jornalista, com essa tecnologia da TV digital, da notícia em tempo real? A televisão praticamente vai virar uma internet pela instantaneidade? Como vai ser isso? Suas perspectivas, no caso.

R.: Eu acho que na verdade não é impossível fazer qualquer tipo de previsão no mundo digital porque as coisas acontecem muito rápidas, as novidades vão surgindo de forma muito rápida. O que eu vejo é que hoje em dia a rotina de um jornalista, ela já é essa loucura que você está colocando. Você já tem que estar plugado e ligado, evidente que não 24 horas. Mas, o tempo que você está acordado, você tem que estar ligado em uma notícia, você tem que estar ligado em todos os. Cada vez mais você tem celulares que acessam a web, você tem o Twitter, você tem o *facebook*, você tem todas as possibilidades de informação que não são só via uma empresa de comunicação. Como é via de comunicação da rede mesmo, então as pessoas já estão plugadas nisso. E daí que surgem muitas pautas, muitas novidades, muitas informações e às vezes antes de entrar em um site convencional de jornalismo, em um portal de informação, muitas vezes a informação já chegou de outra forma. Quer dizer, via digital.

Isso não é uma coisa para o futuro, isso já é o presente, já é realidade. Isso já tem que estar ligado às emissoras. Não tem muito espaço. Cada vez menos, eu vejo, é o espaço, pelo menos nessa mídia, é o jornalista que não entende ou não gosta ou tem preconceito com tecnologia. Isso fica cada vez mais difícil, não só em televisão, em todas as mídias. O jornalista hoje em dia, ele tem que ter domínio, o mínimo que seja. Mas, quanto maior for este domínio melhor, por uma tecnologia. Todos esses equipamentos básicos que se usam através de uma câmera, um celular. Passando por esses *netbook* que cada vez mais vão substituir os *laptops* convencionais. Enfim, tem que ter essa habilidade. Tem que mergulhar nesse mundo porque se não vai ficar difícil.

8. Então o jornalista do futuro, no caso, o da era digital, tem que ser um hiperjornalista? Ligado, conectado a todas as mídias e multifuncional?

R.: Eu concordo quase plenamente com essa frase, só trocaria o futuro pelo presente. Esse não é o jornalista do futuro, é o jornalista do presente. Ele já tem que ter isso. Não adianta achar que esse é o jornalista do futuro, esse é o jornalista do presente. Você está aqui, você está vendo, está conhecendo aqui, está vendo como se trabalha aqui dentro então já é isso.

Não é uma coisa para se pensar para daqui há dois, três anos. É para hoje! Mas é claro, se você pensar no jornalista do futuro, é isso cada vez mais. A tendência é que isso seja cada vez mais. Enfim, a gente não sabe o que vem por aí em termos de tecnologia. Enfim, só ideias. Eu vou estar conversando com vocês e vendo aqui as informações no meu relógio ou no meu óculos, vai estar aqui passando. Então você não sabe o que vem para facilitar o acesso à informação. Mas em tese o que eu vejo é isso. O cara tem que estar ligado, o hiperjornalista mesmo, é uma boa colocação.

9. Em tese, no momento não dá para se projetar, para se pensar um jornalismo mais interativo do que já existe atualmente? Isso foi o que você me falou no começo da entrevista...

R.: Eu imagino que da para se pensar em cada vez mais interativo, principalmente nesse sentido de troca. De troca não, de produção de conteúdo de fora para cá, isso eu acho que vai aumentar, vai crescer. Mas, não vejo muito essa interatividade no sentido. Enfim, porque quando se fala em interatividade em vídeo, se fala muito em aspectos comerciais, possibilidades de negócios, de compra de material e isso tudo eu acho que está um pouco desconectado do jornalismo.

O cara acessar e ver uma imagem ali ele já vai para a loja virtual para já comprar o DVD ou a camisa do clube ou uma coisa. Isso tudo está um pouco fora do jornalismo. Eu não sei, isso também pode mudar totalmente e aí eu estar equivocado.

10. Pode haver uma mudança estrutural no modelo do telejornalismo?

R.: Pode, e isso eu acho que já está acontecendo. Isso eu não tenho a menor dúvida. Essa mudança está acontecendo e vai aumentar, mas não necessariamente por essa suposta interatividade via TV digital. Mas principalmente por conta da forma de se assistir televisão, cada vez mais via celular, via internet. O que eu vejo que muda mais na relação telespectador e televisão, e aí também em função da TV digital, é muito mais a portabilidade do que a interatividade.

APÊNDICE D

Entrevista com Juliano Nunes, Editor de texto do Jornal da Band – TV Bandeirantes, São Paulo.

1. *Quais são as perspectivas da emissora a respeito da implantação do sistema de TV Digital?*

Resposta: A Band já entrou no sistema digital. A gente transmite o sinal digital desde o dia primeiro de novembro, se não me engano, do ano passado. Desde a inauguração a gente já transmite. E o que a gente tem são vários projetos para receber e aproveitar tudo que a TV digital tem para oferecer. Não só da qualidade de imagem e som, muitos dos nossos programas já são transmitidos em alta definição. Mas, aproveitar também esta parte do retorno, em que o telespectador pode trazer pra gente, algo que a gente usa hoje, o básico. Por telefone, se você concorda com isso ligue para o número tal. Algo que a gente vai poder usar é pelo controle remoto, você concorda com isso?

E fazer TV *on-demand*, para você ter ali um menu a sua escolha e falar agora, neste momento eu quero assistir tal programa. Isso são projetos que já estão em andamento. E isso é muito importante para a gente porque ter um retorno imediato de uma coisa é outra coisa que por telefone. Todo dia, acaba o jornal e o telefone toca, o telespectador tem dúvida, crítica, sugestão. E para; ouve todo mundo, explica todo mundo. E às vezes a pessoa não sabe como é que funciona o processo de produção de notícia na redação ou o próprio processo de produção de televisão. Explica, ouve, debate, aceita sugestão, muda o nosso comportamento muitas vezes, tanto por telefone quanto por e-mail. E vai ser muito interessante para a gente, ter esse retorno imediato. Ter uma matéria no ar e o cara poder falar o que ele está achando. Se ele gosta daquilo, se ele concorda. Digamos assim se for uma matéria de saúde, o cara, por acaso é um médico ou especialista naquela área de saúde. O cara, muitas vezes, porque acontece mesmo, às vezes não é nem um erro, é uma divergência de opinião, principalmente nesta questão médica. Você colocar na matéria sobre diabetes, você falar tal coisa, tal coisa e tal coisa. E o cara ali, pela experiência dele, acha que está equivocado. Que ta diferente, o cara pode dar esse *feedback* para gente, ali ao vivo, na hora. Para a gente já poder arrumar no dia seguinte.

2. Há alguma previsão de quando esse canal de retorno, esse feedback por parte do telespectador vai começar a, de fato, entrar no ar, a funcionar?

R.: Para isso, faltam alguns anos. Não só para a Band, os próprios aparelhos não estão funcionando dessa forma. Você compra o seu *set-top-box*, você coloca ele lá, transmitindo em HD. Mas, ele não está dando esta possibilidade ainda. A gente está trabalhando para entrar nisso, a partir do momento em que se popularizar a tecnologia e quando ela tiver acessível para todo mundo. A gente já vai entrar e já vai estar pronto e a gente vai entrar de cabeça.

3. Com relação às inovações, no momento, está sendo feita alguma coisa? Ou, por enquanto, só esquelizado, esquematizado, pensado para um futuro?

R.: No momento são projetos. No jornalismo o que a gente tem até agora é esta questão do *on-demand* nos projetos e esta questão do *feedback*. Esta questão do *on-demand* é coisa que você até já tem, nos serviços de TV Digital por assinatura, não no sistema brasileiro que é gratuito. Que é você poder dar pausa no programa ao vivo e ele sai gravando, aí você assiste a hora que você quer, é uma coisa similar. Você vai poder ter um programa jornalístico *on-demand*. Eu quero assistir uma notícia sobre tal, agora eu quero, gostei dessa. Esqueci, ter que voltar. Isso tudo são projetos para o jornalismo e tem todo outro negócio da emissora. A emissora tem um grupo imenso de mil coisas que ele vai ter um canal de filmes, um canal de esportes, tudo *on-demand*. No jornalismo, o que a gente tem que usar é isso.

4. Você acredita que todo esse processo de migração, convergência tecnológica, essas funções, quando forem disponibilizadas, isso vai demandar uma reformulação total da estrutura do programa? Ou vocês pensam em incluir essas mudanças no que já está devidamente montado?

R.: O ideal é a gente fazer uma adaptação gradual. É bem capaz que no fim disso tudo, a gente tenha algo completamente diferente do que a gente tinha quando a gente começou. Mas, nunca uma virada brusca. Isso faz confundir o editor, o telespectador, o apresentador. Vai ser uma virada gradual e adaptando. Outra coisa que a gente já faz, a própria fórmula que funciona do telejornal. Tem gente que diz que tem todo esse formato quadrado, mas não é! A gente que trabalha na redação sabe que não é nada quadrado, tudo adaptável, feito na hora. O processo de interatividade vai mudando de uma hora para a outra, de um dia para o outro, de uma para a outra, de um sábado para o outro. E essa história de você poder produzir conteúdo, que não é como é agora. O jornal vai entrar no ar tal horário, se você quiser fazer conexão tem que estar pronto naquele horário. Você poder, tiver a possibilidade de produzir conteúdo, que

vai estar lá para o cara, não exatamente as 7h20 da noite, que é a hora que entra o Jornal da Band. O cara não vê, ele não viu. Vai ter que esperar mais tarde, ver pela internet, lá os vídeos são colocados. Mas algo que o cara não vai precisar sair dali, ele vai ter um aparelhinho e o controle remoto dele e vai falar eu quero assistir essa matéria agora. Para isso eu gostaria que a gente tivesse, por exemplo, um núcleo de produção de reportagens especiais, *on-demand*. Então essa oportunidade que a gente vai ter de falar, olha você não tem sete horas para produzir a sua matéria de hoje. Você tem tantos dias, tantas semanas. Tem tempo para produzir algo especial, produzir documentários, séries de matérias que o cara vai poder assistir a hora que ele quiser.

Essa possibilidade, eu acho fabulosa, para o jornalista. Pois acaba um pouco com o stress do *deadline* e dá a oportunidade para a gente trabalhar, pensar. Tem uma idéia, concretizar, conversar com uma videografia, com um repórter. Arredondar uma idéia e entregar um produto. Falar, olha eu pensei durante um mês, isso aqui que eu estou te entregando. Olha só como é que ficou.

5. *Então, você acredita que esse processo vai demandar uma mudança também no processo de produção das reportagens?*

R.: Com certeza. E mesmo pelo fato de você ter mais tempo para fazer a sua matéria. O simples fato de você ter som em alta definição em seis canais e a imagem em alta definição é outra história. Você pode mostrar imagens que você não conseguia mostrar que não tinha alta definição. Um *tack* só, em alta definição, você consegue mostrar várias coisas. Com seis canais de áudio você consegue captar sons, na própria transmissão de um jogo de futebol, ou na cobertura de algum evento. Você consegue captar diversos áudios e aproveitá-los como você achar melhor. No decorrer das coisas são, extrai esse, esse aqui mais baixo, esse aqui mais alto. Aquela imagem em que o próprio cinegrafista vai ter um trabalho muito mais valorizado do que ele tem hoje. Para isso, ele vai ter que fazer um trabalho muito melhor do que ele faz hoje, o equipamento muito melhor vai conseguir realmente mostrar em alta definição e pegar bem aquele detalhezinho. Você pega as câmeras que são ótimas câmeras para os padrões de televisão. O cara pega aquele detalhezinho.

6. *A função do jornalista nesse caso, pode se modifica, tornando-o um profissional multifuncional que, às vezes, pode editar, filtrar o que a comunidade manda, a população manda? Às vezes a população manda um vídeo, uma informação extra, nova, que pode ser acrescentada. Você acredita que isso vai demandar uma mudança do profissional?*

R.: Sem dúvida! Porque o jornalista tem a fonte dele, a cabeça dele, que é mais outra fonte e a capacidade de duvidar, de perguntar. De ter dúvida, de duvidar das coisas. Agora você tem, o telespectador se torna uma fonte. Qualquer pessoa que está assistindo ali tem uma opinião. Não necessariamente uma fonte jornalística, mas um provedor de conteúdos. O consumir vira um provedor de conteúdo ao mesmo tempo. Um cara que pode ajudar a fazer o jornal da forma mais efetiva do que ele faz hoje. Porque hoje, veja só, a gente não tem um grande centro de atendimento ao telespectador. É interessante, porque vamos falar só sobre a matéria do ENEM e liga um cara aqui para falar sobre a matéria do ENEM. Ele não vai querer falar com o Alfredo, porque o Alfredo fez uma matéria sobre outra coisa hoje. Ele vai querer falar comigo, porque foi eu que fiz a matéria do ENEM. Ele vai perguntar: olha, como é que vai funcionar? Eu ia prestar o vestibular tal, não sei. Eu queria saber se o ENEM está com data? Não entendi aquela parte que falou na matéria. E eu vou explicar para ele.

A partir dessa mudança, o jornalismo vai ter que se adaptar a digerir todo esse conteúdo que vai chegar. Com certeza vai chegar, quando o telespectador tiver a oportunidade de contribuir, principalmente ali ao vivo, ele vai contribuir! Para o consumidor, se é do interesse dele consumir aquela informação, ele vai querer consumir. Vai acabar se tornando função do jornalista filtrar esse conteúdo, para o bem ou para o mal.

7. No caso desse processo, de filtrar o conteúdo e do telespectador poder ativamente, mandar dados, enfim mandar vídeos, você acredita que isso pode colocar em xeque a credibilidade, a veracidade da informação, talvez tornando a televisão como a internet, um veículo que não tenha total confiança por parte do receptor?

R. Sim, aí é que você vai ver a função do jornalista mais importante do que nunca. O jornalista clássico que tem as fontes dele, tem o critério de saber pesquisar, saber checar se isso aqui foi isso mesmo e ligar para tal pessoa. Com o crescimento do número de fontes produtoras de informação, que vão chegar para você, sem você ir até ele perguntar. O jornalismo terá um desafio muito maior, de fazer esse filtro. Então, é naturalmente algo que possa se tornar algo com pouca credibilidade. Mas, eu pessoalmente confio na função do jornalista. Na capacidade do jornalista de não cair em pegadinha de gente que vai ligar falando que está errado. Dizendo um monte de palavra bonita, que é isso, que é aquilo. Lembra do caso da cratera do metrô, que a Globo botou um José ninguém, ao vivo no estúdio, para falar sobre a engenharia. A obra, e falou que aquilo era assim, que deveria ter sido feito assim. Usou termos técnicos e no dia seguinte descobriram que o cara era um faxineiro. Era um doido, um maluco que sabia meio dúzia de termos técnicos, sabia uma palavrinha

ou outra. Ligou lá e falou, olha eu sou engenheiro, vocês estão falando besteira. Eu me ofereço para ir até aí, para discorrer a respeito desse assunto de uma forma mais correta. Botaram o cara lá, no dia seguinte foram ver, ligaram no CREA lá. Vocês conhecem? Não, não conhecemos. Ligaram na prefeitura, o cara era Garri, era um negócio desses.

Então não é algo que a TV Digital vai mudar, é algo que vai ser adaptado. A função do jornalismo vai se tornar mais importante do que já é. Muitas vezes isso acontece, todos os dias, principalmente na internet. Quando você navega em site, você vê muita coisa, uma informação que é diferente da outra e vai ver nenhuma das duas era verdade. Porque qualquer orelhada vira apuração, não tem a confirmação, não tem fonte confiável. Aquele cara que fala, isso aqui faz sentido. Deve ser verdade. Deixa eu passar para aquele outro cara ali.

8. *Eu queria saber agora de você se tem previsão de como vai ser esse processo de mudança? Se você tem uma previsão de como vai esse processo - lento, difícil - para a adaptação do jornalista, da empresa com relação a essa tecnologia? E o que você espera de toda essa inovação tecnológica, como editor e como jornalista?*

R.: O que eu posso te dar é só uma opinião. Um processo fácil, não vai ser. Sempre é difícil!. O jornalista por definição, ele é dinossauro, ele é metódico, ele gosta das coisas do jeito que ele sabe fazer. Aparece uma mudança tem aquela resistência, o cara não quer. Ele é *chato*, todo o jornalista é cabeça dura. Não quer mudar, não quer mudar, não quer mudar. Mas, o tempo vai passando e as pessoas vão cedendo, vão se adaptando e no fim percebe que foi para melhor. Não vai ser um processo fácil, vai ser muito difícil! Vai desafiar a gente de forma que a gente nem imagina, com certeza. Mas, eu tenho certeza que vai ser sempre para melhor.

9. *Você acredita que todas essas funções propostas pela TV digital - a interatividade, mobilidade, canal de retorno, portabilidade -, com tudo isso, vocês vão poder fazer um programa jornalístico, no caso o Jornal da Band, que seja adequado, que esteja dentro de todo esse aparato tecnológico?*

R.: Eu acho que nós conseguimos! Minha opinião novamente, eu acho que nós somos perfeitamente capazes de utilizar todos essas facilidades, tudo isso que a TV Digital vai proporcionar. Para melhorar tanto o nosso trabalho, como a quantidade de informação que a gente disponibiliza como a forma como a gente vai tornar milhões de telespectadores utilizar essa interatividade. Eu acho que a gente é perfeitamente capaz disso. E acho que vai ser a mudança, que é difícil imaginar como vai ser. Sonha aqui, pensa ali, acho que vai ser legal para caramba, vai ser assim e assado. Acaba sempre sendo diferente. Mas, o que passa na

minha cabeça é que vai ser algo muito bom, algo muito doido, algo completamente diferente do que a gente faz hoje.

10. *Sobre um modelo de negócios que se adapte melhor à empresa, à , que seja mais viável ao momento, mais acessível ao público, já está sendo pensado? A emissora basicamente sobrevive pela publicidade e se existe um modelo de negócios que se adapte isso, visando que, talvez, essa possibilidade do telespectador selecionar o conteúdo, talvez ele deixasse de lado a publicidade?*

R.: Não sei, talvez eu já estou indo além da minha alçada aqui. Eu imagino que haveria também uma adaptação. Seria, por exemplo, uma publicidade direcionada. Porque você vai fazer um conteúdo *on-demand*, como já acontece hoje. Só que hoje não tem o *on-demand*, você aperta o botão, liga a TV e vai assistir aquilo que está sendo transmitido. Se você vai fazer programas de esporte *on-demand* você vai colocar isso e marcas de esporte, da Penalti, da Nike. Se você vai fazer *on-demand* de programas rurais, você vai fazer propagandas de coisas relacionadas aquilo. Mas isso são impressões minhas, daqui para frente já estou falando meio fora da minha área.

APÊNDICE E

Entrevista com o Dr. Fernando Crocomo, por e-mail.

1. Como foi a experiência de auxiliar na produção do Projeto Marint?

R.: Foi a oportunidade de colocar em prática conhecimentos de uso de recursos de TV diretamente com a comunidade. Uma experiência muito rica. Ter noção clara dos recursos técnicos necessários e da linguagem a ser adotada foi fundamental.

2. A comunidade teve dificuldade para execução das tarefas?

R.: Não tive dificuldades de executar as tarefas com a participação dos estudantes. E creio que eles não tiveram também. O que é preciso é ter método. Eles são muito entusiasmados com a idéia de produzir vídeos. É preciso garantir os equipamentos e demais condições para não frustrar as expectativas.

3. Essa produção interativa demandou muito trabalho dos participantes e muito custo para realização das tarefas?

R.: Demandou muito trabalho e dedicação dos estudantes. O custo não foi alto porque usei uma câmera própria de vídeo e obtive o apoio das secretarias de educação do município de Florianópolis e do Estado de Santa Catarina. Mesmo assim os equipamentos necessários não são de custo elevado.

4. No projeto, os vídeos foram enviados pela Internet para a emissora. A TV digital possivelmente vai facilitar esse fluxo de informações e dados entre receptor e emissora. Como pesquisador, como você imagina que será esse processo?

R.: Creio que sim. Modelos de *set-top-box* mais avançados deverão permitir a importação de arquivos e, com canal de retorno, o envio de vídeos e outros dados.

5. Há outros projetos experimentais a serem desenvolvidos na área de produção interativa, Quais?

R.: Creio que o desafio maior é ter ferramentas – *softwares* – que facilitem a inserção de conteúdo interativo. Isso vai facilitar a vida dos produtores de conteúdo, que poderão concretizar situações interativas que eles imaginam, mas nem sempre conseguem colocar em

prática.

6. *Esse tipo de produção, de vídeos interativos, também pode ser estudada,, em um futuro próximo, a utilização nos programas jornalísticos da TV digital?*

R. Sem dúvida. Mas acho que o recebimento de material a partir dos telespectadores (usuários) já é uma prática.

7. *Como você imagina o telejornalismo na TV digital?*

R.: Deverá utilizar de maneira mais comum essa nova possibilidade (o envio e recebimento de dados) para melhorar ainda mais o contato com o usuário/telespectador, associado ao já tradicional fluxo de som e imagens da TV como sempre foi conhecida.

8. *Quais são as mudanças e reformulações que devem ser feitas nesses programas, para melhor adequação à nova tecnologia?*

R.: Quando se optar pelo uso de interatividade diretamente ligada ao fluxo de áudio e vídeo, deverá se pensar na relação entre as informações (dados) e o áudio e vídeo.

9. *O processo de substituição dos sinais na televisão demanda por reformulações de cargos e funções desenvolvidos pelos profissionais de comunicação dentro da emissora? Como serão essas mudanças?*

R.: Já começou com a digitalização, com a mudança da edição linear para a não-linear. No mais, a necessidade de integração com outras mídias e o conhecimento de outros *softwares* vão ser fundamentais. Existem estudos mais aprofundados sobre esse impacto? Creio que quem pesquisou isso foi o CPqD de Campinas.

10. *O telejornalismo na TV digital tende a ser mais interativo, com participação direta dos telespectadores que, muitas vezes, vão auxiliar no processo de produção das reportagens e complementar informação com novos dados através do hipertexto. Essa interação, via gíngua, através do canal de retorno, não coloca em xeque a credibilidade e a veracidade da informação?*

R.: Realmente, vivemos um período em que temos o privilégio de acessar muitas informações, mas temos um enorme trabalho para conferir a credibilidade de tais informações. É aí que o trabalho do jornalista acaba sendo ainda mais fundamental. Quem pensa que a figura do jornalista fica reduzida diante da possibilidade de qualquer pessoa mandar e receber informações se engana. É ele que pode garantir a credibilidade do que vai ser divulgado.

11. *A função do jornalista deve ser reestruturada dentro das emissoras. Como será o jornalista de televisão na era digital?*

R.: Creio que a função do jornalista permanece a mesma, mas com esse trabalho a mais, de analisar um número bem maior de informações e passar credibilidade.

11. *As emissoras estão emergindo para o Sistema Brasileiro de Televisão Digital. Mas o que essas empresas têm priorizado, até o presente momento, é a qualidade da imagem. Questões como a interatividade, a portabilidade, o canal de retorno, a produção de vídeo-on-demand não estão sendo colocadas em prática. Porque esse processo ainda é lento?*

R.: Tem a ver com a implantação técnica da interatividade – a disponibilização do Ginga, por exemplo, e os equipamentos que necessitam dele – e também a facilidade de acesso a ferramentas de produção de conteúdo que permitam a inserção de interatividade.

12. *Você acredita que haverá uma resistência por parte dos jornalistas a todas essas modificações propostas para reformulação dos telejornais na TVD?*

R.: Creio que não. As mudanças já fazem de todo um processo de mudança em várias mídias, não só na TV.

13. *Todas essas mudanças no telejornalismo, estudadas pelos pesquisadores acadêmicos, serão de fato colocadas em prática dentro das emissoras?*

R.: Certamente as que forem viáveis – não só comercialmente – mas também de aceitação dos usuários, serão colocadas em prática.

14. *Sua opinião. Como avalia esse processo de convergência de sistema analógico para digital no Brasil? Está caminhando, ou ainda é lento em vista de outros países?*

R.: É lento. Mas nos outros países isso também está sendo assim. Se encontrarmos formas de garantir a interatividade, acho que mesmo com essa demora, poderemos estar na frente no futuro.

ANEXOS A

Modelo de Análise Individual de telejornais TELEJORNALISMO

MODELO DE ANÁLISE PARA TELEJORNAL

Antes de iniciarmos a produção de reportagens, o planejamento e edição de um telejornal, os alunos devem dedicar-se pelo menos seis horas a análise detalhada de exemplos tomados da televisão local, regional ou estrangeira.

Etapas:

a) Estudo detalhado de um noticiário televisivo nacional, gravado, preferencialmente no dia anterior, a não ser que queira fazer estudos seqüenciais (por exemplo: dois dias por semana durante três ou quatro semanas seqüenciais).

b) Os analistas devem ver os telejornais gravados sem interrupção, como se tratasse de uma primeira visão ao vivo.

c) Na seqüência deve apresentar suas impressões de conjunto, assinalando pontos que merecerão observações detalhadas posteriormente.

d) Numa segunda visão do noticiário, devem reconstruir o roteiro do telejornal, isto é um breve esquema que indica as notícias emitidas na transmissão, esclarecendo a sua origem (local, regional, nacional ou internacional), seu tratamento (Leitura a secas, com fotos fixas no fundo, reportagem com som direto ou reportagem sem som), e enumerando os comerciais que foram inseridos em cada intervalo e os produtos que anunciados. Há necessidade de cronometrar exatamente o tempo de transmissão e incluso de cada notícia para determinar assim a hierarquia de valores que usa a emissora geradora do noticiário em análise.

e) Uma vez concluída esta etapa, os analistas devem por escrito fazer suas reflexões, acompanhadas do esquema que elaboraram durante a transmissão.

- Analise do ritmo geral do telejornal, uma vez determinado o tipo de público a que se destina, assim como sua estrutura orgânica.

- Destas reflexões, devem relatar as variedades dos códigos empregados na linguagem televisiva.

f) Uma notícia anunciada em primeiro lugar nas chamadas (as manchetes dos titulares) – as chamadas no início de alguns noticiários da televisão, e as que são concedidas vários minutos na transmissão, ilustrada com reportagem ao vivo e entrevistas, equivalendo as manchetes do jornal impresso.

g) Ao contrário, uma notícia sem ilustração gráfica, lida por um dos locutores apresentadores, com no máximo 12 linhas de texto escrito.

Na segunda sessão da análise, os alunos devem, de forma semelhante à anterior, revisar e analisar o outro noticiário, usando os mesmos itens e parâmetros adotados na primeira fase do estudo.

BIOGRAFIA TÉCNICA DO MEIO

- Ficha Técnica do Meio

25. Título do Programa.

26. Horário da Emissão.

27. Duração da Transmissão do programa.

28. Frequência:

(diário: 2ª a 6ª feira)

(diário: 2ª a Sábados)

(diário: 2ª a Domingo)

29. Nome e Sigla que designam o Canal.

30. Cidade Sede dos Estúdios.

31. Cobertura do Canal.

32. Potencia Efetiva (geografia da ação).

33. Localização da Antena Transmissora.

34. Dados aproximados (se existem estudos de audiência feitos por Institutos, das audiências do canal na hora do telejornal).

35. Estrutura financeira da emissora: Estatal, Privada, Mista.

36. Linha ou tendência ideológica (Qual predominância).

Para tabular os resultados ou organizar o material recolhido em observações do programa, convém elaborar um quadro estatístico, classificando as notícias por assinaturas:

QUADRO 1 – CLASSIFICAÇÃO DAS NOTÍCIAS

Item	Assinaturas das Notícias	Quant.	%
1	Econômicas		
2	Políticas		
3	Laborais (trabalhos)		
4	Sociais		
5	Policiais		
6	Artísticas e Culturais		
7	Educacionais		
8	Esportivas (todas as áreas)		
9	Outras (especificar)		

QUADRO 2 – PROCEDÊNCIAS DAS NOTÍCIAS

Itens	Por Procedência	Quant.	%
1	Nacionais		
2	Regional		
3	Local		
4	Internacional		

MODELO DE PLANILHA DE ANÁLISE

1 LOCUÇÃO

Vocalização: () Clara () Escura.

Pronúncia: () Correta () Incorreta.

Ritmo de Leitura: () Acelerado () Normal () Lento.

Contato com o público telespectador:

- () Apego excessivo ao apontador mecânico ou teleprompter;
- () Apego visível ao texto nas laudas / roteiro;
- () Formalidade ou frieza excessiva na expressão e presença física;
- () Facilidade de improvisação e soltura nas fórmulas de transmissão, apresentação ou despedida.

2 REDAÇÃO

Gramática e Sintaxe: () correta () incorreta

Uso de tecnicismos ou estrangeirismos: () Indiscriminado () Adequado

Adequação ao meio televisivo:

- () reiterativa da mensagem visual;
- () simples complemento escrito das imagens;
- () harmonia entre a mensagem visual e a auditiva.

3 CENÁRIO DO “SET”

Decoração do fundo: () descritiva () barroca () discreta

Localização dos locutores:

() Escritório “mostrador” ou atril individual.

() Distância entre eles mesmos e () em relação ao set.

() Ângulo de tomada dos locutores:

() Normal, () Dispersas, () Centralizada nos locutores

() Iluminação geral:

() excessiva () dispersa () centralizada nos locutores

() adequada.

4 ESTRUTURA FORMAL DA EMISSÃO:

- Apresentação e Encerramento:

- Apresentação gravada: () Longa () Adequada () Dinâmica

- Títulos Sobrepostos no set ao vivo: () adequação ao formato geral da emissão

- Ritmo da emissão: proporção dos segmentos: (Reportagens, entrevistas, notícias lidas, publicações).

- Amenidades e interesses: combinação harmônicas vídeo e áudio.

- Direção e movimentos das câmeras.

() cortes diretos e cada locutor em um mesmo plano.

() uso de movimento de câmeras:

() excessivo () apropriado, () só na apresentação () despedida

5 CONTEÚDO NOTICIOSO DO TELEJORNAL

Quantidade total das notícias emitidas:

Procedências e percentuais das notícias:

() Nacional () Estadual () Regional () Local.

Classificação das notícias por assinaturas:

() políticas () econômicas () sociais, () esportivas () artísticas () Triviais.

Espaços dedicados ao jornalismo analítico: () Nacional () Internacional

6 REPORTAGEM E ENTREVISTAS

Aspectos jornalísticos:

Apresentação ou introdução do repórter in loco:

() Longa () Adequada () Não necessária.

Participação do repórter:

() Simples presença, () Entrevista “ativa”, () Discreta, () Distrativa)

Harmonia entre texto escrito e “declarações”:

() Simples repetição () Reiterativa, () Integrada.

Valor jornalístico da reportagem ou entrevista:

() Se justifica sua inclusão no noticiário?

() Que valor concede ao noticiário a essa notícia?

() Que categoria adquire a reportagem no conjunto do noticiário?

() Se trata de uma série? Que valor tem esta “entrega” dentro do conjunto da reportagem?

() Se centra na reportagem ou na entrevista em um só tema?

Aspectos Formais:

Angulação da câmera

() Normal () Picado () Contra picado

Variedade de planos e movimentos de câmeras

() Discreta () Adequada () Não necessária.

Intervenção do repórter

() Fora de esquadro () Demasiado patente () Discreto

Edição ou montagem

() Se alargaram não necessariamente as declarações, sobre passando o ponto de afetividade?

() Se prescinde da montagem, pretendendo colocar o espectador frente a realidade?

() Se divergem as declarações a base de uma montagem dinâmica?

Identificação do entrevistado ou declarante

- () Verbal (do início e ao fim por parte da repórter)
- () Com subtítulos sobrepostos (pelo menos duas vezes)

Referência

SAEZ, José Luis. **En el lugar del hecho - *El reportero de TV***. Quito: Ciespal, 1986.

ANEXO B

Modelo de Análise Comparativa de telejornais

ANÁLISE COMPARATIVA DE TELEJORNALIS

A - QUESTÕES GERAIS

- Avaliar os diversos noticiários do ponto de vista de gostar ou de não gostar, justificando a opinião.
- Avaliar qual deles combina mais com os interesses pessoais, analisando o porquê.
- Observar o grau de compreensão das notícias em cada um dos telejornais, analisando como isto é obtido.

B - A ESTRUTURA

- Comprovar a duração global de cada um dos noticiários e a quantidade de notícias oferecidas em cada um.
-
- Analisar a estrutura de cada noticiário, os blocos em que são estruturadas as diferentes notícias: internacionais, nacionais, culturais, esportivas, o tempo (uma média das reportagens), ...
- Analisar o tempo dedicado a cada bloco e a quantidade de notícias que o compõem em cada um dos noticiários.
- Comparar a quantidade de notícias destacadas nas manchetes de cada noticiário a analisar quais são em cada caso.
- Comparar a importância da imagem e da trilha sonora em cada noticiário.
- Comparar em que proporção a imagem e o som cumprem respectivamente a função de reproduzir o acontecimento e de comentá-lo.
- Analisar em cada noticiário se há redundância, reforço, comparação ou antítese entre a imagem e a trilha sonora.
- Comparar a capacidade de cada um de usar uma linguagem sintética evitando criar dissociações no receptor a partir do que é comunicado pelas imagens e pelo texto verbal.
- Comparar a importância dada ao apresentador ou apresentadores por cada noticiário.

C - O NÍVEL DE INTERESSE

- Avaliar o nível de interesse das notícias em cada um dos noticiários, analisando como isso é obtido:

- Pelo vínculo existente entre as notícias e as preocupações do espectador.
- Pelo exotismo ou distância das informações. (o de + predominância ou ausência)
- Pela quantidade de ação das notícias.
- Pelo enfoque mórbido das abordagens de temas relacionados com a dor e a morte.
- Pelo tratamento narrativo e personalizado das informações.
- Pela procura da dramatização e do conflito.
- Pela mitificação, a personalidade ou o poder de atração dos apresentadores.
- Pela incorporação de músicas e efeitos sonoros gratificantes.
- Pela incorporação de efeitos visuais gratificantes.
- Avaliar, comparativamente, se a profundidade e a complexidade são sacrificadas em prol da espetacularidade.

D – A CARGA IDEOLÓGICA

- Analisar a carga ideológica que se depreende da utilização de determinados recursos formais em cada um dos noticiários:
 - O léxico. Seleção de termos (substantivos reforça o, adjetivos, advérbios, ...) com uma forte carga semântica.
 - O tratamento visual. Utilização, significativa (para adjetivar) de recursos formais como o uso de planos diferentes, da angulação, dos movimentos das câmaras ...
 - O tratamento sonoro. Utilização significativa (para adjetivar) de recursos formais como a música e os efeitos sonoros.
 - A ordem. Carga ideológica derivada da ordem das notícias, da sua hierarquização.
 - A duração. Carga ideológica derivada da duração outorgada a uma mesma notícia nos diversos noticiários.
 - A confrontação. Observar a carga ideológica derivada da justaposição de notícias pelo fato de compará-las, contrapô-las ou relacioná-las.
 - As declarações. Observar se há opiniões que são apresentadas como notícias.
 - Os silêncios. Carga ideológica derivada do fato de que não sejam dadas algumas notícias ou alguns dados de algumas notícias.
- Comparar o grau de simplificação ou de complexidade com que as informações são apresentadas em cada caso, principalmente nas notícias mais polêmicas.
 - Comparar, nas notícias polêmicas, o número de pontos de vista contrários ou complementários que são dados a conhecer em cada noticiário.
 - Analisar a quantidade de notícias governamentais ou do partido do governo oferecidas em cada um dos noticiários. Compará-las com as que são oferecidas sobre os partidos de oposição.
 - Se houver informações violentas, comparar o tratamento dado a elas em cada noticiário. (abordam a violência, por exemplo tiroteio)

E – O TRATAMENTO FORMAL

Recursos Visuais

- Observar se há diferenças significativas na utilização de recursos formais visuais: posição da câmara em relação aos personagens, tomada de planos, composição, angulação, iluminação, movimentos de câmara, cor, truques ...
- Analisar a importância conferida, em cada caso, à ambientação, à cenografia, ao ambiente físico, à criação de um espaço comunicativo: o estúdio com o seu cenário, o número de câmeras ...
- Observar a proporção em que cada noticiário usa uma série de recursos visuais humanos, gráficos e técnicos (efeitos especiais):
 - Recursos Humanos: apresentadores carismáticos, notícias com imagens atuais, notícias com imagens de arquivo, declarações ou testemunhos ...
 - Recursos Gráficos: cartazes, mapas, desenhos, rótulos com dados esquemas, vinhetas, anagramas ...
 - Recurso técnicos: *teleprompter*, inserções, *chromakey*.

Recursos Sonoros

- Observar se há diferenças significativas na reutilização de alguns recursos formais sonoros:
 - a linguagem usada pelos jornalistas e pelos personagens: clareza, concisão, precisão, agilidade ...
 - O tom usado pelos jornalistas e pelos personagens.
- Diferenças nos diversos noticiários no que se refere á musica.
 - Quantidade de musica usada em cada um deles.
 - Funções desempenhadas pela musica em cada um.
 - Presença e qualidade das sintonias e musicas de conexão.
- Diferenças nos diversos noticiários quanto aos efeitos sonoros:
 - Quantidade de efeitos de cada noticiário.
 - Funções cumpridas em cada um.
 - Avaliar com que frequência e eficiência é usado o som direto, de ambiente em cada noticiário.

F – INTERAÇÕES

- Analisar como cada noticiário resolve os problemas de *raccord* ou continuidade entre as notícias.

- Analisar como cada noticiário funciona no referente ao dinamismo, ao ritmo. Avaliar a sua adequação as necessidades do espetáculo, mas também as de compreensão e de profundidade no tratamento.

Referência

FERRÉS, Joan. **Televisão e educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.